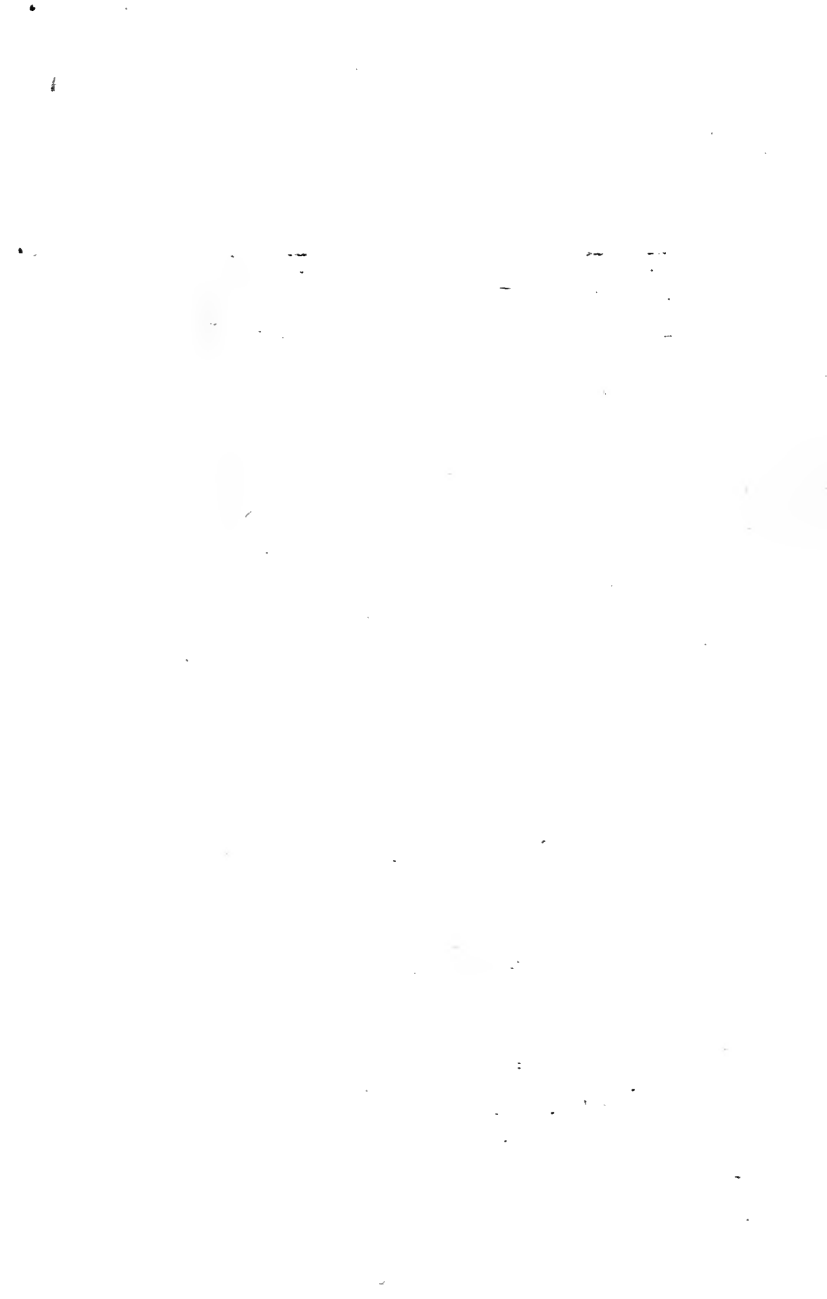
Verdades Indiscretas

ANTONIO TORRES

VERDADES INDISCRETAS

2ª edição

(5.º Milheiro)

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA CASTILHO
A. J. DE CASTILHO — Editor
RUA S. JOSÉ, 114
1920

Laissez dire, laissez-vous blâmer, condamner, emprisoner, laissez-vous pendre, mais publiez votre pensée. Ce n'est pas un droit, c'est un devoir, étroite obligation de quiconque a une pensée, de la produire et mettre au jour pour le bien commun. La verité est toute à tous. Ce que vous connaissez utile, bon à savoir pour un chacun, vous ne le pouvez taire en conscience. Jenner, qui trouva la vaccine, eût été un franc scélérat d'en garder une heure le secret; et comme il n'y a point d'homme qui ne croie ses idées utiles, il n'y en a point qui ne soit tenu de les communiquer et répandre par tous moyens à lui possibles. Parler est bien; écrire est mieux; imprimer est excellente chose. Une pensée déduite en termes courts et clairs, avec preuves, documents, exemples, quand on l'imprime, c'est un pamphlet et la meilleure action, courageuse souvent, qu' homme puisse faire au monde. Car, si votre pensée est bonne, on en profite; mauvaise, on la corrige, et l'ont profite encore. Mais l'abus... sotise que ce mot; ceux qui l'ont inventé ce sont ceux qui vraiment abusent de la presse, en imprimant ce qu'ils veulent, trompant, calomniant et empêchant de reponsdre. Quand ils crient contre les pamphlets......... ils ont leurs raisons admirables. J'ai les miennes et voudrais qu'on en fit davantage, que chacun publiât tout ce qu'il pense et sait! Les jésuites aussi criaient contre Pascal et l'eussent appelé pamphletaire, mais le mot n'existait pas encore; ils l'appellaient *tison d'enfer*, la même chose en style cagot. Cela signifie toujours un homme qui dit vrai et se fait écouter.

PAUL-LOUIS COURIER
Pamphlet des Pamphlets.

PREFACIO

Questão fechada fez o editor de ter um prefacio para este livro; e eu, obediente como costumo ser para com quem me falla brandamente, aqui estou a escrever o famoso prefacio, posto que sem atinar muito nitidamente com a utilidade e menos ainda com a necessidade delle. Com effeito, este livro é feito de coisas ha muito tempo escriptas, sendo ineditas umas, e outras já publicadas em jornaes. Si me perguntarem por que altas razões publíco este livro, responderei que isto faço sómente por me ter o editor offerecido comprar uma edição de folhas avulsas, que eu por ventura tivesse dentro das minhas pastas e das minhas gavetas. Caso queiram saber o què penso do volume, direi que não penso delle mais mal do que o que por ventura possam pensar os meus mais encarniçados desaffectos. Dei-lhe o titulo de Verdades Indiscretas, *embora não ignorando ser essa uma expressão pleonastica, pois quem diz verdades commette sempre indiscreção... A linguagem*

em que o escrevi póde não ser das mais primorosas, mas dois attributos ha que ninguem lhe poderá, sem manifesta injustiça, negar: sinceridade e franqueza. Escrevendo para ser lido por homens, claro está que, embora evitando o termo vulgar, desprézo euphemismos e circumloquios sempre que a verdade me parece exigir a expressão clara, secca e por vezes rude. Não tenho, cuido eu, necessidade de dizer mais a respeito destas paginas, que — pobre de mim! — jámais cogitára de dar á estampa, si não me houvera apparecido um editor providencial e bastante temerario para adquiril-as e imprimil-as. Deus o ajude e o publico o favoreça, afim de que esse honrado e corajoso homem, sem motivos para arrependimento, compre futuramente ao pobre escriptor o resto da papelada que elle ainda possue nas gavetas e no cerebro . . .

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1920.

Nota desta 2.ª edição — O exito obtido por este livro (dois mil exemplares exgottados em quinze dias, quasi que só no Rio de Janeiro) nem o esperava o autor, nem o adivinhára o editor. Eis porque sae agora a segunda edição. Autor e editor agradecem ao publico o apoio que lhes têm dado. Nesta edição corrigiram-se erros typographicos que escaparam á revisão na primeira; assim como tambem é possivel que erros não apparecidos na primeira surjam nesta. Uns e outros merecerão indulgencia do leitor.

A. T.

A' maneira de Pangloss...

Hontem, no cemiterio de S. Francisco Xavier, tentou suicidar-se um velho esculptor, e deixou em carta os motivos que o levaram a sahir voluntariamente de uma vida em que entrou sem ser consultado, como toda a gente... Depois de narrar nessa carta as suas desditas, disse elle: «Parece que nesta terra os vagabundos e os ladrões têm mais garantia do que os homens honestos.» Não parece, não, senhor: é certo. Ha uma solidariedade tão extraordinaria, tão perfeita entre os vagabundos e os ladrões, que não sómente elles têm todas as garantias, como ainda são os maiores pregadores de moral para os outros. E si tivermos a ingenuidade de querer resistir á matilha infrene, arriscamo-nos a ir parar na Detenção, porque a policia é favoravel aos vagabundos e aos ladrões. Em caso de conflicto entre homens honestos e sujeitos de

consciencia cauterisada, vencerão fatalmente os ultimos, si a policia fôr chamada a decidir o pleito. De maneira que, em casos taes, a solução parece ser: ou assentar praça de vagabundo, ou imitar o esculptor. Samuel Smiles aconselharia o trabalho, o esforço, a virtude. Pedro Kropotkine talvez aconselhasse meios violentos. Jesus Christo aconselharia paciencia. O sr. Teixeira Mendes lembraria o altruismo e a obrigação de cada um ser virtuoso afim de concorrer para o triumpho do regimen pacifico-industrial. Esses conselhos têm todos o defeito de ser muito solemnes. Para não ser esmagado pelos vagabundos e ladrões, o melhor é ir-lhes cada qual cedendo quanto fôr possivel do que contiver a sua bolsa, e, depois disso, fazer como Figaro: rir-se delles e de tudo, *de peur d'en pleurer*... Nestes tempos tristes, o riso é o unico reducto dos infelizes. Viverá quem fôr capaz de rir. Não se trata aqui do riso vulgar, mas do riso interior. Póde um homem estar sério e, entretanto, com a alma desfeita em risadas interminaveis. Esta maneira de rir não desopila o báço, mas consola o espirito. Ainda é a melhor maneira de viver nestes tempos asperos: não se enthusiasmar pela grandeza da Patria, que póde ser instrumento nas garras de espertalhões: não

desesperar do futuro da Patria, porque esse desespero tambem póde servir de gazúa para espertalhões de outro grupo. Rir para viver. A vida não é das coisas mais agradaveis, mas tambem, por outro lado, talvez não valha a pena morrer...

A Gentileza Britannica

Appeteceis saber como os inglezes costumam communicar a um cidadão que elle vae ser enforçado? Em pleno tribunal, o *lord-chief Justice*, imitado pelos outros tres juizes, collocou um quadrado de panno preto sobre o gorro pardacento, e, refere um jornalista parisiense, dirigindo-se a Sir Roger Casement, lhe disse muito amavelmente:

> «—David-Roger Casement, le jury a délibéré sur votre cas et décidé que vous étiez coupable du crime abominable de haute trahison. La sentence de la cour est que vous soyez pendu par le cou jusqu'à ce que vous soyez mort. Que le Seigneur ait pitié de votre ame.»

Em vernaculo, quer isto dizer: «David-Rogerio Casement, deliberaram os juizes

acerca de vosso caso e decidiram que sois réo do abominavel crime de alta trahição. E' sentença da alçada que sejais enforcado pelo pescoço até á morte. Tenha o Senhor piedade da vossa alma.»

Sem querer entrar no exame *de meritis* desta deeisão, devemos convir nisto—que os inglezes são fidalgos quando têm de communicar a um cidadão que elle é um trahidor e que como tal será enforcado. Interessante aquelle «*jusqu'à ce que vous soyez mort*—enforcado pelo pescoço até á morte». Isso revela o espirito pratico britannico. Quando se diz a um sujeito—«O senhor vae ser enforcado»—ainda lhe póde restar alguma esperança, ou de ser enforcado pelo pé, ou ainda de viver, mesmo depois do carrasco lhe haver sapateado sobre o pescoço; mas os inglezes, que não querem enganar a ninguem, que fazem questão de lealdade até a morte, dizem graciosamente ao réo: «Meu amigo —o seu crime exige castigo exemplar; o senhor vae, pois, ser enforcado pelo pescoço... até morrer, note bem. A legislação ingleza, sobre ser a mais liberal do universo, é tambem e por isso mesmo uma das mais sabias. Si, portanto, julga necessario avisar ao réo de que seu enforcamento será «até morte», é porque, de certo, isso é de necessidade provada pela ex-

periencia, ao menos na Inglaterra. Quanto a mim, essa clausula era inteiramente desnecessaria. Por isso, ó sabios juizes inglezes, si algum dia eu tiver de ser enforcado ahi na livre Inglaterra (*quod Deus avertat!*) podeis perfeitamente supprimir na sentença o « pelo pescoço» e o «até a morte». Basta dizer-me: «O senhor vae ser enforcado». Não preciso de mais para meu governo...

Litteratura Hermista

Nunca será demais insistir, em se tratando das poesias do sr. Hermes Fontes, na necessidade de estudar, de emancipar o espirito de toleimas amorosas, na necessidade de ser homem, de pensar como homem, de viver como homem, de collocar o orgulho masculino acima de ephemeras paixonetas, de levantar a fronte para os sonhos grandes, de alçar o coração—pelas forjas de Vulcano!—acima das mulheres! Limite-se cada um a colhel-as elegremente de passagem, como fructos maduros, si fôr possivel; não sendo possivel, nesse caso, buscar outras, outras e mais outras, pois mulheres não faltam neste mundo.

Todo homem, é certo, tem na sua vida um momento em que a porção inferior de seu ser se rende aos amavios do sentimentalismo; mas esse periodo, para homens de pensamento, passa. Passa, ou deve passar. Si não

passar por si, compete a cada um dominar-se, agarrar o coração pelos ventriculos e subjugal-o sem piedade; encostal-o ás paredes do seu arcaboço como um adversario futil, um troca-tintas piegas, e bradar-lhe, de maneira que elle não tenha coragem de replicar: «Aquieta-te, imbecil! Homem que não tiver força para tanto é indigno de pensar. Gastar vida, papel e tinta a ruminar velhas magoas amorosas, como no tempo do fallecido Casimiro de Abreu, póde agradar a meninas anemicas, avatares de Mimi e de Margarida Gautier; mas não póde absolutamente commover a espiritos sérios e a corações graves. Escriptor que tiver nas costas esse crime deve penitenciar-se, afastar-se quanto antes dessa *via mala perditionis* e entrar nos caminhos da contemplação, do pensamento, das exaltações masculas deante da Vida, procurando-lhe novas interpretações; ou assimilando as antigas e cantando-as em versos que as meninas detestam mas a Immortalidade recolherá nas dobras da sua clamyde. O sr. Hermes Fontes, em vez de procurar abeberar-se nas Castalias antigas a nós legadas pelos espiritos immensos, que forjaram todo o pensamento contemporaneo, dobra-se para dentro de si só, convencido de que só por si póde encontrar em

si motivos d'arte. Está provado que isso não é possivel...

Quando sáe de si é para mastigar magoas iterativas, isto é, magoas que se repetem numa monotonia de velhas traquitanas subindo morros em cremalheiras. Percorra-se o seu ultimo livro MIRAGEM DO DESERTO. E' um deserto sem miragens nem oasis. Si salvarmos *Crepusculo*, *Buena Dicha*, *Nevoa* e *Attracção do Abysmo*, quatro composições soffriveis, o resto da brochura é um desastre rimado. Nem estructura harmoniosa do verso, nem imagens poeticas, nem elevação de pensamento, nem toques de sensibilidade, nada que se deva rigorosamente exigir no livro de um poeta que, ao seu apparecimento, foi saudado como um heróe.

> Céo monotono e o areal sem termo, inserto,
>
> Entre um barbaro mar e uma terra selvagem!

Como se vê, já na primeira pagina, temos um areal «inserto» entre um mar e uma terra. E' patente, tratando-se de uma idéa vasta, a impropriedade do verbo *inserir*. Não se insere um areal entre a terra e o mar como se insere um artigo entre um communicado e um annuncio. O sr. Hermes Fontes inseriu mal o pobre areal.

Subi aos cumes e ao planalto,
para eximir-me
do meu peccado original

Onde está a poesia destes versos? Então um poeta sobe aos cumes para «eximir-se» do peccado original? Isto nunca foi linguagem de artista; isto é linguagem de funccionario publico. Si o sr. Hermes Fontes, no exercicio de seu cargo de praticante dos Correios, requeresse inquerito administrativo para eximir-se da responsabilidade de qualquer delicto por ventura havido na sua secção, faria muito bem; e melhor faria ainda si deixasse de escrever, para eximir-se da responsabilidade de tão maus versos.

Quem é Chopin para o sr. Hermes Fontes?

E' o Reflector-sonoro do gemido
Do Mar a debater-se contra o cáes.
E' o Interpretador do Arrulho e do Rugido,
Que entende o coração inentendido
De todos os tres Reinos Naturaes.
....
Chopin é o deus-mendigo, soberano
Das grandes almas sobrenaturaes;
E' o escaphandrista magico do oceano
Das Tristezas, das Scismas e dos Idéaes...
O' quintessencia harmonica do Ruido!
O' Bramido! O' Gemido!

Pobre Chopin! Não lhe bastava a sua melancolia immensa! Não lhe bastava ter tido

a desgraça de ser amante de George Sand! Faltava-lhe ainda soffrer a injustiça de ser tachado de «reflector» e «escaphandrista» pelo sr. Hermes Fontes! Francamente, Chopin tinha motivos profundos para escrever a *Marcha funebre*...

A verdade é que esta *Miragem do Deserto*, quando não é uma lamuria viscosa em torno de raparigas voluveis, parece um pamphleto metrificado contra os grandes homens.

Visão de sabio, olhar de Medio, olhos de orago,
Vêde que a natureza em madrasta se esfez
Ao pôr Beethoven surdo, e Desmosthenes gago,
E Milton cégo, em meio ao torvelhinho inglez!
....
E o cégo viu o que não vê qualquer — o Poema...
E o surdo ouviu o que ninguem de outrora ouvia...
E o Grego declamou a Eloquencia Immortal!

Exactamente! E por causa de tudo isso o poeta escreveu prosa rimada, *Satis loquentiae, sapientiae parum*. Muito loquela para não dizer grande coisa. E' impossivel, porém, citar tudo quanto é prosa neste livro de versos. Salvo as excepções já apontadas, seria necessario citar todo o livro, principalmente a parte sentimental, em que ha verdadeiras comichões de vulgaridades e chatices — o que, até certo ponto, é natural, pois é impossivel hoje em dia fazer versos amorosos sem cair de quatro pés no atoleiro bituminoso das expansões sediças.

Por isso é melhor não os escrever; ou, quando não seja possivel deixar de escrevel-os (diz Horacio que certos sujeitos, si não puderem versejar, enlouquecem—*aut insanit homo aut versus facit*), nesse caso façam presente delles ás namoradas, mas pelos cornos de Satanaz! —não os publiquem! Raios nos partam, si um homem, attingindo a certa idade, não tiver obrigação de curar-se de toleimas lyricas. Nem me venham dizer que Victor Hugo envelheceu a fazer versos de amor. Isso era muito interessante no tempo delle, que appareceu em 1830. Hoje os poetas, quando não são deputados, causidicos e tabelliães, envelhecem a pensar coisas graves e bellas, como o grande Verhaeren. Já é tempo de sanear o campo litterario, alimpando-o dessa malta chorosa e menineira de Macieis Monteiros...

Moeda falsa e paradoxo...

O homem do dia é um certo Albino Mendes, que com grande estardalhaço policial, aqui chegou hontem, preso como fabricante de moeda falsa. De todos os crimes, é o da moeda falsa o menos antipathico, pelos menos para nós outros que não dispomos de capitaes sujeitos á concorrencia da moeda não autorisada por lei. Comprehendo perfeitamente que os capitalistas tenham ao moedeiro falso o mesmo santo horror que têm os padres aos herejes, o mesmo horror profissional que têm os medicos aos charlatães, o mesmo odio que têm os verdadeiros escriptores aos plagiarios, a mesma raiva que têm as senhoras casadas ás mulheres de vida alegre. Tudo se resume em afastar concorrentes... O odio do padre pelos herejes provém menos do zelo pela salvação das almas do que do desejo de afastar um concorrente na lucta pela vida. Si os medicos perseguem os outros charlatães, é mais porque os charlatães desviam dinheiro da sua bolsa

do que por amor á vida do seu semelhante. Si os escriptores bradam ás armas contra os plagiarios, é por temerem que estes vendam mais livros do que elles. Si, finalmente, as mulheres casadas detestam as meretrizes, é menos por espirito de pureza do que por amor proprio offendido e tambem por temerem certos prejuizos de caracter intimo... A Sociedade considera amor legitimo o casamento. Tambem só considera legitimo o dinheiro que leva a assignatura authentica do poder publico; de onde decorrem, para ella, o dever e o direito de perseguir, por meio de certas autoridades, os individuos que têm bastante intelligencia para imitar a moeda autorisada pelo Estado. Ora, os falsificadores de moeda estão para a Moral assim como as meretrizes estão para o Amor. Ha individuos eminentes que se revoltam contra o amor em familia e nem por isso são perseguidos. Como então perseguir os que se revoltam contra a moeda autorisada? Si não perseguem as prostitutas, que são revoltadas contra o amor autorisado pelo Estado, porque perseguir os que se revoltam contra o dinheiro autorisado pelo governo? Tolerar mulheres que (na opinião da Sociedade) falsificam o amor, é crime um pouco maior que tolerar homens que falsificam moeda. Portanto, metter na cadeia os moedeiros falsos, porque cor-

rompem o dinheiro, e não metter egualmente na cadeia as mulheres que corrompem os corações, é incongruencia. O crime capital dos moedeiros falsos é enganar o proximo, dando-lhe dinheiro falso, para, dest'arte, viver á custa da collectividade, sem auxilial-a com o seu trabalho. As meretrizes tambem vivem de illudir o proximo, dando-lhe falso amor, não trabalhando, vivendo parasitariamente, e, mais, disseminando calamidades e fugindo á finalidade da mulher, que é a maternidade. Como, pois, explicar que se deixem em paz as cortezãs e se persigam os moedeiros falsos? E' que a Sociedade não é sentimental, mas puramente interesseira; em vez de cultivar o amor prefere cultivar a avareza. Os artigos do Codigo que perseguem os moedeiros falsos foram inspirados por Harpagon. Uma das faces mais curiosas da psychologia humana é esse respeito pelo dinheiro, a que não escapou o proprio Jesus Christo. No dia em que os judeus lhe apresentaram uma moeda com a effigie de Cesar e lhe perguntaram, com segunda intenção, si era permittido pagar tributo ao Romano, elle, o pobre, o abnegado, o desprendido, o desprezador pratico do dinheiro e reformador da natureza humana, respondeu que era dever dar a Cesar o que era de Cesar e a Deus o que era de Deus—*Reddite ergo quæ sunt*

Cæsaris Cæsari et quæ sunt Dei Déo... Elle teve piedade da adultera; perdoou a Magdalena; condemnou o divorcio; teria perdoado ao proprio Judas si o trahidor lhe tivesse pedido perdão; enfrentou o poder dos tetrarchas, a majestade do povo romano, o orgulho do Synhedrio e a crueldade dos supplicios; proclamou-se Deus deante de Jehovah e de Jupiter Capitolino! Mas deante da moeda sonante, deante do dinheiro, do aureo dinheiro que elle desprezava, do omnipotente, do invencivel dinheiro que Cesar extorquia a seus patricios, Christo não tergiversou: mandou dar o dinheiro a Cesar... Dizer que elle o fez por medo é estulticia, porque a sua attitude ulterior provou que elle não temia nem as torturas nem a morte. Como explicar então que Jesus Christo tenha respeitado tanto a propriedade, embora decorrente de actos de tyrannia que deviam repugnar á sua natureza misericordiosa? Si elle era apenas homem, o facto se explica facilmente pela sua nacionalidade de judeu; si, porém, elle era realmente Deus, nesse caso entramos francamente no dominio do mysterio... E aqui, insensivelmente, chegamos a uma curiosa conclusão: a Sociedade, com toda a sua hypocrisia, fechando os olhos á prostituição e perseguindo os moedeiros falsos, não faz mais que imitar a Jesus Christo!

Zodiaco

A critica já disse o que se podia dizer do ZODIACO, livro de versos do sr. Da Costa e Silva. Toda a imprensa já o elogiou e justamente. O sr. da Costa e Silva sabe trabalhar o seu verso. Conhece a sua lingua—*avis rara in terra aliena*. Tem o sentimento da medida e exprime-se com clareza. Evita tropeços e pedrouços que costumam desfeiar livros de poetas aliás apreciaveis. O seu livro está cheio de aliterações e sonancias que são novidades para o nosso idioma. Aprendeu-as o poeta, sem duvida alguma, em Emilio Verhaeren.

> Em altos brados desvairados,
> Passam os ventos nos descampados,
> As avalanches em turbilhão,
> Imprecando, bramando, soluçando,
> Num côro formidando,
> Pela amplidão.

Toda esta *Ventania*, que é trabalho de

fino lavor, está cheia de repercussões verhaerenianas. Por vezes, o amor á musica e a tortura da onomatopéa *sans en avoir l'air* fazem o poeta deslisar num vicio a que os grammaticos chamam *collisão*, e vem a ser a repetição frequente da mesma consoante *para obter certos effeitos onomatopaicos.*

Exemplo, tirado do *Redemoinho*:

De repente
O redemoinho rapido, revolto
E desenvolto, volteia, envolto
No vortice envolvente
Do pó que sobe sacudido, solto
No aereo ambiente.

Como se vê, é uma simples e pura logomachia. O sr. Da Costa e Silva é antes de tudo um *descriptivo!* Quanto seria preferivel que elle fosse mais *subjectivo!* E elle o poderia ser muito mais, si o quizesse. *A Escalada*, *Natureza Sofffredora* e *A Vertigem* dizem bem alto da sua fôrça emotiva. Nessas composições é que ha verdadeira *poesia*, isto é, emoção traduzida por imagens que nos deixam entrever uma personalidade que vibra deante do espectaculo do mundo. *Rythmos da Vida*, *Imagens da Natureza*, *Poemas da Flora*, *Poemas da Fauna*, *Minha Terra* e alguns poemas de outras divisões do livro são como os poemas symphonicos do maestro

Nepomuceno: admiraveis pelas difficuldades technicas vencidas, mas frios e inemotivos. Em resumo: mais *bem feitos* do que propriamente *bellos*. Os aspectos da Natureza que nos apresenta nelles o sr. Da Costa e Silva chegam até nós inanimados como si nos fossem dados por pelliculas cinematographicas. Levado pelo seu horror á pieguice, suppondo que a alma de um poeta não nos interesse, elle impessoalisa-se demasiadamente. E' um erro. Um poeta vale justamente pelo bocado d'alma, da sua alma, que elle fôr capaz de traduzir em imagens. O essencial é que essa alma seja elevada.

Tem-se estranhado que no livro ao sr. Da Costa e Silva não haja uma palavra para a Mulher. Isso revela, a meu ver, uma face da superioridade intellectual do poeta. Provavelmente (e nisto estamos de accordo) elle está convencido que a mulher é um thema gasto. Já inspirou o que podia. Já deu o que tinha de dar... O mundo, isto é, o ceo, as aguas, as montanhas, as florestas e todos os animaes (menos a mulher) é que ainda podem offerecer ao poeta motivos d'alta contemplação. Sob estes ceos azues e escampos, sob este sol canicular, no meio desta vertigem de côres, é impossivel espiritualisar uma mulher. Temos de cahir fatalmente na sensualidade pura. Ora

a sensualidade não póde ser motivo de poesia verdadeira. Zarathustra, na primeira parte do seu livro diz:

«Amo a floresta. E' difficil viver nas cidades, onde são muito numerosos os que estão no cio.

«Não é melhor cahir entre as garras de um facinora do que nos sonhos de uma mulher ardente?

«E olhae, pois, para esses homens: o seu olhar o testemunha—não conhecem nada melhor no mundo do que deitar-se com uma mulher.

«Elles têm lama no fundo d'alma e ai delles si a sua lama tiver espirito!

«Si ao menos fôsseis uma besta perfeita, mas para ser uma besta é preciso ter a innocencia!

«Aconselhar-vos-hei eu extinguir os vossos sentidos? Aconselho-vos a innocencia dos sentidos.»

Assim falava Zarathustra. Mas como chegar a ter a *innocencia dos sentidos* sob a acção de um clima que a todos os momentos não convida a outras attitudes sinão ás da sensualidade? Naturalmente frio, impassivel por indole (e a objectividade exaggerada dos seus versos o prova exuberantemente), o sr. Da Costa e Silva não podia ser um exaltado

deante da mulher. Como Zarathustra, elle sabe por instincto que a exaltação deante da mulher é signal de pouco saber. «E como sabemos poucas cousas, diz Zarathustra na segunda parte, amamos do fundo do coração os pobres de espirito, principalmente quando são mulheres moças.» Assim falava Zarathustra e assim é que pensa provavelmente o sr. Da Costa e Silva. Porque censural-o por tal? Deixemos que o censurem as mulheres...

A castidade do nú

Assistindo hontem á exhibição de uma fita, CASTIDADE, notava quanto ainda estavamos longe daquella ingenuidade grega que em Sparta permittia a rapazes e raparigas, inteiramente nús, participar de jogos gymnasticos. Não nos esqueçamos de que *gymnos* quer dizer *nú*. A fita a que alludo é tudo quanto ha mais simples e puro. Tanta pureza chega a ser até monotona, dessa monotonia de templos protestantes, brancos e desnudos, a mais alarmante das fórmas de monotonia até hoje inventadas. Entretanto, antes de exhibir-se a fita, foi necessario submettel-a á alta e esclarecida apreciação da policia, que é, entre nós, a ultima autoridade chamada a proferir o seu veredictum em materia de esthetica. Felizmente a policia, segundo parece, não achou indecentes as *poses plastiques* de Miss Andrey Munson.

Para se ter idéa da força dos preconceitos christãos de que estamos todos imbuidos, basta dizer o seguinte: Miss Musson, que se apresenta candidamente núa, nunca dá a frente para o espectador; está sempre de costas; ou quando muito, de perfil!

Ora, senhores, eu não sei si a parte trazeira de uma mulher será mais casta do que a dianteira... Restos ainda de preconceitos, os mesmos preconceitos que nos fazem não corarmos deante de um pirralho nú, mas nos obrigam a disfarçar e olhar para outro lado, si é uma menina de dois annos...

Uma vez que o corpo seja bello e esteja em attitudes castas, qualquer das suas faces é digna de ser vista por quem quer que seja. *Naturalia non sunt turpia*.

A educação catholica, baseada em preconceitos quasi bi-millenares, incute no nosso espirito que a idéa de *nudez* é identica á de *immoralidade*. Ora, antiquissimos canones, do tempo de Santo Agostinho, diziam que o «corpo humano é a mais bella das creações de Deus.» Mas a reacção do christianismo contra o mundo romano inspirou a seus proselytos o horror pelo nù, como por tudo que constituia a serenidade olympica da Belleza antiga. Os christãos ricos, depois de dar os seus haveres aos pobres, com estes se nivelavam:

e todos, ligados pelo mesmo ideal de salvar a sua alma derrubando os idolos, vinculavam-se no mesmo horror inconsciente pela nudez e pelos banhos.

Quebravam-se idolos; destruiam-se amphitheatros; derribavam-se altares; incineravam-se pergaminhos; democratisava-se o mundo. E como as thermas eram os logares em que homens e mulheres se reuniam para tomar banho e ser friccionados com perfumes da Arabia e toda sorte de unguentos preciosos do Oriente, os christãos derrubavam as thermas, certos de que exterminavam fócos de perdição, mal sabendo, na sua cegueira de illuminados, que o exterminio de cada um desses fócos de perdição do espirito traria a abertura de um fóco de pestillencia para destruição do corpo. Mas... *quid prodest homini si mundum nniversum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* A philosophia da IMITAÇÃO DE CHRISTO é o reflexo daquelles tempos barbaros...

A Renascença reagiu contra esses preconceitos. Em França chegaram a abrir-se banheiros publicos onde homens e mulheres se banhavam nús. Mas veio a contra-reacção do Grande Seculo, e tudo recaiu no que era anteriormente. Tanto assim, que, nas vesperas da Revolução Franceza, raras eram, em Paris, as

damas da aristocracia que tivessem banheira no seu gabinete de toaléte!

Hoje já existe por toda parte uma proficua reacção contra semelhantes preconceitos. A Allemanha, a barbara Allemanha, que está sempre na vanguarda de todas as campanhas civilisadoras, dá o bello exemplo de luctar contra isso com esse enthusiasmo e com essa disciplina de que ella tem o segredo. O lago de Wannsee, nos suburbios de Berlim, é um *freibad*, banho popular onde se encontram diariamente rapazes e moças, de calções justinhos, folgando na agua, como tritões a porfiar com as nymphas...

Mais ainda, o dr. Kuster, velho medico e conselheiro intimo de medicina, fundou em Berlim, em 1909 a sociedade *dos amigos da luz*, o *Freya-Bund*, que defende o direito de andar nú. Essa sociedade possue uma revista interessante, DER LICHT-FREUND, e um terreno rigorosamente fechado, nos suburbios de Berlim, onde os associados de ambos os sexos passam diariamente algumas horas completamente nús, jogando *tennis*, *criquet*, etc. Não é qualquer pessôa admittida como socio; para tanto, o candidato sujeita-se a minuciosa syndicancia sobre a sua vida, os seus habitos, o seu caracter, os seus antecedentes moraes, etc.. E' preciso ser homem, ou mulher de

incorruptivel moralidade para poder andar nú e ser socio do *Freya-Bund.* As vantagens hygienicas e espirituaes desses exercicios de nú ao ar livre são extraordinarias e indiscutiveis.

Ainda estamos longe de poder fundar uma sociedade nesses moldes. Os nossos rapazes são facilmente inflammaveis e mal educados para formarem uma sociedade como a do dr. Kuster. Além disso os nossos preconceitos, nesse sentido, são ainda muito vivos. Em compensação, as meninas vão ao cinema ver umas detestaveis prostitutas como Pina Menichelli, umas repugnantes tuberculosas como Francesca Bertini, e lêem as frioleiras hediondas de Marcel Prevost e as baboseiras idiotas de Madame Gyp...

O Bacillus Lyricus...

Chamo a attenção dos poderes competentes, devidamente representados pelas repartições encarregadas de combater endemias nocivas ao desenvolvimento da raça, para a secular endemia lyrica que amenisa a nossa juventude. Emquanto as nossas profissões remuneradoras definham por falta de braços, jovens patricios, atrazados, cretinisados pela absorpção lenta de Casimiro de Abreu (intoxicação feita atravez de muitas gerações de poetas amorudos e trovadores imbecis); retardados no seu desenvolvimento d'homens; dissorados naquelles centros do psychismo superior em que se forjam as complexas armas espirituaes, mercê das quaes se affirma a dignidade masculina, ou seja — a soberania do macho sobre a femea da sua especie; jovens patricios dão aos seus contemporaneos o deprimente espectaculo que é um grupo de pe-

quenos animaes dominados por uma especie de cio choroso e amulherado, sem coragem de affirmar-se perante o objecto de seus desejos sinão por meio de estrophes plangentes, de timbre obsoleto e accordes infantis, versos sem virilidade, gemidos de emasculados e ais poeticos que estariam ao alcance de qualquer eunucho do Sultão, si aos eunuchos dado fosse commetter o desaforo de rimar versos a raparigas.

Está nos casos o sr. Guilherme de Almeida, poeta paulista, que acaba de dar á estampa um volumezito de versos que tem o titulo melifluo e lambisgoia de—*Nós*. E' a historia massante e frivola dos amores do poeta e uma rapariga qualquer. Litterariamente são versinhos bem medidinhos e chochinhos, sem uma só idéa, sem nota emotiva, sem nenhum arranco para os pincaros do ideal, sem signal desses impetos luminosos que arrastam uma alma para as espheras altos e grandes em que as estrophes de um poema esvoaçam como fagulhas que rastream de aurifulgencias todo o espaço...

Ora, uma vez que não se póde dizer nada novo acerca do amor, para que publicar livros tão anemicos?

Quando, velhos e tristes, na memoria
Rebuscarmos a triste e velha historia
Dos nossos pobres corações defunctos,

Que estes versos, nas horas de saudade,
Prolonguem numa doce eternidade
Os poucos mezes que vivemos juntos.

Em que é que interessará á humanidade a historia dos beijos, abraços e correlatas patifarias que o poeta e sua amada fizeram juntos? Dirão talvez que esse amor é um desses sentimentos candidos que povôam de illusões toda uma adolescencia e projectam clarões até para além da edade madura. Mas isso mesmo não desperta interesse a nenhum espirito serio. Não digo novidade nenhuma, affirmando que taes sentimentos puros lyriaes são, na sua essencia, a mesma vibração dynamica que leva um jumento a correr um dia inteiro pèlos prados atraz da sua femea, e transfigura um cavallo, eriçando-lhe a crina, tornando-lhe o pello reluzente, dilatando-lhe as narinas, fazendo-o nitrir, pondo-o d'olhos accesos como carbunculos em brasa, vibratilisando-lhe todos os musculos, que adquirem malleabilidade de laminas d'aço, quando o seu lançarote o põe em contacto com egua de bôa raça. Ora, collocados em paralello os amores do cavallo e os amores humanos, os do cavallo são muito

mais bellos do que os namoros de poetinhas que nem ao menos têm coragem para affirmar-se perante as suas dulcinéas.

Sonhamos. Quando um dia eu fôr velhinho,
Hei de encontrar-te velha no caminho...
E juntos, cambaleando, aos solavancos,

Nós levaremos, pela tarde calma,
Toda uma primavera dentro da alma,
Todo um inverno de cabellos brancos...

Francamente, é ou não é infinitamente mais interessante o cavallo? O cavallo, quando lhe chega o tempo, ama, simplesmente, animalmente, bellamente, como se deve amar quando se tem bôa saude e prazer de viver. Ama e não faz versos. Ninguem que se preze vae dizer á sua diva que algum dia hão de andar cambaleando e aos solavancos pelas estradas, como quem volta d'alguma farra bem regada a zurrapa e alimentada a tremoços.

Vaes lendo. E, emquanto a tua mão folheia
O livro, eu vejo que, de quando em quando,
Estremecendo, sacudindo, arfando,
Teu corpo todo num delirio anceia.

Mas, senhores, tudo isto é vulgar. Qualquer costureira esperta está sujeita a semelhantes accidentes. Toda a gente está mais ou menos farta de saber que uma rapariga quando anda de amores com qualquer rapazelho (uma

vez que em casa lhe faltem os paes com o correctivo moral do chicote) lê sempre alguns livritos que lhe empresta o seu namorado. No caso vertente, quero dizer, no caso da rapariga que anda enrabichada pelo poeta, si ella, durante a leitura, estremece, sacode-se, arfa e tem o corpo todo a delirar, como diz elle na sua algaravia de collegial cheio de sentimentalismo, já se sabe o que a rapariga estará a ler em extase: si não fôr LES DEMI-VIERGES, do imbecilissimo e engenheirissimo Marcel Prevost, será com certeza aquella scena do PRIMO BASILIO, em que Eça de Queiroz nos mostra o canalha do romance, durante as extravagancias com a prima, na equivoca e supercivilisada posição de quem se levanta de estar de joelhos, ainda meio incendiado, alisando os bigodes e lambendo os beiços...

Felizmente, ahi pelo meio do volume, dá-nos o poeta a grata nova de que a rapariga se foi embora.

> Quiz dar-te mais : tu nada mais quizeste,
> Pelo bem que te fiz padeço agora
> A saudade do mal que me fizeste.

A la bonne heure! A rapariga safou-se. Terá feito bem? Certo, fez bem a si propria, mas fez, sem o querer, grande mal ao poeta e ás letras patrias. Ficamos sabendo que a vida

de ambos era assim uma especie de vida de canarios em viveiro :

> Era assim : era beijo sobre beijo,
> Abraço sobre abraço... Um só desejo
> Nunca tiveste que não fosse o meu.

O mal do joven rimador paulista foi suppor ter descoberto a polvora quando beijava e abraçava a sua bella Rosina. Considere o sr. Guilherme de Almeida que os amores de toda a gente são perfeitamente eguaes aos seus amores... E' sempre assim : beijo sobre beijo, abraço sobre abraço e... *le reste en consequence*. A esse respeito não ha mais novidade alguma. Tudo quanto se póde fazer em materia de amor já está feito, E, si o sr. Guilherme de Almeida fôr capaz de inventar acerca deste particular algum prazer novo, póde tirar patente de invenção e garanto-lhe que terá estatua ao lado dos maiores genios da humanidade. Apenas com uma condição : não fazer versos molhando a penna em agua de flôres de laranjeira assucarada, como o mallogrado cretino Casemiro de Abreu, cuja alma tenha Satanaz sempre entre os cornos...

O paradoxo legal

Olympia do Oriente é uma senhora que se tem annunciado ao mesmo tempo como cartomante e modista. Um destes dias, porém, a policia visitou o escriptorio de Olympia, á rua da Assembléa, onde não encontrou nem tesouras, nem fazendas finas, nem fôrmas de chapeo, nem manequins. Em compensação encontrou um baralho de cartas de tirar á sorte, um gallo e uma figa... A policia empalmou o baralho, o gallo e a figa—«instrumentos de superstição» — e sahiu convencida de haver ganho o seu dia. Olympia, considerando a sorte do baralho, do gallo e da figa, e não possuindo infelizmente outra figa maior para offerecer á policia, achou mais prudente requerer *habeas-corpus* preventivo — o que fez. O juiz pediu informações ao Chefe de Policia, que lh'as deu logo, minuciosas e terminantes. O principal argumento em que o

Chefe de Policia se estriba para perseguir Olympia é «principalmente a aprehensão de cartas e objectos de superstição que arrecadou, como o gallo, a figa, etc.» (Textual). Ora, senhores, o dr. Aurelino, perseguindo as cartomantes, é muito mais antipathico do que o cardeal de Torquemada quando fazia queimar herejes, judeus, criminosos politicos, feiticeiros, adivinhos, bruxos e bruxas nos *quemaderos* das Hespanhas. O cardeal de Torquemada, o Conde de Tolosa, o Geral dos Dominicanos, Mestre Conrado de Marpurgo e Sua Santidade o Papa perseguiam a superstição em nome de um principio—principio egualmente supersticioso se o quizerem—mas sempre um principio. As Constituições Apostolicas eram perfeitamente logicas perseguindo nigromantes, cartomantes, etc.. A Constituição da Republica, não. O art. 157 do Codigo Penal Brasileiro é que é uma excrescencia na legislação republicana. Ou a Republica reconhece officialmente uma seita religiosa e então póde perseguir as outras seitas e as superstições congeneres em nome da seita official (o que me parece perfeitamente licito), ou então não reconhece officialmente nenhuma seita e nesse caso tem de cruzar os braços deante de todas. Perante a logica e a razão

humana, um crucifixo, como instrumento de consolo e de milagres, não tem a menor differença de uma figa. O que faz o crucifixo ser differente de uma figa é a devoção de cada um. Objectivamente, o crucifixo e a figa, como instrumentos de religião, identificam-se. Eu admitto e respeito o crucifixo, porque desde pequeno me inculcaram essa crença; tambem, cá intimamente, não deixo de ter certo respeito pela figa, que nos livra de muita coisa inexplicavel... Como o dr. Papus, creio em tudo quanto não vejo e respeito tudo quanto ignoro... Ha individuos que não se ajoelham deante de um crucifixo, mas tremem deante de um gallo e cobram animo deante de uma figa. Agora pergunto eu : a Republica, que não admitte officialmente o crucifixo, póde perseguir officialmente a figa? Creio que não. A figa só póde ser perseguida em nome do crucifixo catholico, do crescentilunio mussulmano, etc..—Persigo em nome da sciencia? responderá a Policia.—Perdão! Que sciencia ? As sciencias exactas? O Estado não tem nem póde ter preferencia por sciencia alguma. Livre é o ensino; liberrimas, as opiniões. O art. 157 persegue o espiritismo em nome da sciencia, já que o não póde perseguir em no-

me da Religião. Não o póde perseguir absolutamente. Ha muita gente que considera o espiritismo uma sciencia. O espiritismo é, a meu ver, uma seita religiosa; portanto só póde ser perseguido em nome de outra seita. Sciencia é razão; religião é sentimento; não se póde perseguir uma seita religiosa em nome da sciencia, porque isso seria condemnar o sentimento em nome da razão. Eu não defendo o espiritismo da rua Rudge, nem a figa de Olympia do Oriente. E' razoavel que o Estado, sendo o mais forte, persiga o espiritismo e a figa, que são mais fracos. O que, porém, se deve exigir é que o Estado se faça frade para poder perseguir com justiça e logica. Que é superstição theologicamente? Superstição é o facto de attribuir alguem a certas causas certos effeitos não proporcionados com as causas a que são attribuidos. Attribuir, pois, a uma figa o poder de inspirar paixão ou de livrar de quebrantos é uma superstição, que a policia persegue; mas nesse caso porque não persegue tambem os que ajoelham deante de uma cruz afim de pedir allivio para as almas do Purgatorio? Perante a Sciencia, que parece ser o sustentaculo da policia, ha tanta relação entre uma figa e uma paixão, como entre uma cruz e as almas do Purgato-

rio, entes cuja existencia não está scientificamente provada, experimentalmente demonstrada. Não protesto, portanto, contra a perseguição; saliento apenas a falta de logica policial, aponto a incoherencia republicana.

Homens e abelhas

Escrevendo La Vie des Abeilles, fez Maurice Mæterlinck um verdadeiro poema em torno da vida dessas «castas bebedoras de orvalho—*chastes buveuses de rosée*», como diz elle. Não ha, em todo o genero animal, entes que mais humilhem os homens. Já não me refiro ao facto das abelhas só produzirem mel, ao passo que os homens, ordinariamente, só distilam fel. O extraordinario, incomprehensivel nas abelhas é a sua abnegação. Quando vemos um enxame abandonar uma colmeia e suppomos que são as novas abelhas que vão para a Vida, enganamo-nos. E' justamente o contrario que se dá. As velhas abelhas, as que já trabalharam, deixam á nova geração o fructo de seu trabalho—a cera e o mel—e partem sem destino certo, a construir nova colmeia, sem saber em que arvore irão repousar, nem que vendavaes virão colhel-as durante a viagem. Não

é mysteriosa essa abnegação? Entre os homens, nem os paes são capazes de ser tão abnegados para com os proprios filhos. Já não quizeramos nós que os paes abandonassem aos filhos, de um dia para o outro, todo o fructo do seu trabalho. Mas seria encantador que ao menos as velhas gerações que nos governam, e cujo governo absolutamente não nos satisfaz, abandonassem os seus postos ás novas gerações, compromettendo-se estas a fazer o mesmo á geração que daqui a vinte ou trinta annos estivesse em condições de fazer a felicidade do paiz? Isto me parece justo, porque o governo deve fazer a felicidade do paiz. Mas que é o paiz? São os velhos? Não. São os novos. Os velhos estão perto de partir para nunca mais voltar. Pertencem ao passado. A nós cabe, por direito, a direcção do presente, e, por dever, a previsão do futuro. Portanto, o paiz somos nós.

A festa da Melancolia...

As nossas batalhas de confétes se notabilisam por não terem confétes. Nesse caso, uma vez que os confétes entram nessas batalhas com tanta parcimonia, dêem-lhe outro nome: «Batalha dos Empurrões». Chamar batalha de confétes a uma festa em que elles pouco apparecem é falta de bom senso. *J'appelle un chat un chat et Rollet un frippon*, como dizia o defunto Boileau... Ha ainda um outro nome que se podia perfeitamente ajustar a esses ajuntamentos de povo na Avenida: «a festa da Melancolia.» Quem quizer ter idéa da grande, da immensa melancolia nacional deve vir ver uma batalha de confétes. Então terá occasião de observar aspectos curiosos; na calçada, bem no meio-fio, homens e mulheres enfileiradas, algumas com creança de mamma ao collo, e olhando todos, muito serios e muitos graves, para os carros onde tambem

passam cavalheiros muito graves ao lado de damas gravissimas. Hontem até havia um senhor de tratamento (como dizem as donas de pensão) vestido de preto, sobrecasaca, collete branco e cartola lustrosa, sim, senhores, cartola luzidia á meia-noite em batalha de confétes! Mas prosigamos: na calçada, gente séria; nos automoveis e carros, com algumas excepções, gente que apenas sorri (e que sorriso de raça fatigada de ainda não existir!...), gente que apenas sorri e passeia como si estivesse de tarde na Avenida Beira-Mar. Nos intervallos deixados pelos vehiculos e ainda nos passeios, vem então a multidão dos passeantes, pobre gente que se aperta e se acotovela... para divertir-se. E' nesses logares que se encontram os rapazes da moda, a *jeunesse dorée*. A nossa *jeunesse dorée* vem para a Avenida disposta a divertir-se muito. Como, porém, não ha entre elles idéas a respeito de diversões, nem dinheiro com que possam custear novidades, então adoptam um meio facil e economico de divertir-se: formar o que se chama um «monomio» e sahir ululando coisas em calão. E' a mais encantadora *jeunesse dorée* deste continente. A não serem esses rapazes, que dizem chufas ás senhoras e dão alguns berros de meia em meia hora, os demais passeantes andam pela Avenida, serenamente

e gravemente, como se perlustrassem alamedas de S. João Baptista ou do Cajú em dia de Finados. Aliás já tenho observado que nos cemiterios, em dia de Finados, ha, entre os visitantes de tumulos, certa alegria algo elegante, talvez por ser discreta... Demais, dá-se um facto: em dois de novembro as flôres são mais abundantes nos Campos Santos do que os confétes e serpentinas ahi na Avenida em dias de festa... Mas façamos ponto aqui. A nossa melancolia é tal, que comecei estas linhas com a intenção de tratar de uma festa carnavalesca e acabo tratando de coisas funebres. Não ha como resistir aos fados...

Carne para canhão...

Os Jornaes censuram a attitude de um rapaz que, ainda se arriscando a perder os direitos de cidadania, allegou motivos de crença religiosa para ficar isento do serviço militar. Não ha muitos dias o juiz da 1ª vara denegou *habeas-corpus* a um outro que pretendia fugir ao serviço militar pela mesma porta que têm dado entrada no governo de estados a varios cidadãos fracamente prestigiados nas urnas. Aventuro-me a perguntar si podemos condemnar tão soberanamente esses rapazes pelo facto de não quererem perder dois annos inutilmente, a ouvir toques de cornetas e rufos de tambores, a enervar-se na vida dissolvente das tarimbas, para sairem aptos a serem o que seriam fatalmente, sem dois annos de caserna: *carne para canhão*... Sim, os brasileiros estão-se preparando exclusivamente

para isso. Um exercito, salva a opinião dos generaes pacificos e dos poetas bellicosos, não se compõe apenas de soldados e officiaes. Orçamento da guerra tem duas verbas: *Pessoal* e *Material*. Ora, por emquanto estamos lyricamente preparando *pessoal*, sem cogitar do *material*, isto é, das carabinas, das bayonetas, dos canhões pezados, dos canhões leves, das metralhadoras, dos transportes, das ambulancias, dos viveres, dos fardamentos, dos medicamentos, dos arreios para a cavallaria, da remonta, emfim de tudo isso que justifica a existencia de uma repartição pomposa e dispendiosa que acóde ao nome de *Intendencia da Guerra*. Si tivermos de pelejar contra qualquer povo — *quod Deus avertat* — dentro de pouco tempo ficaremos desprovidos de espingardas e de polvora; de maneira que os combates terão de cessar da nossa parte, não talvez por falta de combatentes, mas por falta de armas. A formação dos exercitos hoje em dia deixou de ser problema de heroismo para ser questão economica, financeira e industrial. A Inglaterra poude levantar em pouco tempo um exercito de cinco milhões de homens, porque tinha lá na sua ilha os recursos industriaes capazes de armar esses cinco milhões de individuos. Os turcos são soldados por indole, por tradições e por educação;

além disso são mais numerosos que os inglezes e nada disso os impede de serem derrotades. Porque? Porque não têm armas e não têm a consciencia militar moderna. Os russos são bons soldados e numerosos como pragas de gafanhotos, o que não impediu que elles tivessem de ser derrotados por Hindenburg, esse avatar dos velhos deuses scandinavios, essa moderna e truculenta encarnação dos Wottans e dos Sigfrieds, paes e irmãos de Walkyrias... A França, a Allemanha, a Inglaterra, o Japão, a Italia e os Estados Unidos são potencias de guerra, porque são potencias industriaes, economicas e financeiras. Nós queremos ser potencia respeitada só porque dispomos de academicos enthusiastas e de poetas eloquentes. Si a Italia não tivesse os seus estaleiros e fabricas de Spezzia e de Liorno, a imaginação de Gabriel d'Annunzio não seria mais efficiente do que os discursos do sr. Olavo Bilac... Deixemo-nos, pois, de patranhas e patriotadas. Emquanto não formos capazes de aproveitar o ferro de Minas para fundirmos couraças de navios e canhões para as nossas fortalezas e montanhas, inutil será pensar em formar exercito. A campanha que se fez em prol da formação de contingentes de parada,

seria muito mais util e proficua, si tivesse sido feita em prol da abertura de fundições de ferro para as carretas, bronze para os canhões e aço flexivel para a lamina das espadas...

Edouard Drumont

Edouard Drumont, que acaba de fallecer em Paris, era o que se póde chamar *um homem*. Iniciou a sua carreira de publicista sob a direcção de Emile de Girardin de quem diz elle que era muito parco nos ordenados que pagava, mas generoso quando se tratava de pagar transportes para os seus reporteres fazerem algum serviço de importancia. Drumont foi, em toda a sua vida, um extraordinario homem de combate. O primeiro livro com que appareceu, em 1881, LA FRANCE JUIVE, provocou uma celeuma espantosa em Paris. E' curioso acompanhar o interesse que Alphonse Daudet tinha por esse livro, que elle já conhecia antes de publicado. Drumont, durante muito tempo antes da publicação do livro, treinava-se no jogo da espada, na sala d'armas de Daudet. Eram diarios os exercicios que elle fazia ora com o proprio Daudet,

ora com Albert Duruy, ora com outros amigos. Diarios e prolongados. Quando saíam da sala, havia pelo menos meia duzia de floretes quebrados. Madame Daudet, que ignorava os motivos occultos daquelles exercicios, não podia comprehender a *raiva* com que o joven jornalista, se atirava a elles. Daudet costumava dizer: «*Eh! Drumont a raison de s'entraîner. Le livre qu'il est en train de publier sera une grosse affaire.*» Que livro seria esse? La France Juive. Exposto á venda, contra a expectativa do autor e dos amigos, os jornaes nada diziam. Daudet os percorria a todos diariamente. O livro iria morrer assim? Um livro como aquelle, dois volumes repletos de factos e informações ineditas sobre os altos banqueiros da Judiaria, sobre os ministros vendidos aos judeus, sobre os jornalistas venaes... Mas uma bella manhã, Alphonse Daudet abriu o *Figaro*, anciosamente como sempre, e lá encontrou a nota official da folha, o famoso grypho, que hoje é escripto por Alfred Capus e que naquelle tempo era escripto por Magnard, o primeiro successor de Villemessant. O grypho, por entre elogios ao talento do autor, fazia veladas defesas das victimas de Drumont, muito ao de leve, com muita amabilidade, com luvas de pellica, alisando o pello ao autor, extranhando, pedindo licença para

extranhar a acrimonia com que eram tratadas certas personalidades eminentes do regimen republicano... *Alea jacta erat.* No mesmo dia os exemplares do livro voaram. E no dia seguinte o sr. Arthur Meyer, director do *Gaulois*, mandava suas testemunhas a Drumont. Este acceitou radiante o desafio. Emfim, ia ter deante de si um judeu, um judeu authentico em cujas carnes ia entrar a lamina da sua espada. Mas Arthur Meyer, durante o assalto, contra todas as regras da cavallaria, conseguiu agarrar com a mão esquerda a espada de Drumont e feril-o assim, á traição, na coxa do mesmo lado. Ora, a França é a mãe da cavallaria. Os jornaes da tarde noticiaram o caso. Constituiu-se um tribunal de honra, para examinar *le coup de la main gauche*. E o proprio Meyer teve de reconhecer que procedera muito mal... D'ahi para cá, Edouard Drumont foi em França, durante quasi metade de um seculo, um Torquemada armado de uma penna, em vez de estar armado com as fogueiras da Inquisição. Toda a sua vida foi consagrada a combater os judeus. O seu nome tornou-se popular em toda a França, atravez do lapis dos caricaturistas, que não se fartavam de pintal-o deante de um *bouillon*, espetando judeus com um garfo immenso e devorando-os como um cannibal... Elle póde ter commettido erros e excessos

nos combates que feriu. Os seus livros e os seus artigos de jornaes eram violentissimos. O que, porém, ninguem póde negar é que este homem foi um dos mais sinceros, valentes e apaixonados francezes que jámais viveram sob o ceo de França.

A Academia em sessão

A Academia Brasileira de Letras está em fóco. As tres vagas já existentes tem produzido o surprehendente effeito de collocal-a na berlinda jornalistica, durante quasi dois mezes. Deixemos, entretanto, de lado a questão das candidaturas e tratemos da sessão academica realisada ha dois dias.

Compareceram á reunião apenas seis immortaes, que estiveram a cavaquear sobre o regulamento, sobre a politica, sobre a batalha de Verdun, sobre a crise economica e sobre o DICCIONARIO DE BRASILEIRISMOS. Uma sessão encyclopedica, que acabou, como sempre, infructifera e inoffensiva. Porque as sessões da Academia tem isto de bom: ordinariamente são infructiferas. Praticamente, valem tanto como as sessões dos clubes literarios dos rapazes das provincias...

Peçamos a Deus que a Academia seja

sempre assim: preguiçosa e inutil. Da unica sessão em que os academicos se reuniram para resolver coisas, sahio um monstro: a reforma orthographica. A pretexto de facilitar o ensino da escripta, nivelou a Academia os intellectuaes e os vendeiros. Que nos importa a nós, senhores, que o vendeiro ali da esquina escreva *caxorro* com *x*? Devemos acompanhal-o? Não. Deixemos-lhe a inteira responsabilidade da sua graphia lusitana...

A Academia pensa de modo contrario. Uma vez que o vendeiro ache difficuldade no emprego do *ph*, o que os intellectuaes devem fazer não é disseminar a instrucção, afim de instruir o vendeiro mas sim, desaprender a sua orthographia e escrever como elle! Chama-se isto—*simplificação orthographica*.

Os academicos não viram que a escripta dos intellectuaes é uma das maneiras pelas quaes elles se destinguem dos demais homens. Não comprehenderam que a Academia, reformando a orthographia, democratisava-se, isto é, achatava-se; e Academia democratica não é Academia nem coisa alguma. O simples facto de ser uma selecção faz della uma aristocracia. Portanto, ou seja aristocratica, ou não exista. O engraçado é que, ao mesmo tempo que simplificavam a escripta, complicavam o fardamento. Atiravam pela janella o diccio-

nario etymologico e mandavam buscar espadins e chapéos armados...

E são taes homens que pensam em fazer um Diccionario. Façamos votos para que semelhante diccionario nunca venha á luz. Fique quieta a Academia. Nada de estroinices, nada de brincadeiras inconvenientes com a lingua materna, que é uma coisa séria.

A morte da peccadora

Aquella senhora em quem o marido, tenente do Exercito, disparou alguns tiros de revólver, morreu hontem na Santa Casa, depois de, segundo dizem os jornaes, ter-se reconciliado com o seu Deus. O que ha de interessante na sua morte é que a infeliz, conforme o depoimento dos matutinos, «expirou tranquillamente». Quem sabe se exaggeraste, ó divino Flaubert, quando fizeste Emma Bovary morrer naquella agonia estertorante, sob a influencia do arsenico, e cheia de remorsos, e tendo visões dantescas, e apavorada, como si já soffresse em vida os supplicios infernaes? Quem sabe si a razão não estava ao lado de Alphonse de Lamartine, que achou exaggerado o castigo que impuzeste a Emma Bovary, cujo crime afinal se reduzia a tão pouco?... Como a sociedade ainda é incomprehensivel! Não ha homem nenhum que tenha a coragem

de condemnar esse official. Pois que! Elle teve a prova de que a esposa o atraiçoava! Mais ainda: ella propria confessou o seu peccado! Em casos taes — dil-o o Codigo e a Sociedade o applaude — fica ao marido o direito de castigar a esposa para lavar a sua honra! Valha-nos Deus! A honra, si é que ella entra realmente nessas coisas, ficaria perfeitamente salvaguardada com o repudio, puro e simples, da adultera. Esta solução tambem já é acceita pela Sociedade e tem a vantagem de ser muito menos incommoda do que o assassinato da esposa leviana. Passados alguns mezes, o marido se teria esquecido já da tragedia, ou pelo menos a lembrança della estaria amortecida no seu espirito. Não ha como o tempo para apagar maguas de amor. Tenhamos confiança no tempo que, nestas como em outras circumstancias, é o unico remedio infallivel. Não tenhamos illusões: o assassinato da esposa adultera é mais um desconsolo que vem attingir o marido. Então, sendo este militar, tem mil modos de remediar a situação, salvando a sua dignidade, sem ter necessidade de appellar para as armas. Uma commissão nas fronteiras, por exemplo. As obrigações do serviço militar, que, «sob o chicote das fronteiras», são muito mais graves, constituem derivativo, cuido eu, de primeira or-

dem para fazer olvidar as infidelidades de uma mulher. Depois ha o estudo. Creio que era Chateaubriand que dizia não haver dôr, por mais violenta, que resistisse a um quarto de hora de leitura. E' uma profunda verdade.

Entretanto... Entretanto, apezar de todos conhecermos estas coisas, não podemos deixar de dar razão ao marido que mata a infiel por esse simples facto a que Napoleão chamava *affaire de canapé*, *affaire de coin de salon!*... Porque será que, sendo nós tão civilisados, damos razão ao marido que mata em taes casos? E' que a civilisação nossa ainda é uma crosta muito superficial. Chegado o momento de applicar estes principios, parece dar-se na nossa intelligencia um eclypse de todas as idéas que a civilisação pouco a pouco impoz á nossa incoercivel selvageria interior; parece que, em momentos taes, rebôam no nosso coração todos os gemidos da floresta primitiva e estrugem gritos de todas as feras com que conviveram os nossos ancestraes; e tudo isso, como uma grande caudal escachoante, corre por declives ignorados do nosso ser; e então as Leis, os Codigos, a Cavallaria, a gentileza, tudo desapparece no vortice tremendo, innundado pelo diluvio interior de barbaria mysteriosamente desencadeado pelo simples olhar de uma mulher voluvel...

O paradoxo da lei

Uma actrizita ia representar quando o pae a raptou á porta do theatro. O caso, já amplamente divulgado, interessaria, si não fosse vulgar. Porque afinal, depois de tudo, verificou-se que a raptada já era casada, divorciada, com 26 annos e dois filhos. Uma semsaboria, como se vê...

O mais interessante é a nossa organisação social. Um pae, ao saber que a filha vae entrar para o theatro, temendo que ella se perca no meio das suas semelhantes, resolve raptal-a e leval-a para casa. A filha grita que ainda ha juizes em Berlim e com effeito apparece por entre aquillo tudo um sujeito de oculos que diz ao pae:

— O Sr. não póde impedir a sua filha de viver nas caixas de theatro.

— Mas, senhor homem da lei, as caixas de theatro são conventilhos!

— Mas são permittidos por nós. Neste mundo só é immoral aquillo que nós prohibimos. Ora nós permittimos que haja caixas de theatros. Logo, são perfeitamente familiares. Demais sua filha tem 26 annos e dois filhos. Portanto...

— Mais uma razão, senhor juiz, para que eu não a queira numa caixa de theatro. E' preferivel que uma virgem entre nesses meios antes que uma mãe; porque a virgem é só; a mãe tem os filhos. Declaro-lhe, pois, Sr. Juiz, que não quero ver perdida a mãe dos meus netos.

— Pois eu lhe declaro que permitto á mãe de seus netos perder-se quantas vezes quizer, retruca o homem da lei, concertando os oculos. E si o senhor resistir, tenho a meu lado a fôrça...

Não é deliciosa essa organisação social que prohibe uma menor de dispôr do que é muito seu, e lhe dá licença para fazer o que entender no dia em que ella fôr mãe, isto é, quando ella merece maiores cuidados?

O quinto mandamento

O que faz suppor que no Rio se assassina demais é a importancia que os jornaes dispensam ás noticias de assassinatos. No Rio não se mata demasiadamente. Mata-se *o que é possivel.* E não se mata mais, porque não se deseja. O Rio é cidade santa. A protecção que Deus nos dispensa é escandalosa. Temos uma Saude Publica, que pouco se incommoda com a hygiene, e, apezar disso, vamos vivendo mais ou menos livres de epidemias. Protecção divina... Com o policiamento dá-se o mesmo. Guardas-civis—escassos; soldados—poucos e mal distribuidos. Pois apezar disso vamos vivendo como Deus é servido. Lá uma vez por outra o *Dente de Ouro* dá uma facada no *Canella Secca,* mas isso não tem importancia. E' para distrahir um pouco os leitores dos jornaes. De quando em vez tambem o *Canhoto* combina com o *Mão de Gato* um assalto

a uma joalheria ou a uma casa de familia. Roubam algumas joias e roupas servidas e safam-se docemente. Que tem isso? Nada. Pequenos prejuizos, em comparação do muito que os criminosos podiam fazer no Rio si o quizessem. Si não fossemos gente de bôa indole, já não morava ninguem nesta cidade. E querem a prova de que somos gente bôa? Basta considerar o quanto nos impressionamos ainda por ter um valente qualquer baleado um companheiro na Gambôa; e tanto nos impressionamos que os jornaes abrem columnas com esse facto minimo. Si o publico não ligasse importancia a isso, os jornaes não o explorariam. E' claro. E dessa importancia que os jornaes dão aos assassinatos é que parece nascer a convicção, em que estão muitos, de que no Rio se mata demasiadamente. E' engano. Ainda não se mata o que se devia matar em relação á falta de instrucção e de policia. Futuramente, tenhamos fé em Deus, havemos de matar muito mais...

O 14 de Julho

Si Mirabeau podesse resuscitar, tomar o trem até o Havre, ou Bolonha, ou Bordéos, e, num desses portos, entrar num paquete, vir ao Rio, descer ali no cáes, simplesmente, modernamente, como fez Anatole France, eu só desejava uma coisa: que com elle viesse tambem Augusto Comte.

Num dia 14 de julho como este, um grupo de patriotas foi á Bastilha, velha prisão de Estado naquelle dia defendida por um punhado de soldados mais ou menos somnolentos. Esse grupo tomou a cidadella sem grande esforço, soltou os presos (crimes communs) que, segundo parece, não chegavam a dez. Ficou assim fundada a Fraternidade. Fundada a Fraternidade, parece houve muita gente que não concordou com ella. Os homens da Revolução, para garantirem a estabilidade dos sentimentos fraternaes no Universo em geral e na

França em particular, montaram por isso uma guilhotina e declararam: «Quem não fôr fraternal mire-se neste espelho!» Si não mentem as chronicas, muitos milhares de homens e mulheres não foram fraternaes, porque a guilhotina funccionou diariamente em toda a França, durante muito muito. Ora bem — um dos maiores impecilhos que encontrava a Fraternidade eram os padres. Os padres eram fraternaes; mas a sua fraternidade era differente da dos revolucionarios. Por exemplo; os revolucionarios, por causa da sua fé, degollavam; os padres, por causa da sua fé, queimavam. Divergencia de *systema* sómente; mas em muitos casos é impossivel distinguir o *systema* do *fundo* da questão. Naquelles tempos essas e outras coisas se confundiam. Os filhos da Revolução, pois, degollaram padres, frades e freiras; e decretaram que não havia mais Deus. *Dixit insipiens in corde suo: Non est Deus!* Só existia a *Razão*. Mas era preciso symbolisar materialmente a deusa *Razão*. Como? Pegaram de uma rapariga, tiraram-lhe a roupa e a collocaram, dizem que nua, no altar-mór de Notre Dame. Nunca a razão humana foi tão bem representada. Uma mulher núa é a *razão pratica* em todo o seu esplendor... Ora, passam-se cento e poucos annos. Si Mirabeau viesse ao Rio, podia ler nos jornaes que os

seus patricios domiciliados no Rio mandaram celebrar hoje uma missa por alma dos francezes mortos na guerra. O' manes de Demoulins, de Robespierre, de Marat, de Danton! Quem venceu? Vós, ou as freiras do Carmelo que mandastes degollar? E Comte? Comte iria calmamente ali ao templo da rua Benjamin Constant e diria ao sr. Teixeira Mendes: «Desce desse pulpito, filho. Cada vez menos os vivos são governados pelos mortos. O homem se agita e a Egreja o conduz...»

Quelque chose de vierge...

Dizem que o maestro Messager fez, em palestra, referencias pouco amaveis ao Brasil. Nesse caso, sejamos nós amaveis para com elle. E' simples, civilisado, parisiense. Parece que o que mais aborreceu aos jornalistas foi o facto de Messager, falando-lhe Isadora Duncan das nossas «florestas virgens», ter respondido: *Oh! oui! il faut bien qu'on trouve ici quelque chose de vierge!* Messager pareceu duvidar de que pudesse haver aqui *quelque chose de vierge*. Dahi, as reclamações dos confrades. Pensando bem, não ha razão para zangas. Neste mundo tudo se explica naturalmente. Messager veiu de Paris, via Buenos-Ayres. Ora em Paris, sabe-o toda a gente, é muito difficil e, por isso mesmo, muito raro encontrar *quelque chose de vierge*—o que tambem se explica, sem ser preciso recorrer a altos systemas de metaphysica... Um homem que vi-

veu sempre dentro da grande civilisação de Paris está tão pouco habituado a qualquer coisa virgem, vegetal ou não, que, em chegando aos tropicos, duvida de que exista semelhante fragilidade mesmo nas florestas... Em França existe uma floresta, que se chama Fontainebleau. Dizem que é bella. Mas já está percorrida, explorada, devassada em todos os sentidos, de deante para traz e de traz para deante... Assim é tudo em Paris. Não ha quadro, morto ou vivo, que não tenha sido exhibido; não ha livro, divino ou humano, que já não tenha sido aberto e folheado em todos os sentidos, pelo direito e pelo avesso; não ha industria que não seja conhecida; não ha baínha que não leve espada; não ha *petit capital* que não tenha sido ou não esteja sendo explorado em grosso ou a varejo; não ha medalha que não seja conhecidissima, quer no verso quer no reverso... Em Paris é assim. Porque exigir agora que Messager admitta, sem mais exame, que exista aqui *quelque chose de vierge?* Pois si elle não conhece chorographia nem flora brasileira!... Francamente é exigir muito do intellecto de um cavalheiro que afinal só estudou musica...

Amizade criminosa

Haverá quem condemne a Roberto Leite da Silva, o roubador dos autos no Supremo Tribunal; haverá quem o condemne, o que não me admira, pois por muito menos do que isso foi crucificado Jesus Christo. Entretanto, é preciso dizer que Roberto é um typo raro. Amizade assim, tão intima, tão ardente e dedicada, é amizade grega. Traz-nos á mente vagas reminiscencias de Pylades e Orestes, de Pythias e Damon... Bem sei que os juizes julgam *secundum allegata et probata;* e é justamente por isso que um juiz me causa tanto medo como uma fera; porque a fera me ataca, levada pela cegueira do seu instincto carnivoro; o juiz me condemna, levado pela cegueira do seu instincto juridico. E' um animal perigoso. Embora as diligencias policiaes tenham provado á saciedade que Roberto só tentou roubar os autos para inutilisal-os e, por esse meio, livrar um amigo da prisão

em que se acha, os juizes com certeza hão de querer condemnal-o. Pois que! Então será possivel absolver um individuo que tentou burlar pelo roubo a acção da Justiça Publica, orgão autorisado e legitimo da Sociedade? Mas, senhores, o homem agiu por amizade: o movel desse delicto foi tudo quanto ha de mais nobre e humano. Que é que constitue a trama psychologica do crime? A intenção criminosa. Ora, a dedicação ao amigo, que foi o movel deste delicto, não é intenção criminosa, pelo contrario, é virtude spartana. Nada disso vale perante o juiz, porque o Codigo não cogita da amizade como attenuante. *De amicitia non curat praetor*. De maneira que, si Roberto tiver a felicidade de ser julgado por juizes que tenham o senso da *equidade*, talvez não o condemnem a fortes penas; mas, si tiver a desventura de cair nas garras de juizes que sejam integros e rectilineos cultores da *Justiça* (isto é, do Codigo), está perdido. Entretanto, ser amigo do Mal é muito mais difficil do que ser amigo do Bem. Ter solidariedade com o amigo na pratica da virtude é facil e commodo; póde até levar a um nicho; mas ter solidariedade com o amigo na pratica do crime, isso, sim, é que é heroico, porque representa sacrificio immediato, pelo menos, da liberdade.

As crianças

Não fui á Festa da Criança. Leio,porém, nos jornaes que essa festa excedeu a todas as espectativas. Bemdigamos, pois, os corações dos que, durante algumas horas, conseguiram fazer feliz a creança. Mas, deuses do Olympo, porque martyrisar a petizada com dois discursos, como fizeram nessa tremenda festa? Dois discursos e não sei quantos hymnos! A crianças, no dia da sua festa, não se falla. Si se organisa uma festa de crianças, façam-nas brincar á vontade, dêem-lhes musica, cinema, carrossel e doces em quantidade. Si quizerem ser praticos, ao mesmo tempo que derem doces e balas ás crianças, abram creditos nas pharmacias e nos consultorios para os paes que forem pobres... Mas, pelo amor de Deus, nada de discursos. Tambem já fui creança e detestava os discursos que me fallavam da Patria e de outras coisas desagradaveis. A Pri-

mavera é uma figura de rhetorica muito interessante; mas num discurso, quando somos crianças, a Primavera é peor do que o Verão. E fazer as crianças cantar hymnos patrioticos! Ha muita gente que dá uma importancia supersticiosa aos hymnos como inspiradores de patriotismo. E' um engano. O Francez não tem patriotismo por vir cantando a *Marselheza* desde a infancia, não; pelo contrario, elle canta a *Marselheza*, porque é patriota. Quando eu era menino, cantei na escola muitas vezes um hymno ignominioso que começa:

> Seja um pallio de luz desdobrado
> Sob a vasta amplidão destes céos...

Pois até hoje não consegui estimar semelhante cantoria. Em resumo: reunir crianças num theatro para fazel-as ouvir oradores e cantar hymnos patrioticos é martyrisal-as. Festas de crianças devem realisar-se em parques e jardins, com toda a liberdade de acção e grande quantidade de confeitos. A criança estima acima de tudo estas duas coisas deliciosas: liberdade e assucar...

A tortura do perfume

«Porque não escreves contra o aperto de mão aos conhecidos? Com este calor, é horrivel. Mãos suadas, algumas viscosas...» Diziam-me hontem estas coisas. De facto apertar mãos suadas é um supplicio, mas... Ha no aperto de mão uma tortura muito mais viva do que a de apertar mãos humidas de suor: é a tortura da recordação pelo perfume. Succede frequentemente apertarmos a mão a uma mulher (pouco importa que seja casada, ou solteira), de quem não podemos, ou não *devemos* nos lembrar. Voltamos para a casa, ou para a redacção; assentamo-nos á nossa mesa de trabalho; começamos a escrever, mas não conseguimos ligar idéas. Ha em nós qualquer coisa, indefinivel e mysteriosa, que nos desvia o espirito para incertos rumos. O desabrochar de uma idéa é logo perturbado por esse *quid* secreto. Accendemos o charuto, chegamos á

janella, olhamos a paizagem. O effeito é magico: as idéas, esclarecendo-se, começam a brotar de novo com espontaneidade, viveza. Voltamos á mesa, tomamos da penna, começamos a escrever e... o primitivo phenomeno repete-se: as idéas fogem docemente mas fogem de vez, desapparecem. Então nós nos voltamos para dentro de nós mesmos e começamos a fazer o exame de consciencia. «Porque não posso trabalhar?» Mas o proprio exame é perturbado; até que afinal descobrimos instantaneamente a causa da perturbação: é o perfume extranho que a nossa mão traz em si, perfume que não sabemos de onde nos veio... Ah! sim! vem daquella senhora cuja mão apertamos na Avenida. Em casos taes o recurso é simples: lavar as mãos. E' o que fazemos e voltamos para a nossa mesa, certos de poder emfim trabalhar. Engano: o perfume foi-se; mas a lembrança da mulher foi despertada... E a lembrança de uma mulher é mais subtil do que qualquer perfume da Arabia. Fica dentro de nós, transformada já em Idéa. Antes era o perfume que a fazia lembrada; agora é ella que se assemelha a um perfume, a aquelles fortes perfumes para os quaes, dizia Baudelaire, todo corpo é poroso.

Il est de forts parfums pour qui toute matière
Est poreuse. On dirait qu'ils pénetrent le verre...

Assim, certas mulheres: a sua recordação nos é transmittida pelo perfume; e depois se transforma, ella propria, em perfume subtilissimo, que penetra no nosso ser como certas essencias que se innoculam até no crystal...

Escandalo!

Certo cinema está annunciando uma fita em que uma mulher «não teme desnudar-se, alheia á fascinação que produz a carne...» Não me admira. Foi Eva (dentre as mulheres cujos nomes a historia conservou) que inaugurou esse systema. Muita gente poderá ficar escandalisada por haver uma senhora «que não teme desnudar-se, alheia á fascinação, etc...» Eu, não. Tudo depende da formação da consciencia della. Santa Maria Egypciaca fez mais do que desnudar-se: entregou o seu corpo a uns marinheiros... sem peccar. E' verdade que isto é muito difficil. E Anatole France, na ROTISSERIE DE LA REINE PÈDAUQUE, tem a este respeito uma pagina deliciosa. O padre Jeronymo Coignard conta aos amigos da ROTISSERIE este episodio da vida da santa e explica como, graças á pureza de suas intenções, tinha feito sem peccar o

que outras não conseguem realisar sem arriscar a alma... Então a mãe de Jacques Tournebroche, *une sainte et sage femme*, exclama pouco mais ou menos: «Ah! eu não me atreveria a isso! Sem peccar! E' preciso ser muito santa para chegar a tal perfeição!» Tudo, pois, depende da formação da consciencia, que é coisa singularmente elastica. Entre os romances de Voltaire ha um que é a historia de Cosi Sancta, uma austera e formosa creatura que commetteu conscientemente tres adulterios que valeram por actos heroicos de virtude, e justamente por isso foi ella canonisada! Bem entendido, factos assim são excepções. Digo isto, precavidamente, porque, apezar de não haver ainda no calendario nem uma santa brasileira, temo que alguma das minhas patricias queira obter a graça de Deus nas condições de Santa Maria Egypciaca, ou ser canonisada pelos mesmos motivos que valeram uma aureola e um nicho a Cosi Sancta...

Destemperos de Linguagem

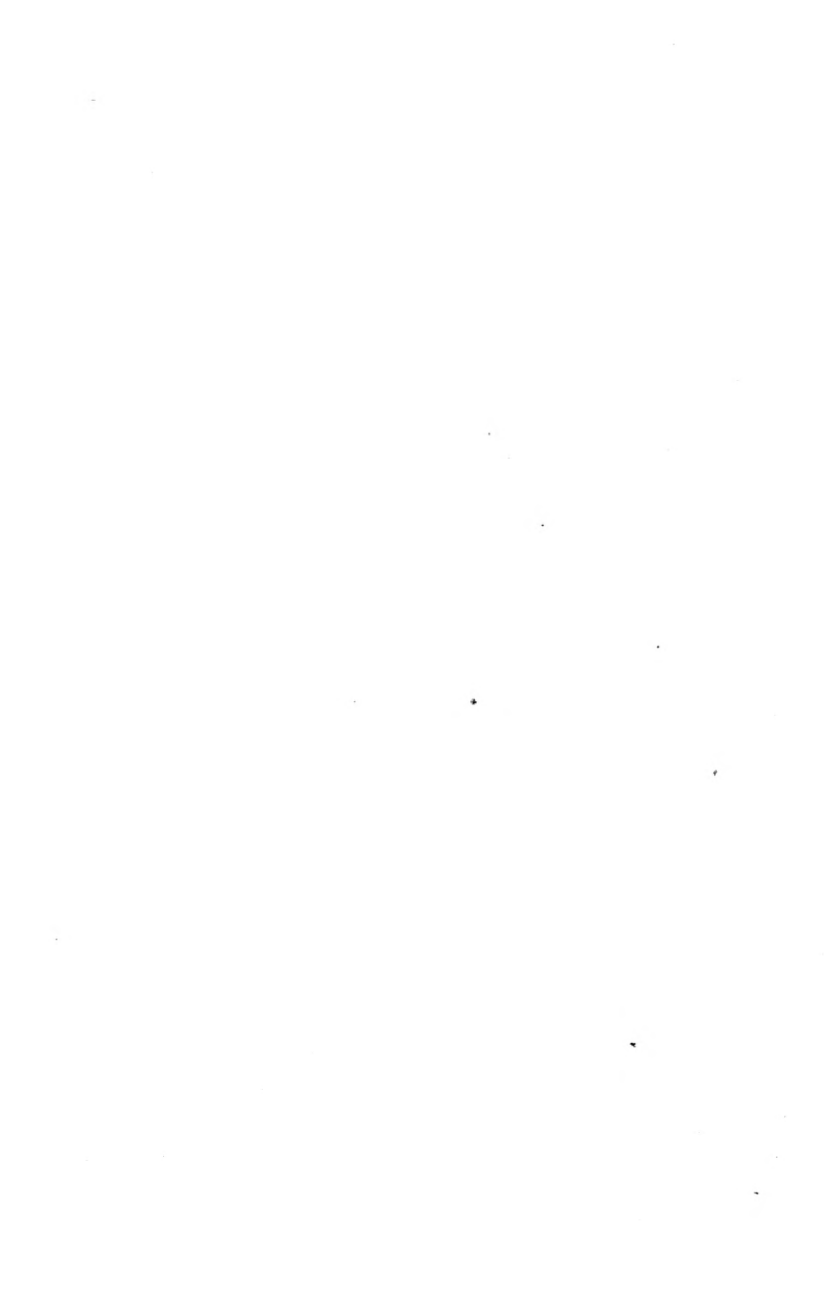
Já se tem dito muitas vezes que a nossa imprensa, no que toca aos habitos adoptados entre gente limpa, regrediu. Os jornaes antigos não usavam da virulencia adoptada hoje. Não posso dar testemunho disso, porque não fui leitor dos jornaes antigos. Mas não haverá uma razão que explique esse phenomeno de regressão da nossa imprensa? Parece que ainda é preciso recorrer á lei de Taine: o meio... A imprensa não é mentora, mas simples reflexo da opinião. Dizia Emilio de Girardin que um jornal é feito muito mais pelos seus leitores do que pelos seus redactores. E' perfeitamente exacto. Os jornaes não procuram crear correntes de opinião, mas apenas adivinhar para que lado irá o publico, afim de adherir... E como o publico, no maior volume da sua massa, ainda é grosseiro, os jornaes serão fatalmente grosseiros, para pode-

rem agradar e ter saída... Os jornalistas francezes, por exemplo, raramente alteiam a voz. Porque? Porque o nivel mental e social dos seus leitores não exige brados para poder comprehender razões; basta por isso que os jornaes indiquem, ás vezes numa simples suggestão, o que lhes parece mais acceitavel. Aqui só é ouvido quem grita. Estamos numa terra de surdos intellectuaes... E a proposito de destempero de palavras, li no *Journal* um caso elucidativo. Foi chamada a juizo, em Paris, uma mulher do povo que, brigando com uma sua visinha, de janella para janella, disse, no auge da colera, esta phrase: *Si ton mari est crevé sur le front, c'est bien fait!* A offendida queixou-se á policia. Testemunhas affirmam que a rapariga proferira a phrase. Ora o marido da injuriada morreu ha alguns mezes na guerra. Em vista disso, o juiz condemnou a accusada por *intemperance de langage* a seis dias de prisão e a pagar cem francos á offendida por damno moral; e o *Journal* approva muito a energia do juiz, que não deixou ficar sem vingança a viuva *d'un brave mort pour la France*, bravo aliás obscurissimo e humilde. Este facto dá idéa do que se exige na França, quanto á medida que se deve observar no jogo das palavras, mesmo quando se injuria...

O nú symbolico...

Chamava-se Serafim Dias e era um symbolo nacional. Tendo bebido mais do que lhe permittiria a Escola de Salerno, ou ainda a Universidade de Coimbra, foi Serafim ao largo do Rocio, saltou o gradil da estatua de Pedro I, o Libertador, grimpou como um simio pelos indios e pilastras acima e attingiu o cavallo. Era, entretanto, pouco para o civismo de Serafim. Um cidadão, quando chega a tal estado de enthusiasmo patriotico, carece de mais. Serafim, não contente de cavalgar o cavallo, entendeu que convinha amansar o cavalleiro; e lá se foi pelo imperador a riba até o capacete, onde se assentou tão commodamente como um prelado na sua cadeira prelaticia. Essa quietação, porém, durou pouco. Si grande era o desejo de descansar do esforço da subida, maior era o enthusiasmo de Serafim, que se levantou e ficou de pé so-

bre o imperial chapéo armado, isto depois de arrancar toda a roupa que trazia (e que não era muita), a ponto de poder, si soubesse latim bradar como Job: *Nudus egressus sum e ventre matris meæ!* Mas em vez desta tirada biblica, Serafim, de pé, sobre a cabeça do Libertador, bradou aos quatro ventos da praça: «Sempre fui monarchista e admirador de Dom Pedro I, que deu liberdade a esta terra!» Cá em baixo, o povileo, numeroso e compacto a ponto de interromper o transito, apoiava e ria-se. O nosso povo, sempre que se trata de applaudir discursos patrioticos, tem o singular costume de sublinhar cada *apoiado* com uma gargalhada. Mas o enthusiasmo de Serafim ainda não estava satisfeito. Do Capitolio á Rocha Tarpéia, segundo já proclamava ha quarenta annos, no largo de S. Francisco, o sr. Lopes Trovão, vae apenas um salto. A mesma distancia provou hontem Serafim que vae do capacete do Libertador até o exemplar da Constituição que elle offerece aos povos agradecidos. De um salto elle conseguiu apegar-se á Carta; e ali mesmo, sustentado pelo braço armipotente de Pedro I, executou varias manobras de malabarista, dando cambalhotas, ficando preso ora por um braço, ora por uma perna, dando gyros successivos e, uma vez que estava nú, fazendo pensar no

Sino phantasma do sr. Augusto de Lima, o qual termina: «A badalar! A badalar!...» Até que depois de uma hora desses exercicios gymnasticos, chegaram os bombeiros e encerraram a sessão, fazendo Serafim descer e levando-o para a delegacia. Symbolo magnifico, o Serafim! Os nossos patriotas, sempre que querem mostrar aos povos o seu patriotismo, dão cambalhotas e fazem malabarismos na Constituição da Republica, exactamente como Serafim, por excesso de monarchismo e vinho, fez piruetas clounescas no braço do Imperador...

Amor e Poesia

Já se tem escripto que o amor e a poesia vão morrendo no Brasil. E' natural que, morrendo o amor, tambem morra a poesia, que é quasi sempre inspirada por aquelle. Emquanto, porém, se annuncia a morte da poesia, surgem diariamente por todo este paiz centenas de livros de versos. Verdade é que, desses livros, raros se aproveitam; e, desses raros, poucas composições se salvam. Em todo o caso, posto que a maioria dos livros de versos sirva apenas para fabricar bombas, não se póde negar que elles representem pelo menos uma intenção clara e positiva de cultivar a poesia. De maneira que esta arte, emquanto vae sendo dada como agonisante, prospéra, quando mais não seja, para dar lucro aos impressores, pois é sabido que a quasi unanimidade dos livros de versos imprime-se á custa dos autores... E o amor está morto? Alguns dizem que elle

só existe actualmente, verdadeiro e sincero, entre as classes menos cultas da sociedade, ainda não eivadas de scepticismo. Ora os factos vão provando o contrario. Ainda ha poucos dias, em S. Paulo, um jornalista e poeta, um intellectual, atirou na amante e suicidou-se em seguida... por paixão. E' verdade que entre as classes cultas o amor é menos explosivo que entre as pessôas humildes. Estas matam-se ainda frequentemente por ciume. E a este respeito notemos como é curiosa a nossa concepção do amor; julga-se que o amor é tanto mais forte e sincero quanto mais louco torna o apaixonado. Si este, ao saber que a amante o trahiu, não commeteu um desatino qualquer, logo pensam todos que elle não a amava mais. Si, ao averiguar a trahição da amante, o trahido matou-a, ah! então, sim: tinha-lhe grande amor! E o mais interessante é que as mulheres adoptam esta theoria, que até já passou para a arte e para a anecdota. Na SAPHO, de Daudet, quando Jean Goussin dá a bofetada em Fanny, ella se sente encantada e exclama: «Como tu me amas ainda, João!» E é conhecida tambem a historia daquella portugueza, que tinha grande paixão por um brutamontes que lhe escovava o pello com certa frequencia. Succedeu que o homem por motivos ignorados. resolveu

não bater mais na rapariga; ella, depois de passar varios dias sem levar sovas, poz-se um dia a chorar. E a uma amiga que lhe perguntou pelo motivo de tantas lagrimas, respondeu:

— E' que o meu homem já me não ama!

— Ah disse-t'o? abandonou-te?

— Não! Mas já me não bate!

O mal existe?

O revmo. padre dr. João Gualberto do Amaral fez uma conferencia sobre a *Origem do Mal*, de que li o resumo nos matutinos. A existencia do mal no Universo e as conclusões pessimistas que dahi se pódem tirar têm sido objecto de tantos estudos, discussões, meditações, classificações, affirmações e negações, que devemos consideral-a um dos mais serios problemas da Vida. Para Leibnitz e... Plangloss, estamos no melhor dos mundos. Para Schopenhauer e Hartmann estamos no peor de todos. Para os philosophos catholicos, como S. Thomaz, estamos no mundo que nos convem, porque foi Deus que dispoz que aqui estivessemos; ora Deus é sabio; logo dispondo que estivessemos neste planeta, acertou, como sempre... O syllogismo, perante as leis da Logica, está certo; resta, porém, demonstrar-lhe as premissas...

Os philosophos, não tendo certeza, parece, da existencia do mal, dividiram-no em varias categorias: o mal physico, o mal moral e o mal metaphysico.

A meu vêr, para os philosophos sadios e felizes, o mal, si existe, é sempre metaphysico. O mal physico e o mal moral só existem para os pobres que soffrem nos hospitaes; para os que soffrem nas prisões e penitenciarias; para os que padeem os horrores da guerra; para os que definham em penas de amor... Charles Richet, citado pelo dr. João Gualberto, não podendo negar que a Dôr exista, descobriu-lhe a finalidade: é a sentinella, a defesa da Vida... Ora aqui é que deviamos perguntar: é ou não é mau um mundo em que a Vida, que é um bem para defender-se da Morte, que é um mal, não achou outro meio sinão recorrer a outro mal, que é a Dôr? Pergunto apenas. Não concluo coisa alguma. Nisto, como em outras coisas, obedeço ao conselho de Frederico Amiel: não tirar conclusões... São Thomaz, que concluia de tudo, conseguiu subordinar a consciencia universal ás suas conclusões!... E Schopenhauer, que tirava conclusões pessimistas desde os seus primeiros trabalhos; elle, que concluia por exigir o exterminio da Vida pelo ascetismo,

ao mesmo tempo que firmava taes theorias, não destruia na pratica toda a sua philosophia com o nascimento de um filho bastardo?... Por isso digo que é perigoso concluir... O que parece certo é a existencia do Mal. Si, por isso, o mundo é máu, é mais difficil responder. O pensamento de Metschnikoff, citado pelo dr. Amaral, é curioso: «Dos tumores malignos não se póde deduzir prova importante em favor da concepção pessimista do Universo.» E' muito interessante, mas eu quizera conhecer o que pensaria deste conceito um homem que, sendo sabio e philosopho, ao mesmo tempo tivesse pelo corpo meia duzia de tumores malignos...

Bôdas e Pezames...

—Ha duas situações sociaes capazes de inspirar terror: a situação de noivo e a de representante da familia de um defunto, logo depois da missa do setimo dia. Um noivo, só por si, já é uma figura vagamente ridicula, pela maneira por que é pretendente: solicitando «a mão da noiva» por intermedio de terceiros; fazendo-lhe uma primeira visita, toda cheia de timidez e commoção, fiscalisado pelos paes ou pelos irmãos pequenos durante o tempo em que elle está na sala, no jardim, ou no alpendre com a promettida. Junte-se a esta carga de ridiculo intimo a sobrecarga das pompas mundanas de um casamento entre nós e teremos a medida mais ou menos exacta do constrangimento moral de um noivo, si elle é homem de sensibilidade. Eu não sei realmente como um homem não estoura de vexame, quando se mette com a

noiva num landô enfeitado de flôres de laranjeira e puxado por parelhas de cavallões brutaes, de patas pintadas de branco cheios de guisos e chocalhos e chiquechiques que fazem barulho de feira e recordam os palhaços que no interior saem á rua annunciando espectaculo no circo equestre. Casos desses justificam o suicidio...

Outra situação desesperadora é a de pessôas que convidam os amigos para ouvirem missa de setimo dia por alma dos mortos queridos. Quer aqui no Rio quer no interior, manda a etiqueta que, depois da missa, todos os convidados se approximem das «pessôas da familia» e as abracem. Começa, então, para cavalheiros e senhoras da familia do defuncto, um supplicio de que não cogitou a Inquisição: abrir mecanicamente os braços, receber entre elles quem quer que se approxime, apertar um pouco essa pessôa e dar-lhe nas costas as tres palmadinhas do estylo, murmurando: «Muito obrigado!» Está bem visto que esses abraços nada significam de parte a parte, quanto á sinceridade; porque, em consciencia, é impossivel que quinhentas pessôas, sete dias depois da morte de um cidadão de quem não são parentes, ainda estejam commovidas...

De maneira que essa etiqueta inquisi-

torial e ridicula só produz um effeito: ajuntar um tormento physico ao supplicio moral da familia. Eis porque comprehendi perfeitamente a attitude de certa familia de bôa sociedade, que, convidando, ha tempos, as suas relações para uma missa de setimo dia, declarou nos convites que dispensava o abraço do costume; bastando que cada um dos assistentes deixasse o seu nome num livro adrede collocado á porta da Egreja. Eis o que devia ser geralmente adoptado; uma vez que o abraço é apenas a prova de que F. fez acto de presença, substitua-se o abraço pela assignatura num livro. Lucra a familia, que se livra de uma tortura, e lucram os assistentes, que, depois de assignarem o nome no tal *Registro de Pezames*, podem fugir tranquillamente á massada de uma missa funebre... Podemos ficar certos de uma coisa: é que, se si invertessem os papeis, quero dizer, si fossemos nós que estivessemos na cova, e si o defuncto, que aliás não seria defuncto, fosse á nossa missa de setimo dia, faria o mesmo, isto é, assignava o nome na lista e fugia pela porta da sacristia...

Elogios...

O que mais nos deve atterrar no paiz, como phenomeno social, é a falta de sinceridade. Cada um, na classe a que pertence póde verificar facilmente até que ponto chega a falsidade, a dobrez entre nós. Pelo que se passa na classe dos escrevedores imagino o que irá por outras bandas. Quem tiver um pouco de perspicacia poderá, pela simples leitura dos jornaes, avaliar a *quantum* de falsidade entra nos elogios que se tributam a certos livros. Quando, ao abrirmos pela manhã um jornal, encontramos um artigo vastamente elogioso a qualquer livro, antes de tudo indaguemos: «Que posição social tem o autor deste livro?» Veremos que, em noventa e nove casos sobre cem, o autor é da casa civil da presidencia, (ou parente de alguem da casa civil); é official de gabinete de algum ministro; filho de algum senador,

diplomata, ou deputado; genro, irmão, ou cunhado de algum alto dignitario do Regimen que nos felicita. Ou então será fatalmente mulher... Fóra desses casos, são muito elogiados tambem os livros de medicos illustres. Geralmente os medicos escrevem mal, da mesma sorte que os escriptores não sabem curar. Isso, porém, pouco importa. E' livro de medico? Elogia-se, ainda que o livro seja um tecido de logogryphos e enigmas pittorescos. Assim se explica que a Academia de Letras se encha de medicos, emquanto homens como Farias Britto morrem ignorados. Si o sr. Farias Britto, em vez de estudar a *Logica* de Stuart Mill e a *Ethica* de Spinoza, tivesse procurado ser apaniguado de qualquer ministro, todos os prélos teriam gemido cada vez que apparecesse um livro seu. Com logica e ethica não se apanham elogios da imprensa, senão com empregos, dinheiro e ás vezes com simples promessas e esperanças...

Paz aos idólatras...

Li num dos nossos matutinos um artigo firmado por uma senhora (creio que é pseudonymo), que ataca o culto das imagens, dizendo ser isso acto de idolatria. Eis ahi uma senhora curiosa: é contra o culto das imagens por não querer ser idólatra! Recusará tambem essa calvinista ser idolatrada, isto é, ser alvo da idolatria de alguem?... Depende da sua edade. E como não a conheço, não o posso decidir...

O que achei interessante foi a coincidencia: essa senhora ataca o culto das imagens justamente no dia em que vão as fôrças navaes prestar continencia *á imagem* do almirante Barroso, o vencedor da batalha do Riachuelo. As nossas praças estão cheias de imagens, que recebem culto civil. As nossas casas estão cheias de imagens (retratos) de entes queridos, que recebem culto domes-

tico. Porque não admittir nas egrejas imagens que recebam culto religioso?

Porque isso é acto de idolatria!

Dizem os theologos que não. No catholicismo ninguem *adora* as imagens; *venera-as* sómente. Demos, porém, de barato que os catholicos adorem as imagens, como os pretos adoram lá os seus manipanços. Que mal vae nisso? Não advem sombra de prejuizo ao mundo. Realmente não vejo em que a especie humana será prejudicada pelo facto do meu visinho da direita *venerar* uma imagem, o da esquerda *adoral-a*, e eu nem a adorar nem a venerar, mas apenas tolerar e respeitar aquelles que a adoram, ou simplesmente a veneram.

Demais, si ha idolatria no culto catholico das imagens, tem sido uma idolatria benefica, tal o numero de bellas estatuas, verdadeiros primores, que tem inspirado essa idolatria como se póde ver nas velhas cathedraes italianas e francezas por exemplo. Tenho muito mais sympathia pela idolatria fecunda do catholicismo do que pela seccura protestante, que se limita a vulgarisar a Biblia... Em resumo—não vejo mal na idolatria catholica (si de facto existe), como não vejo mal na dos selvagens nem na dos gregos oh! pelo contrario: quem nos déra poder ser idólatras como os hellenos!...

A tyrannia democratica

Mudam-se os rotulos aos systemas de governar os homens, mas esses systemas não progridem, pelo menos no Brasil. Na Europa, em certos paizes, a civilisação e o culto do direito já não permittem a existencia de tyrannos de certa casta. Na Italia de hoje, por exemplo, é impossivel a existencia de Cesar Borgia. Ha leis severas que punem os assassinos, os envenenadores, os traidores; e essas leis são rigorosamente observadas. Si o principe herdeiro da Italia fosse accusado de ter mandado matar um cidadão secretamente, que complicações isso acarretaria para o throno! Si o principe de Galles fosse accusado de qualquer crime provado, não faltariam no Reino Unido juizes que o condemnassem. E' que, em paizes como a Italia, a França, a Inglaterra, o direito não é ficção, é realidade; a justiça não é abstracção,

é valor corrente. Alguns seculos de civilisação deram a esses povos perfeita consciencia dos seus direitos e deveres, dentro da «consciencia nacional» de cada um. E' o que nos falta: a «consciencia nacional». Só depois que ella estiver formada é que será possivel pensar da fundação de um regimen politico qualquer. Temos aqui uma «republica federativa»; temos Constituição, Congresso, ministros, tribunaes, batalhões, emfim todo o apparato exterior dos povos bem organisados. Apenas essa Constituição não é cumprida; esses ministros não têm responsabilidade; esse Congresso está desmoralisado; esses tribunaes não inspiram confiança; esses batalhões não sabem combater; esses navios não podem navegar. Toda a machina politica e administrativa está emperrada. Só ha, neste paiz, uma instituição séria, estavel, permanente, bem equilibrada e respeitada; a das olygarchias quer dos grandes quer dos pequenos Estados. Essas, sim, existem e funccionam admiravelmente. O filho do olygarcha, si lhe appetecer, póde mandar raspar a cabeça de qualquer cidadão (o que já se tem dado) sem o menor receio; póde, si o quizer, mandar matar qualquer desaffecto seu; si os capangas o denunciarem depois de presos, ninguem, oh! ninguem o acreditará, e

nem haverá juiz capaz de apurar a responsabilidade criminal do rapaz, que será despronunciado, haja o que houver. De sorte que vivemos aqui com pequena differença da Edade Media. O que nos distingue da Europa medieval é, primeiro—um pouco de progresso material (luz electrica, bondes, etc.); segundo—o nosso immenso atrazo em materia de coisas do espirito...

Commentarios ao "Binoculo"

O *Binoculo* tem estado excellente. Eu o leio sempre, e quizera que tambem o lesse a sra. Gilka da Costa Machado. O *Binoculo* não é apenas uma escola de bôas maneiras: é tambem uma escola de timidez e de mansidão. E' a *Imitação de Christo* do mundo elegante. Estes dois dias tem elle estado admiravel nos conselhos que vem dando acerca do melhor modo de visitar. Diz elle que, em materia de visitas, a regra geral é esta: «Nunca nos devemos tornar importunos.»

Dou alguns exemplos: não puxar a cadeia do relogio do nosso hospede; não lhe torcer os botões do casaco; não lhe dar murros quando fallar de *box*, nem patadas quando tratar de futebol; não o chamar a um canto da sala para lhe pedir dinheiro...

«Si virmos o dono da casa tornar-se im-

paciente, consultar o relogio, não progredir na conversação, etc., retiremo-nos logo». Perfeitamente. Não devemos esperar que o dono da casa nos aponte um revolver ao ouvido, nem que a dona da casa mande virar de pernas para o ar as cadeiras da sala.

Attenção: «Si formos visitar uma senhora nova, que viva só, e chegar em seguida um segundo visitante mais familiar que nós, partamos immediatamente.» Isso mesmo, antes que esse tal segundo visitante mais familiar nos aponte a porta da rua com a bengala. O melhor é arranjar as coisas de maneira que, quando o segundo visitante chegar, o primeiro já tenha sahido, sem que o saiba a visinhança...

«Nunca se deve entrar sem ter sido annunciado ou ter-se annunciado a si proprio; a acção em contrario é enorme impolidez.» Não é que haja grande inconveniente em entrar um cavalheiro, sem se fazer annunciar, para o quarto de *Madame* ou para o pequeno aposento de *Mademoiselle*. Esta regra binocular foi feita em beneficio dos proprios visitantes. Por desconhecerem esta regra, isto é, por terem entrado em casas alheias sem se fazerem annunciar, muitos cavalheiros têm passado pelo vexame de ser presos e estão cumprindo sentença na Correcção. Ain-

da ha poucos dias foi uma leva desses senhores para a Colonia Correccional. O seu unico crime foi terem entrado em casas de familia e de negocio sem dizer quem eram...

Os bigodes do Exercito

Si o sr. general Gabino Besouro, commandante da 5ª região, não leu, de certo adivinhou o verso de Molière: *Du côté de la barbe est la toute-puissance*... Segundo publicam os jornaes, o sr. general commante é contrario a soldado de cara raspada. A um cabo que lhe pedio permissão para escanhoar o bigode, respondeu S. Ex. pela negativa e, entre outras razões explicativas, acrescentou que «uma cara sem bigodes, completamente raspada, não impressiona como a que traz o masculo e natural distinctivo masculino.»

Com licença do general: o soldado, com a sua barba, deve impressionar o sexo masculino ou o feminino? A ambos, responderá S. Ex. Nego eu. Para fazer correr um medroso tanto vale um barbado como um glabro; quanto ao corajoso, si não correr do escanhoa-

do, tambem não se deixará impressionar pelo barbado. De sorte que, a dizer verdade, a barba na infantaria influe pouco no exito dos combates.

Agora, a questão é mais delicada. Crê o sr. commandante que impressiona menos a uma mulher uma cara raspada do que a que traz «o masculo e natural distinctivo masculino,» como pittorescamente diz S. Ex.? Não creia nisso o meu general. Ao tempo em que S. Ex. era cadete, talvez ainda assim fosse. Um bom par de bigodes dava sorte perante as mulheres. Hoje, não... E si o proprio general no principio do seu despacho, reconhece que «o pedido de permissão para raspagem do bigode é coisa muito frequente», isso bem mostra que os que pedem tal licença lá terão suas razões (talvez pouco militares) para querer escanhoar-se... Convença-se o general de que os tempos de hoje são differentes dos seus. Si os rostos raspados não agradassem muito mais ao outro sexo do que os rostos barbudos, não haveria no exercito tanto pedido de licença «para raspagem», e S. Ex. não veria a mór parte dos paizanos raspar sem piedade os bigodes. E neste caso, como em tudo o mais, ainda é o sexo feminino que manda... Cada vez mais as mulheres governam os homens. E, com o devido respeito,

os proprios soldados são governados muito mais por ellas do que pelos heroicos bigodes do sr. general commandante. E' deploravel, não ha duvida, mas tambem é irremediavel, irresistivel...

Exigencias do minuete

Leio nos matutinos que brevemente haverá a primeira festa de caridade desta estação; e do seu programma faz parte um numero que, executado *comme il faut*, será uma delicia: um minuete de Mozart dansado por oito pares.

Como, entretanto, irão dansar esse minuete? Por emquanto não dizem as folhas si será dansado a caracter ou em trajes de hoje.

Pergunto-o porque taes extravagancias se dão nesta cidade, que poderiam os bailarinos apparecer—os cavalheiros de casaca e as damas trajadas segundo o maximo rigor do Paris moderno—o que seria lamentavel.

O minuete é dansa inadaptavel a qualquer época differente da sua. Exige do lado das damas—puffes e cabelleiras empoadas; do lado dos cavalheiros—sapatos a Luiz XV,

casaca de portinholas, calções, espadim, bofes de renda, tricorne, corpo flexivel e—minucia importantissima!—perna muito bem torneada...

Dansar o minuete com trajes modernos, com a mesma casaca sensaborona com que se dansa o tango no Assyrio ou se vae a recepção do palacio do governo, é um absurdo historico e um attentado contra a esthetica.

A casaca é uma casta de roupa inventada para nivelar, perante as leis da moda, o fidalgo de raça ou de espirito e o plebeu, o burguez e o proletario.

E' traje democratico e sem individualidade. Tanto poderá servir para o rei da Inglaterra como para qualquer desses condes italianos e portuguezes, promovidos de engraxates e vendedores de cebolas a fidalgos de linhagem.

Nunca, porém, para o minuete, que é a dansa mais aristocratica de quantas existem. E' uma dansa que exige *ambiente* proprio, como os passos hellenos e em geral todas as choréas que marcaram limite duma civilisação. Minuete que não recordar o pincel de Greuze ou de Watteau não é minuete.

Exige tudo isso e mais um *entrainement* prolongado, porque nós não podemos ter idéa da delicadeza que é necessaria para in-

terpretal-o. Quem quizer dansar bem um minuete deve passar pelo menos um mez sem dar um passo de qualquer das detestaveis dansas americanas, que tem corrompido o bom gosto destes tempos. E depois disso, ensaio, estudo, estudo, ensaio. O minuete é exigente. Dansal-o como se dansa o tustépe ou o tango canalhesco é uma profanação.

Ruido e Solidão...

O carnaval dos que vagam sós pelas ruas menos procuradas, pelas ruas silenciosas, talvez não seja o mais aconselhavel, mas nem por isso deixa de ser o mais divertido. Os que buscam a agitação da Avenida cumprem a sua finalidade. Os frades, no silencio das suas cellas, provam que nasceram para o silencio; os carnavalescos, no ruido de Avenida, provam que nasceram para o ruido. O mundo não seria mais triste, si deixassem de existir frades nos seus conventos; tambem não seria mais alegre, si supprimissem o Carnaval. Os moralistas não applaudem essas bambochatas e têm razão. Mas o movimento do universo é tão indifferente ao Carnaval como ao tremendo mysterio da Redempção. O globo continua a gyrar em torno do seu eixo, até que appareça algum sabio que prove o contrario, sem correr os riscos por que passou Galileu...

Justamente agora, emquanto escrevo, meninas de familia, phantasiadas e de meias-mascaras, passam cantando coplas que fariam enrubescer meretrizes de Byzancio. Ora, antes dellas passarem cantando as suas obscenidades, pouco antes, approximou-se de mim uma pobre creança esqueletica, de dez annos no maximo, faminta, e pediu-me uma esmola; depois percorreu outras mesas. Dahi a pouco entrou no bar (rua afastada) um senhor acompanhado de uma menina, apparentando dez annos, forte, sadia, vestida de branco e muito seriazinha. Parecia filha do cavalheiro, que pediu uma garrafa de cerveja. Ambos beberam. Elle lia um jornal. A pequena bebia. Qual seria mais infeliz — a que, aos dez annos, pedia esmola, ou a que, aos dez annos, bebia em companhia do pae? Mas o Universo é indifferente a tudo isto. Entretanto, quem seria a moça que passou por mim, vestida de siciliana e com duas tranças castanhas, maravilhosas, a cairem-lhe quasi até aos joelhos? O' Santuzza desconhecida e errante! O que eu daria por uma noite atado a essas fortes tranças de mulher primitiva!...

O poço maldito

O caso do homem que caiu no poço em Rocinha, Estado de S. Paulo, offerece aspectos curiosos. Esse infeliz, que se chamava Isaias, quando alimpava uma cisterna de vinte e cinco a trinta metros de profundidade, caiu lá em baixo e esteve quasi uma semana «morre não morre», emquanto se faziam baldadas tentativas para salval-o.

De São Paulo foram duas turmas de bombeiros, chefiada cada uma por um engenheiro. De São Paulo foram ainda cabos, roldanas e outros apetrechos necessarios ao trabalho de içar o infeliz que jazia sepultado em vida, meio devorado pela repugnante e venenosa bicharia do fundo do poço, num martyrio formidavel, a Edgard Allan Poë. Mais de duzentas pessôas estacionavam á borda do poço, ajudando a salval-o, ou lamentando a sorte de Isaias. O telegrapho, começou a trans-

mittir ao paiz inteiro que lá em Rocinha caira um homem num poço. Os prelos gemeram. Os jornaes descreveram o estado de Isaias, reclamaram providencias, suggeriram medidas. Emfim, o paiz inteiro ficou sabendo que um homem soffria no fundo de uma cisterna. Pelas esquinas, pelas confeitarias, até nos theatros, não se cuidava de outra coisa: «Isaias, coitado, caiu no poço e vae morrer». Finalmente, como não foi possivel salval-o, morreu. Os jornaes abriram columnas, deram retratos e, lá em S. Paulo, já começam a fallar na abertura de um inquerito para apurar si Isaias deixou de ser salvo por impossibilidade material ou si por impericia das turmas encarregadas do serviço.

Quem poderá saber si Isaias deixou de ser salvo por impericia? E' preciso não perder de vista o seguinte: durante cerca de cinco dias, os bombeiros idos de S. Paulo, com grandes difficuldades, conseguiram ir entretendo a vida do infeliz a custa de cordeaes, leite, vinho, aguardente, café, etc., que lhe davam lá em baixo, presos a cordas e correndo o risco de se enterrarem tambem. Após muitos trabalos esses bombeiros conseguiram içar o homem até talvez metade da altura do poço. Foi um momento de jubilo. Estava salvo! Não, não estava. O cabo partiu-se e Isaias

caiu outra vez. Mandaram vir cabos mais fortes. Vieram tambem empregados da Companhia Paulista, que, em algumas horas, conseguiram pôr a cisterna a secco e içar Isaias. Estava finalmente salvo! De cá de cima já o viam apparecer na semi-obscuridade do seu sepulcro. De repente — paf! — lá se arrebentava o cabo e o infeliz immergia novamente nas trevas, de onde foi impossivel retiral-o com vida, pois que, durante o trabalho de seu terceiro salvamento, elle rendeu o espirito. Eis porque não sei até que ponto se poderá attribuir esse desastre á falta de pericia das turmas salvadoras. Impossibilidade material de salval-o não existia; e a prova é que, por duas vezes, esteve quasi salvo; e si, por duas vezes, elle esteve quasi salvo, só não o sendo por se terem quebrado solidos cabos em que os profissionaes depositavam confiança, nesse caso, parece não ter havido impericia. Eu me inclinaria, antes, a admittir como explicação dessa desventura, até que appareça outra melhor, *fatalidade*. E' certo que as autoridades, maximé quando procedem a inqueritos administrativos em que as suas pessôas não estejam envolvidas, são pouco inclinadas a admittir a *fatalidade* como explicação de uma catastrophe. O que ellas procuram é uma *falta* para punir. Ora a fatalidade

não póde ser punida. A impunidade é precisamente o seu maior previlegio. De sorte que ella fica quasi sempre afastada das conclusões dos inqueritos. Fica afastada, mas nem por isso deixa de existir e de manifestar-se, como no caso de Rocinha, em que parecia haver uma fôrça occulta e mysteriosa que attrahia o pobre Isaias para o fundo dantesco do poço maldito . . .

As mulheres na politica

Adiantará muito submetter a politica á «influencia santificadora do sexo affectivo», como diria o sr. Teixeira Mendes? Creio que não. De facto, as mulheres já influem na politica, embora não sejam eleitoras nem deputadas: influem indirectamente, pelo prestigio que têm sobre os maridos, sobre os noivos, sobre os amantes. Nem é preciso a uma mulher ser casada com deputado para influir nas suas idéas politicas. Conheço deputados que são francophilos por causa das prostitutas francezas... O venerando senador Irineu não se dedignou de ir uma noite ao Municipal fazer discurso numa festa «pró-alliados» que ali se realisou sob os auspicios da não menos veneravel Suzanna Castera, proprietaria de uma pensão de meretrizes. Nem louvo nem condemno: admiro com as turbas...

Ora, influindo as mulheres nos politicos, e sendo estes, em geral, o que nós sabemos, os negocios publicos melhorarão muito no dia em que ellas influirem *directamente* sobre elles? Não creio. Uma ou outra mulher, desde que o mundo existe, tem tido visão politica: Catharina de Medicis, Maria Thereza, Catharina II, da Russia, a rainha Christina, da Hespanha, e algumas outras mais. São, porém, excepções, além de serem mulheres de raça nobre, descendentes de reis, de homens de pensamento e mando. Agora, que beneficio resultaria para o paiz si, por exemplo, a professora Leolina Daltro fosse deputada? Nenhum. Seria apenas a representação feminina do marechal Pires Ferreira.

Geralmente se diz que as mulheres são mais honradas, em materia de dinheiro, do que nós os homens. Confesso ser verdade. De ordinario as mulheres não furtam. Mas não furtam porque? Porque os homens se incumbem de furtar para ellas. Então essas negociatas, essas chantagens, essas roubalheiras formidaveis, que se praticam por ahi, serão feitas pelos homens só pelo prazer de ajuntar dinheiro, muito dinheiro nas gavetas, só pelo «gosto da cobiça e da avareza», como diria Luiz Vaz de Camões? Não. Si os homens prevaricam, é por causa dos chapeos, dos ves-

tidos, das meias e das joias das mulheres. Si as mulheres, para dar o seu amor, não exigissem tanta coisa cara, tão prevaricadores não seriam os homens. Ora, no dia em que ellas fossem deputadas e ministras, seriam tambem *brasseuses d'affaires* e commetteriam as mesmas indignidades que os homens. Apenas, sem justificativa: um homem que furta por amor, isto é, para não perder as coxas de uma mulher, está muito longe de merecer absolvição, mas inspira certa sympathia — a sympathia que se tem pelos imbecis. Uma mulher que furtasse — furtava apenas para si, para comprar chapeos e joias. Amor? Não: simples e pura vaidade. Ha ainda, para consumir o dinheiro dos homens, o jogo. Mas as mulheres tambem jogam, e jogam feio e forte. Em Caxambú, nas estações proprias, quando os hoteis regorgitam de *aquaticos*, a roleta é frequentada pelas senhoras de familia, as quaes, diga-se de passagem, embora um pouco ingenuas, têm admiravel vocação para *tripoteuses* e *tricheuses*. Isto aliás, nas mulheres, é muito antigo. Já no tempo de Luiz XIV, a duqueza de la Ferté, jogando com os seus fornecedores, roubava-os. Quando alguem lhe fallava nisso, ella respondia: *Eh bien, oui, je les triche, mais c'est qu'ils me volent*... Eis porque, a meu ver, a entrada das mulheres para a po-

litica não melhoraria em nada a situação do paiz. Idéas ellas não trariam ; quanto a honestidade, a dellas não seria maior do que a nossa...

Verhaeren

A morte de Emilio Verhaeren, tão inopinada e tão tragica, equivale a um choque formidavel soffrido pela litteratura mundial. E' uma grande fôrça espiritual que desapparece. Verhaeren era uma grande fôrça universal. Póde-se aferir a grandeza de uma personalidade pela vibração que a sua morte produz em todo o mundo. A morte de Verhaeren produziu a mesma vibração mundial que a de qualquer dos grandes soberanos do universo. Porque desde o momento em que elle era esmagado por um trem em Ruão, estremeciam os fios telegraphicos, transmittindo a nova a toda a França; vibravam os cabos submarinos, espalhando a noticia por todos os continentes, levando-a aos dois polos da Terra; vibrava a propria atmosphera nas suas ondas hertzianas, levando o conhecimento da morte de Verhaeren a pontos distantes, a

pontos ignorados, a qualquer plaga desconhecida onde houvesse uma alma sensivel ás emoções superiores. Este grande symbolista, este grande mystico dos MOINES, foi tambem um extraordinario realista, ou melhor, um formidavel idealisador da materia. Toda a vida contemporanea teve no Verhaeren das FORCES TUMULTUEUSES e das VILLES TENTACULAIRES o seu melhor, o seu unico cantor. Toda a inquietação moderna está nos versos deste grande flamengo. Não ha dobra, por mais secreta, da complexa alma contemporanea, que não tenha sido analysada em seus versos, ás vezes, numa simples phrase, mas numa dessas phrases germinativas, que se desdobram, no nosso interior, em infindaveis ondas sonoras, em echos incessantes, em rythmos infatigaveis, até que se percam no tumulto da vida universal.

A lingua franceza no seculo XIX teve dois poetas maximos: na primeira metade, Charles Baudelaire, analysta da alma decadente do seu tempo; na segunda metade, Emile Verhaeren, o reverbero mais poderoso e mais vivo da *alma de transição* que caracterisa a sua epoca: soube comprehender a vida real como um homem de sciencia; soube adivinhar o que não sabia, como um genio, e soube simultaneamente ser um mystico digno

da aureola que illumina o seu patricio Ruysbroeck, o Admiravel. Tragico Verhaeren! O seu espirito viveu em perenne contemplação de todas as fôrças que constituem a belleza interior da Vida; quiz o destino que a sua vida se extinguisse num turbilhão, colhida pela «fôrça tumultuosa» de uma locomotiva em marcha para as planicies, para os campos, para a Natureza e para as *cidades tentaculares* que elle idealisou, e onde a porção inferior do seu ser se integrará nas *podridões incessantes* de *Celui du rien*:

«Je suis celui des pourritures incessantes...
....
Je suis celui des pourritures infinies :
Vice ou vertu, vaillance ou peur, blasphème ou foi,
Dans mon pays de fiel et d'or, j'en suis la loi,
Et je t'apporte à toi le consolant flambeau,
L'offre à saisir de ma formidable ironie
Et mon rire, devant l'universel tombeau...»

Sim, o destino foi bestialmente ironico para com Emilio Verhaeren: em vez de fazel-o morrer docemente, no mystico deslumbramento das suas harmonias interiores, deu-lhe morte violenta e ruidosa. O cantor dos RYTHMOS SOBERANOS recebeu como premio a morte sem rythmo; e, em vez de ouvir, ao morrer, a musica de si mesmo, elle, o grande rebuscador de rythmos para o pensamento, a ultima vibração das fôrças naturaes que ouviu foi o

silvo de uma locomotiva, como expressão symbolica e tragica da «formidavel ironia» das coisas, do extranho riso cosmico do tumulo universal que escancarava a fauce para tragal-o *in æternum et ultra* . . .

Heresia orthographica...

Eu deveria ter escripto «Erezia ortográfica» para ser agradavel ao sr. Medeiros e Albuquerque, cujo artigo — «Relijião ortográfica», foi o inspirador destas linhas.

O sr. Medeiros e Albuquerque vem ha muito tempo pugnando pela simplificação da nossa orthographia. Uma lingua é um organismo vivo; portanto está sujeita a modificações, a augmentos, a diminuições, a ampliações e simplificações, como qualquer outro organismo. Mas essas modificações não podem e não devem ser feitas por decretos. Devem operar-se naturalmente, espontaneamente. Antigamente escrevia-se *çapato* e *açucar*; hoje escreve-se *sapato* e *assucar*, porque o uso consagrou estas ultimas formulas.

A orthographia é, com effeito, uma convenção; mas as melhores convenções não são impostas por decretos nem ucases; são basea-

das na tradição; triumpharam pouco a pouco. A maior das convenções é a moral, que não se impõe por intermedio de poderes legislativos. Si outrora alguem se lembrasse de decretar a obrigatoriedade do decote, provavelmente teria de soffrer opposição de todos os Catões da época; entretanto,o decote é hoje de uso corrente na alta sociedade, em certas festas nocturnas. Si uma senhora, pela manhã, nos apparecer de hombros nús, ficaremos a pensar coisas absurdas a respeito de sua moralidade... De noite, num theatro, ella póde mostrar a toda a gente os hombros e grande parte da espinha, o collo até á raiz dos seios, os braços (inclusive as axillas), as pernas até os joelhos, etc., etc., etc., sem incorrer em suspeita de especie alguma, salvo si já fôr mais ou menos conhecida de todo o mundo a sua chronica secreta... Pura convenção, certamente, mas que não se impoz de um dia para outro.

Assim é a orthographia. Ella deve modificar-se pela acção do tempo. Ha palavras que, modificadas de um momento para outro, perdem quasi a sua razão de ser. Que razão haverá para escrevermos, por exemplo, *lyrio?* Nenhuma. Em latim se escreve *lilium*; mas estamos de tal maneira habituados a ver *lyrios* e não *lirios*, que não vale a pena alterar a gra-

phia do vocabulo. Isto sem appellar para a razão que dava aquelle academico francez para que se escrevesse *lys* e não *lis*, isto é, que o *y* já recordava materialmente a fórma de um lyrio...

Fantasma sem *ph* não causa medo a ninguem; ao passo que *phantasma*, basta ler-se para que se vejam logo duendes e gnomos de todas as qualidades...

Onde o sr. Medeiros e Albuquerque tem razão é no ponto em que combate o motivo que deu a Commissão de Finanças para não mandar adoptar uma orthographia official: que a questão orthographica é um caso de consciencia, como a religião! Isto, realmente, é uma razão de cabo de esquadra. Nesse andar não podiamos legislar mais sobre coisa alguma. Ha, por exemplo, religiões que admittem o casamento de um homem com muitas mulheres; logo, o Codigo penal não póde punir a bigamia, porque o bigamo póde ter-se casado com mais de uma mulher por motivos religiosos, além de outros menos espirituaes...

Na verdade seria antipathica qualquer decisão dos poderes publicos a respeito de orthographia. A Commissão, pois, fez bem não legislando; mas podia ter dado outra razão. Podia, por exemplo, appellar para o facto de haver muitas grammaticas portuguezas au-

torisadas officialmente; ora, trazendo essas grammaticas regras mais ou menos certas a respeito de orthographia, cessava a necessidade do governo estabelecer nas repartições publicas principios basicos de escripta. O que o governo deve procurar regularisar quanto antes, com a maxima urgencia, é a escripta do Thesouro. O resto deve ficar por conta das grammaticas adoptadas nos institutos officiaes e que não são poucas...

Quanto ao sr. Medeiros e Albuquerque, uma vez que, segundo o seu artigo de hontem, o Estado adoptou uma «relijião ortográfica», elle, que é contrario a essa «relijião», fica na categoria dos «éréjes»; ou melhor, sendo, como o é, corypheu de uma refórma contraria a essa «relijião», deverá ser mais que um simples hereje: é um heresiarcha, ou *ereziarca*, si lhe sôa melhor...

A princeza Arminda

Em livro muito antigo — *Da curiosa historia da fermosa princeza Arminda de Granada* — seria possivel encontrar capitulos assim:

« *Cap. IV* — Como o principe Mustaphá veio cantar sob o balcão de Arminda ao som do arrabil e do mais que então se passou.

Cap. X — Como a fermosa princeza, não querendo fazer maridança com o principe Mustaphá nem com o bellico Ali, foi fazer sua queixa ao califa Abdelcader.

Cap. XIV — Da disputa que houveram Mustaphá e Ali por amor da princeza Arminda e como se desafiaram para singular combate.

Cap. XIX — Do combate que fez Ali contra Mustaphá e como ambos foram vencidos pelo gigante Merlão, por artes do Nigromante Massapatão, o qual vivia em Mecca,

junto do tumulo do seu infame propheta Mafamede.»

O livro terminaria com a conversão da princeza ao christianismo e seu casamento — ou *maridança*—com o conde de Olivares...

Mas nada disso se deu, leitor. Esta Arminda de quem trato aqui é filha do turco José Raber e mora á rua Buenos Aires, antiga do Hospicio, no bairro turco, passeio que não te aconselho, por motivos hygienicos...

Constou á policia, segundo referem os jornaes, que Arminda estava, por ordem do pae, em carcere privado. Interrogado, declarou o pae Raber que a filha tinha apenas recato, para evitar complicações... E veio então a historia de um certo Mustaphá, que lhe promettera uma casa, e de um certo Ali, que lhe promettera dois contos. Nenhum cumprira a palavra; por isso a princeza, quero dizer, a filha do Raber, não quiz fazer maridança com nenhum delles. A policia os mandou a todos em paz.

E ahi tem o leitor a historia da Arminda, que não é princeza moura, mas apenas moura filha de mercador. Decididamente são muito prosaicos os nossos tempos...

L'homme qui assassina...

Esse pobre sargento que assassinou a mulher (Livia, bello, evocativo nome romano!) é uma victima do preconceito de raça, da falta de dinheiro e da inconsciencia feminina. Seu sogro, um livreiro italiano, declara que sempre se oppoz ao casamento delle com a filha: primeiro por ser elle «de côr parda»; segundo por não ter tanto dinheiro quanto fosse necessario á nobre descendente de um iialiano... Quanto ao preconceito de raça, vê-se bem que esse livreiro, compatriota de Dante, nunca se deu ao trabalho de abrir uma tragedia chamada O MOURO DE VENEZA e que foi escripta por um certo William Shakespeare; si a tivesse lido, teria notado que a sua patricia Desdemona, formosa e fidalga, se apaixonou tambem por um soldado, que nem ao menos era christão, que devia ser mais escuro do que o sargento, e que por sua vez a

matou a adaga, que é, para tragedias de amor,
instrumento muito mais esthetico e portanto
muito mais nobre do que o revólver. Homem
de bom gosto, que tiver de matar alguma
bella italiana, deve dar preferencia ao punhal,
caso não tenha nas suas panoplias alguma
adaga antiga, recurva, cujo cabo seja de ouro
burilado e cravejado de esmeraldas. O re-
vólver é arma vil. Serve, quando muito,
para abater cães, homens e mulheres vulga-
res. Um bello collo de mulher apaixona-
da, collo branco e tempestuoso de tragedia,
esse exige o fulgor da lamina de um punhal.
Mais ainda, homem de bom gosto não deve
matar uma bella mulher durante o dia: deve
matal-a a punhal á noite—elle de casaca, ella
decotada—depois de uma orgia, regada a
champanha. Isto tem a vantagem de ser fino,
altamente aristocratico, e de preparar a mara-
vilhosa dirimente da privação de sentidos.
Poupa muito trabalho aos advogados... O
sargento, homem simples, assassinou a es-
posa de dia e a revólver. O crime teria sido
lamentavelmente vulgar si, depois da moça
ter caido mal ferida, o uxoricida não lhe ti-
vesse dado, como tiro de misericordia, um
ponta-pé em pleno rosto. Este ponta-pé,
que horrorisa a todas as senhoras e aos
homens serios, é segundo meu modo de

vêr, o que dá certo cunho tragico ao crime, distinguindo-o dos uxoricidios communs. A grande raiva, a colera d'aymoré de que estava possuido esse homem! Não é nada mediocre esse criminoso. A sua ira é dessas que toldam por completo a razão. Sim, homem que conserve ainda alguma parcella de senso commum não escouceia uma mulher viva, quanto mais o cadaver de sua mulher! Para que o sargento ousasse dar-lhe um ponta-pé no rosto, depois della morta, era preciso que elle tivesse um immenso orgulho offendido e um immenso amor desprezado — dois sentimentos perigosos como leões famintos. Haverá quem o condemne? Para tanto, é preciso não ser humano. A sua principal defesa está justamente no ponta-pé final. Si os seus advogados forem intelligentes, terão nesse couce a prova mais evidente da providencial privação de sentidos. Esse ponta-pé, antes de ferir o rosto da assassinada, espatifou o libello da promotoria. A defesa, com algumas phrases lyricas, dará ao caso o remate que convem. O resto fica por conta da intelligencia e do cansaço dos jurados... Seja como fôr, ninguem póde condemnal-o, pelo menos á pena maxima. Lembremo-nos, senhores, de que esse homem que, sob o aguilhão de seu amor e do seu ciume, matou a mulher, podia ter feito cousa muito

peor: podia, segundo o conselho de Heine, ter feito da sua dôr um poema e publicado um livro de versos! A sociedade, absolvendo-o, deve agradecer-lhe o tel-a livrado dessa calamidade...

Os crimes de amor...

Em S. Paulo, um jovem jornalista, Ricardo Gonçalves, deu um tiro na sua amante (amante, ou mulher, não o sei bem), por ter tido provas de que ella lhe era infiel com um medico a quem elle chamára havia tempos para curar uma filhinha sua. Estourada esta tragedia, todos os jornaes são unanimes em condemnar o medico: «Miseravel! Seductor! Don Juan indecente!» E outras adjectivações. E' evidente que, num caso desses, difficilmente se livrará um homem da pecha de seductor. Mas tambem, por outro lado, parece que, num crime de amor, não se póde imputar toda a responsabilidade ao homem, principalmente quando a mulher causadora da tragedia tem os precedentes de Maria do Carmo, a companheira de Ricardo Gonçalves. Essa mulher, com as suas infidelidades, foi causa do suicidio do marido; depois deste successo, foi viver

com o cavalheiro «que a seduzira» (é sempre o homem que seduz!). Um dia este foi assassinado. Uniu-se ella, então, com Ricardo Gonçalves, poeta, jornalista, homem de talento, segundo dizem. Maria do Carmo, informam os jornaes paulistas, era morphinomana, exactamente como o poeta. Quaes seriam as leituras preferidas dessa creatura? Que genero de palestras cultivaria na intimidade caseira, quando estivesse a sós, com o seu homem? Tudo isso seria necessario saber, para poder formular juizo mais ou menos approximadoda justiça.Conhecidos os precedentes, admitte-se a tal «perseguição irresistivel» de que tanto se fala para justifical-a de ter caido nos braços do medico? E não declarou ella mesma terminantemente a Ricardo que não o amava mais? E' possivel que o medico a requestasse; mas tambem é possivel que elle o fizesse só depois de ter recebido della uma ordem de «avançar», dada silenciosamente, com simples olhares, como sabem fazer mulheres desse jaez. Custo muito a crêr na «perseguição irresistivel» de um homem moço para uma mulher mãe de alguns pimpolhos e batida já por amores varios e tragedias diversas. Concebe-se que um homem bello exerça certa fascinação nos nervos de uma inexperiente rapariga de dezoito annos, que

busca no mundo, incessantemente, no céo, nas estrellas, nas flôres, no ar que respira, em tudo, impellida por uma fatalidade cosmica, conhecer a Vida, decifrando o enigma do seu proprio coração. Essa póde ceder á «perseguição irresistivel». Mas uma senhora experimentada, doutora formada em amores tragicos, matriculadissima na classe das peccadoras, morphinomana e voluvel, não póde lançar mão desse recurso de defesa. «Perseguição irresistivel» soffria ella, mas não do exterior. Essa perseguição vinha della mesma, do seu interior, das suas entranhas, da calidez do seu temperamento da vibratilidade dos seus nervos. Como todas as grandes amorosas, trazia o bacillo da infidelidade na massa do sangue. E é por isso inutil condemnal-a. Ella é perjura em virtude das mesmas fôrças naturaes que dão colorido ás rosas e perfume ás violetas. Mas tambem acho que é injustiça fazer carga contra o medico, exclusivamente. E' um conquistador profissional, dirão! Oh! senhores! Não haveria conquistadores si não houvesse mulheres conquistaveis. Não ha artilheiro que penetre em praça forte bem guarnecida. As tropas só entram quando a praça se rende. E ha praças que se não rendem nunca: Verdun, por exemplo. Verdun e Lucrecia...

O jogo franco...

Nessa campanha que a policia emprehendeu contra o jogo, ha facetas curiosas, como em tudo quanto se faz neste paiz. A principio, o Chefe de Policia pareceu não se incommodar muito com a jogatina. Os jornaes, porém, começaram a reclamar contra semelhante immoralidade. O dr. Chefe então ficou entre a cruz, que era o dever de olhar pela moral publica, e a caldeirinha, que era o seu espirito liberal. Não sabia o que fazer. Não sabia o que resolver. O' duvida! Pobre Hamlet da rua da Relação! Afinal, depois de muito reflectir, achou S. Ex. a formula capaz de conciliar os mais altos interesses da moral com os mais baixos interesses dos banqueiros, *croupiers*, *pharóes*, *moscas* e outros animaes da immensa fauna dos jogadores. A formula salvadora da policia era esta: o jogo só seria permittido de cinco horas da tarde em deante! De sorte que,

transportada do terreno pratico para o terreno especulativo, a decisão do Chefe de Policia podia ser reduzida ao seguinte principio, que Kant infelizmente não inscreveu na CRITICA DA RAZÃO PRATICA: «O jogo por ser ladroeira, é crime até cinco horas da tarde: dessa hora em deante deixa de ser crime para ser acção indifferente, caso não seja innocente». *Sic volo, sic jubeo; sit pro ratione voluntas.* Como se vê, o Dr. Chefe está creando novas interpretações da vida... Começou, pois, o jogo a funccionar vastamente das cinco da tarde em deante. E' claro que, com semelhante salvo-conducto, a jogatina alastrou se. Os jornaes bradaram ás armas novamente. Não podia ser assim. Era preciso dar providencias serias para livrar a cidade de semelhante cancro. O Dr. Chefe novamente poz-se a pensar. Quem pensa, inventa. Foi pensando que o monge Schwartz descobriu a polvora. Foi tambem pensando que o Dr. Chefe descobriu um principio de moral, ao decidir que não houvesse clubes no centro da cidade, mas sómente nos arrabaldes! Eis o principio: «O jogo, sendo uma ladroeira, não póde existir no centro de uma capital civilisada, mas nos arrabaldes não faz mal nenhum que formiguem os trapaceiros». Devo declarar francamente que a campanha contra o jogo

me é perfeitamente indifferente. Não virá abaixo o mundo si a policia cruzar os braços deante do numero alarmante dos *tripots* da capital. O que me interessa nisso, como em tudo, são os seus aspectos metaphysicos, os aspectos superiores. Por este lado, posso garantir ao dr. Chefe que lhe sou muito grato por aquelles dois novos principios de moral que me ensinou. Quando estive nas aulas de philosophia, ouvi muita coisa a respeito das sciencias moraes: mas não conhecia nem podia conhecer aquelles dois principios admiraveis que S. Ex. acaba de gloriosamente descobrir. Mestre, muito obrigado!...

Preconceitos de linguagem...

Na Rumania, segundo dizem os jornaes francezes, que agora muito se interessam por tudo quanto diz respeito aos moldo-valaquios, na Rumania ha certas palavras, que em todas as outras linguas cultas tem significação nobre e que entre os rumenos tem significação pejorativa. Chamar, por exemplo, a algum rumeno *marquez*, ou *condessa* a alguma rumena, é commetter injuria e grande. Entre elles, não se diz *principe* em rumaico, porque esta palavra tem a significação analogica de *jogral;* de sorte que adoptaram lá a palavra franceza *prince*, para designar qualquer membro da familia real. A palavra *rei* tambem é injuriosa. Tanto assim, que, na traducção do livro biblico dos Reis, escrevem os rumenos Livro dos Imperadores!

Em portuguez ha tambem palavras de significação primitivamente honesta e que en-

tretanto agora não podem ser pronunciadas deante de pessôas de respeito. No norte de Minas, por exemplo, como no norte de todo o paiz, chamar *dama* a uma senhora é arriscar a pelle. *Dama*, lá por aquellas plagas, é «mulher perdida».

A palavra *moça* póde ser pronunciada deante de quem quer que seja. «Esta menina está ficando moça. — Sua filha é uma bella moça»—são expressões correntes; entretanto, querendo alguem referir-se á amasia de alguem, diz: «A moça de Fulano!»

Rapariga! E' uma das palavras mais lindas da nossa lingua. Em Minas, entretanto,— rapariga applica-se mais ás mulheres do serviço domestico, isto é, amas, cosinheiras, arrumadeiras, etc. Aqui, já vae tendo significação pejorativa: *casa de raparigas* é o mesmo que *bordel*. Ora é um absurdo isso. *Rapariga* é simplesmente feminino de *rapaz*. Seria encantador poder toda gente dizer, como ainda ha dias ouvi dizer a um espirito eminente, que me dá a honra da sua amizade: «V. não imagina que rapariga valente é minha mulher.»

Mãe! Não se discute a belleza desta suavissima palavra. Pois tambem a palavra *mãe* vae assumindo significação equivoca. Em certas locuções é um vocabulo pelo menos

suspeito. Os jornaes já começam a substituil-o por *progenitora*. E' incrivel! Que qualquer palavra possa *derrancar* com o tempo comprehende-se; mas a palavra *mãe!?* O noticiario elegante tem receio de dizer: «Faz annos hoje a sra. Dona Fulana, muito digna mãe do nosso amigo sr. Beltrano».Em vez de *mãe*, escrevem *progenitora*, que é uma palavra erudita, secca, como todas as coisas eruditas, fria e pernostica. *Mãe* é alguma coisa tepida, doce, nobre como o collo materno. *Progenitora* é simplesmente uma delicadeza de moleque bem fallante.

Mãe, collegas, mãe! Devemos escrever «a mãe do sr. Fulano», da mesma fórma que escrevemos «o pae do sr. Beltrano» e «o filho de Dona Sicrana». Ninguem diz na intimidade — «vou beijar minha progenitora», mas simplesmente, — «vou beijar minha mãe».

E' para desejar que os jornaes abandonem de uma vez a palavra *progenitora*, que é, etymologicamente, muito mais grosseira do que *mãe*. *Progenitora* compõe-se do prefixo *pro* e da raiz *genit*, de *gigno*, *gignis*, *genui*, *genitum*, *gignere*, que quer dizer *gerar*. De maneira que, posta em bom vernaculo, *progenitora* é a *pró ou ante-geradora do sr. Fulano*, Não sei onde está a delicadeza desta expres-

são... Por conseguinte, de uma vez para sempre, estabeleçamos que os homens têm virtuosas e dignas *mães*, e não ridiculas e pernosticas *progenitoras*.

O Feiticeiro

Um guarda civil que rondava de madrugada pela rua dos Arcos, percebeu, no pavimento terreo de certa casa, uns clarões inconstantes e fugidios. Em outros tempos, qualquer dragão da ronda se teria persignado e invocado o auxilio do alto contra visões diabolicas. Cá o nosso guarda não pensou em tal. Clarões inconstantes e fugazes? Principio de incendio. Suppondo,pois,tratar-se de incendio, bateu á porta da dita casa, que se abrio logo. O civil, com algumas pessôas mais, entrou, correu ao andar terreo e deu com o inesperado. Não havia incendio. Havia simplesmente quatro vélas accesas pelo portuguez Lino de tal, que estava em frente dellas a dizer coisas cabalisticas e a atirar ao fogo sal e querozene. Interrogado, respondeu Lino que aquillo elle o fazia para afastar certas coisas que lhe atrapalhavam os negocios. O guarda pensou

lá comsigo: « Este homem está em sua casa, sózinho, pacificamente tratando de regularisar os seus negocios. Ha varios meios de regularisar os negocios: pôr ordem na escripta levantar um emprestimo, passar algumas notas falsas, arranjar modos de ser fornecedor do governo, etc. Ora este homem não lançou mão de nenhum destes meios; logo deve ser preso.» E com effeito prendeu Lino e o levou para a delegacia. O delegado, depois de ouvil-o, respondeu que não lhe encontrava culpa e mandou soltal-o. E' evidente que o delegado fez bem; mas não podia ter feito melhor, si, além de pôr o preso em liberdade, mandasse dar-lhe todas as satisfações a que tem direito qualquer cidadão que é preso por engano? Porque Lino foi victima de engano. Esse homem, si estivesse em sua casa, áquella hora, debruçado sobre a sua secretaria, alinhando cifras num grande livro para poder regularisar os seus negocios, com certeza não seria incommodado. Ora, quando elle atirava sal e querozene ao fogo, estava, a seu modo, methodisando a sua vida de mercador. E uma vez que esse systema lhe parecia efficaz e não perturbava a ordem, cumpria á policia respeital-o. Respeitemos, pois, os feiticeiros...

Bailarinas...

Bem fazem as mulheres: vestem-se de branco; decotam-se o mais que podem; encurtam as saias... Uma vez que paes e maridos não se opponham a tal, que temos nós com isso? Esses saiotes suggerem muitas coisas, principalmente lembranças do passado. Quando as vejo, lembro-me de bailarinas e penso quanto estamos adiantados relativamente ao seculo de Luiz XIV, por exemplo. Quando se fundou a primeira scena lyrica em Paris, por iniciativa do padre Perrin, as bailarinas eram... machos!

A apparição de mulheres no palco seria um escandalo. Só em 1681 Lulli conseguiu a cumplicidade das damas da côrte para que as mulheres pudessem representar no seu bailado *Triomphe de l'Amour*. As princezas mais soberbas tomaram parte nesse bailado. Entre outras: a Delphina de França, Mlle. de Conti,

a princeza de Guéméné, como nympha de Diana, Mlle. de Poitiers, de nayade, Mlle. de Sevigné, futura condessa de Grignan... Dias depois, o bailado foi repetido para o grande publico, na Opera, com as primeiras bailarinas contractadas, que eram apenas quatro. Successo louco! A direcção da Opera contractou mais bailarinas! Mas ninguem pense que ellas dansassem de *maillot* e saiotinho de gaze e barbatanas como hoje. Em primeiro logar, cada bailarina vestia-se como queria; em segundo logar vestiam-se á moda do tempo, isto é, saia cumprida e larga, busto acochado em collete de barbatanas, mangas apertadas até o cotovello. De pernas nem signal... O aphorismo fundamental neste assumpto hoje em dia é: « O primeiro dever de uma bailarina é mostrar as pernas.» Naquelle tempo este aphorismo ainda não existia. Só em 1726 a Camargo teve a ousadia de apparecer de saia curta em scena. Mas que escandalo! Grimm, que estava em Paris nessa occasião, conta que os jansenistas protestaram contra tão grande falta de decoro. Os molinistas, pelo contrario, approvaram. A Sorbona teve de metter-se no meio da contenda. Mas a moda das saias curtas pegou... Entretanto havia ainda no traje das bailarinas uma peça desgraciosa: eram as calças, que vinham até os

joelhos e appareciam atrozmente sob a saia. Ah! não houve duvida: supprimiram-se as calças! Mas uma noite, na Opera, Mlle. Mariette ia esboçar um passo de dansa quando a fimbria da sua saia se prendeu numa quina de scenario de tal maneira que a pobrezinha não teve remedio senão expor ao publico, durante tres segundos, *les dessous du panier*... A Mlle. Maisonneuve succedeu egual aventura dias depois no *Theatre Français*. Então as autoridades inquietaram-se. A policia baixou um ucase, tornando obrigatorio o uso do calção para todas as comediantes, cantoras, coristas, bailarinas e figurantes de todos os theatros de Paris. Mas o calção era desgracioso. Deixava muita dobra em evidencia. Ahi por volta de 1791, já em pleno dominio da Revolução, um sujeito chamado Maillot inventou o accessorio que lhe immortalisou o nome. Agora, sim, a illusão da nudez era perfeita, principalmente quando o *maillot* era roseo claro. Foi logo adoptado em todos os palcos da Europa, menos em Napoles, onde a côrte se escandalisou. O interessante é que o proprio Papa permittiu o uso do *maillot* em todos os theatros dos seus Estados; apenas exigiu que, em vez de roseo, fosse azul! E ahi está como, de Luiz XIV para cá, as bailarinas foram dimiuuindo as roupas, até chegarem a Isadora Dun-

can, que dansa apenas de *kiton* grego. Para este clima selvagem o *kiton* é o traje naturalmente indicado. A não ser que prefiram voltar ao vestuario tradicional do nosso clima: a simples cinta de pennas ao redor da cintura. (O tacape é dispensavel). Deve ser muito hygienico; e a prova é que não ha na nossa historia o mais vago indicio de que os indios morressem de insolação...

O jogo é vicio ?

Outra vez entra o jogo em discussão. Isso faz parte do programma annual de cada folha. Pergunta toda a gente si a policia póde regulamentar o jogo. Si póde? *Póde*—não: deve. Os jurisconsultos, os homens de toga e garnacha, quando se lhes faz esta pergunta, explodem em escrupulos por causa do Codigo Penal. O Codigo prohibe o jogo; logo o governo deve punil-o. Regulamental-o nunca. Mas, nesse caso, reformem o Codigo. Está verificado que todos os codigos do mundo são impotentes para exterminar o jogo. Haja o que houver, o homem joga. O jogo e a prostituição nunca deixarão de existir. Neste caso, incorporemos estas duas respeitaveis instituições aos nossos habitos e trataremos de regulamental-as, afim de evitar que ellas continuem a produzir os males que produzem. «Oh! exclamam os moralistas, regulamentar o jogo é

encampar o vicio». Que preconceito! O jogo é simplesmente uma asneira, si quizerem; mas não se póde deixal-o campear infrene, só porque o governo não póde encampar o *vicio*. O sujeito que pega todo o seu dinheiro e o leva diariamente á banca do jogo chama-se vulgarmente um *viciado*. Pura convenção, baseada no conceito do *peccado*. O nosso Codigo Penal está baseado neste principio theologico: o peccado. Persegue-se o jogo, no fundo, por ser peccado; perseguem-se as meretrizes, porque são peccadoras. E esses peccados todos reunidos—o jogo, o amor clandestino e outros—chamam-se o *Vicio*. Questão de palavra. Pois regulamentemos o vicio já que não é possivel extirpal-o. O individuo que arrisca o seu dinheiro aos azares do panno verde e fica a noite inteira esperando que dê o 5 ou o duplo zero não é um criminoso, uma vez que lhe pertença o dinheiro que elle gaste. Tal homem é simplesmente um asno. Nesse caso, já que é impossivel cural-o da sua asnice porque permittir que só os *profissionaes* se aproveitem della? O governo deve ser pratico e obrigar esses *profissionaes* a entregar ao Estado, para obras humanitarias, grande parte do dinheiro que surripiaram ao pobre diabo que se deixou depennar. Pouco importa que se trate de encampar o *Vicio*. Não devemos fi-

car presos a superstições verbaes. E si o governo tem tão grande repugnancia em encampar o *Vicio*, nesse caso faça uma coisa: antes de regulamental-o, decrete que o jogo não é vicio e explore-o em seguida...

A elegancia masculina

Correspondencia de Paris dá noticia de que vão voltar as modas romanticas para os homens. Já em Paris se têm exposto os novos modelos de traje d'homem, modelos copiados de Alfredo de Musset: chapeo de largas abas, levemente levantadas d'ambos os lados, casaco longo e de cintura justa; gravata borboleta e calças apertadas principalmente na parte inferior, proxima aos pés. Estas são as linhas geraes. As minucias só poderão ser conhecidas á vista dos figurinos.

Applaudamos a ressurreição das modas romanticas. O realismo estragou tudo, até a elegancia masculina. Vamos finalmente ficar livres das detestaveis modas norte-americanas, com os seus paletós saccos e intoleraveis bombachas. A victoria do americanismo nas secções de modas representa o maior desastre soffrido pelo bom gosto masculino neste prin-

cipio de seculo. E' perigo, e perigo social gravissimo, acompanhar os Estados Unidos nesse capitulo de elegancias. Podemos acompanhal-os em materia de electricidade, organisação bancaria, liberdade religiosa, ordem politica e coisas semelhantes. Em questão de moda, não. A moda, por menos que pareça, é o reflexo das idéas e tendencias de um povo. Uma cabelleira empoada e de rabicho, por si só permitte reconstituir toda a physionomia moral, social e artistica do seculo XVIII: a ironia de Voltaire, o pincel de Boucher, a inspiração de Glück, a graça de madame de Pompadour .. Uma bombacha americana basta para demonstrar toda a ausencia de bom gosto numa nação de grandes exigencias no aperfeiçoamento dessas coisas chatas e indispensaveis que se chamam — Liberdade e Democracia — mas ainda esteril em questões de modas...

Si a moda é o reflexo das idéas; e si nós só adoptamos idéas que nos venham de França sejamos logicos: adoptemos só as modas bem genuinamente francezas. Quanto ás modas norte-americanas, appliquemos-lhe prudentemente a doutrina de Monroe, e aguardemos os modelos de Alfredo de Musset, sem nos esquecermos que elles bem podem fazer o milagre de resuscitar os modelos George Sand...

A elegante e o mendigo

Minha senhora—Hoje, pela manhã, passando eu casualmente pela porta da matriz da Gloria, no largo do Machado, como saisse da egreja muita gente, quedei-me a olhar os que desciam as escadas, aos grupos, ou isoladamente. E V. Ex., a quem não conheço, era das mais formosas mulheres que vi descer. O seu vestido curto, de sêda azul marinho; as suas botinas de cano alto; aquelle chapéo encantadoramente simples; o sorriso com que V. Ex. falava á sua companheira; os seus cabellos de um louro infernal (e sem auxilio d'agua oxygenada, o que é raro) — tudo isso me fazia suppôr que V. Ex. fosse um daquelles entes que no tempo do finado José de Alencar e do mallogrado Garrett se chamavam: o *Anjo do Amor*, o *Anjo da Esperança*, o anjo disto, o anjo daquillo... Vi mais o seguinte: quando V. Ex. descia os ultimos degraus, estendeu-lhe um mendigo a mão á esmola. V. Ex.

olhou para elle indifferentemente e seguiu seu caminho com a companheira, sem lhe dar um niquel. Fiquei desilludido, não da sua formosura, mas da sua caridade... para com os belgas. Aquelle mendigo é belga, minha senhora. Tem, portanto, direitos adquiridos á caridade de todas as brasileiras. Bem sei, ó creatura divina, que os mendigos devem trazer na lapella as côres alliadas para poderem receber a sua esmola: os brasileiros devem tambem trazer as côres nacionaes na gravata ou no chapeo, em fórma de *cocarde*, para livrarem as suas patricias do trabalho de abrir a bolsinha e... Mas si aquelle pobre não trazia as côres alliadas, era isso devido a campanha dos submarinos allemães, que não permittem a exportação de fitinhas tricolores cá para estas bandas. Garanto-lhe, porém, minha senhora, que o pobre homem era belga; e V. Ex., cujo marido é com certeza da *Liga pelos Alliados* e vendedor de carne aos allemães, não póde negar auxilio aos belgas, coitadinhos, que são os *flagellados* da Europa. Espero que para outra vez, minha senhora, a sua bondade seja pelo menos egual á sua belleza. Não se esqueça do velho proverbio: *Quem dá aos pobres empresta aos belgas*. Não! Não é bem isto! O proverbio authentico é est'outro: *Quem dá aos belgas empresta a Deus.*

Le Roi s'amuse...

Telegramas de Londres dizem que el-rei D. Manoel II de Portugal deslocou o tornozelo quando joga uma partida de lautennes.

Ora ahi está um telegramma que não devera ter sido transmittido cá para a America nem para parte alguma.

Não quero dizer que Sua Majestade seja obrigado a ir acutilar tudescos nos campos de França. Sua Majestade não é obrigado por lei nenhuma a ser heróe; mas é obrigado a manter certa linha... Não se concebe que Sua Majestade, o primeiro fidalgo do seu reino, quero dizer, da Republica de Portugal, em vez da espada tenha agora na mão uma simples raqueta. Perante o conilicto europeu, acho pouco...

Eu estou vendo daqui o quadro cá em França e lá em Africa, francezes, inglezes e até portuguezes transportados em macas para

os hospitaes de sangue, ou mandados em massa para a sepultura: lá em Windsor, num parque aristocratico, Sua Majestade torce o pé, é amparado por um jovem lord, e, cercado das senhoras, vae mancando e gemendo para o seu quarto, esperar que venha um physico recompor-lhe o tornozello... Póde ser elegantissimo, mas, francamente, todos nós, que temos o mais alto conceito das Majestades, preferiamos ler um despacho como isto:

«LONDRES, 22 — Na ultima carga de lanceiros em Ypres, recebeu um lançaço no peito o Sr. Dom Manoel II, rei de Portugal, que apezar de ferido, continuou a bradar *Por Sant' Iago!* e a bater-se até que lhe faltaram as forças e elle cahiu do cavallo. Sua Majestade foi transportado sem sentidos para as ambulancias e destas para Paris, depois dos curativos mais urgentes. E' melindroso o seu estado. A' sua cabeceira velam as Sras. Rainhas D. Amelia e Victoria».

Confesso que era muito mais incommodo para Sua Majestade: era porém, mais digno de rei...

Casamentos por annuncios...

Repugna á razão que os casamentos se façam por meio de annuncios? Não. Que é um casamento? Um contrato. Juridicamente, quer em direito civil, quer em direito canonico, não é outra coisa. Ora, si é um contrato, nada impede que se venha a fazer por meio de annuncios, como si se tratasse de uma simples compra de gado, de gazolina, etc. De modo que á razão não repugna que um casamento se realise por via de annuncios distribuidos nas folhas. O essencial é que, na assignatura do contrato, haja liberdade plena entre as partes contratantes.

Repugnará, porém, ao coração? Aqui o problema assume proporções mais complexas. *Le cœur a ses raisons que la raison ne connait pas*, dizia Pascal. Querem os sentimentaes que ao casamento preceda largo e intimo conhecimento reciproco dos nubentes. Dizem que

são exigencias do coração. Não creio muito nas exigencias do coração. Num caso ou noutro ellas existem com effeito. Não constituem, porém, regra geral. O homem moderno não é um animal amoroso: é antes um animal interesseiro. Quando se diz o *homem*, está claro que se inclue tambem a mulher. O casamento é muito menos acto de amor do que de conveniencia. *In omnibus respice finem*, diz a velha Moral. Ora, qual é o fim do casamento? A propagação e a conservação da especie, dizem. E o amor, quando se satisfaz, cuida da conservação da especie? Absolutamente. O amor verdadeiro é egoista. Os proprios entes reaes, os proprios entes sensiveis lhe inspiram interesse mediocre. Si é assim, que interesse póde inspirar ao amor a conservação da *Especie*, que é apenas uma abstração, ou melhor, uma metaphora? Fallando mais scientificamente: quando o macho humano está fecundando a sua femea, pensará algum delles na conservação da especie? Sabe toda a gente que não... Portanto o casamento, como contrato, não é acção de amor. E' acção de conveniencia, dictada pelo direito positivo. Si é de conveniencia, não é acto de coração. Logo é acto de razão. Si é acto de razão, os seus resultados dependem da certeza dos calculos, do ajuste das probabilidades e do jogo razoa-

vel das circumstancias. Logo, nada impede que elle venha a realisar-se tendo por ponto de partida o annuncio. Isto póde não ser sentimental. *Le cœur a ses raisons*... Affirmo, porém, que é logico e, portanto, perfeitamente adoptavel, pois que na vida pratica a logica das acções é muito mais util do que o sentimento.

Amores hediondos...

Abro os matutinos (para consultar a opinião dos collegas sobre o estado da coisa publica) e vejo ao alto da pagina: TRAGEDIA! Outros titulos e subtitulos ainda. Entra afinal a narrativa e entram as photographias referentes ao caso. Examino estas ultimas. Resolvo ler a noticia. O caso é vulgar. Um João qualquer foi abandonado pela sua Joanna, a qual se atirou aos braços de outro João. João I, enciumado, assassina a tiros este João II. Prompto... Então examino a photographia que tem por baixo esta legenda: «Maria do Rosario, a causadora da tragedia.» Contemplo o retrato da «causadora do desastre» e fico a pensar. Primeiro, rio; depois penso; afinal torno a rir. O riso ainda é a maneira mais commoda de apreciar uma tragedia passional. A *causadora da tragedia* é uma preta trombuda de carapinha, com certeza immunda,

horripilante... O assassino e o assassinado são brancos, sendo que o primeiro tem apenas vinte e um annos. E' difficil explicar porque um homem chega a matar um rival por causa de mulher tão horrivel. Sim, é inexplicavel, porque eu conheço varios cavalheiros, maridos ou amantes de mulheres formosissimas, os quaes cavalheiros sabem que ellas os enganam, e entretanto não matam ninguem! Nem ao menos reclamam... O homem da Favella, por causa de uma hedionda preta, foi para a Detenção!

Talvez tenha razão aquelle philosopho que, negando a existencia da belleza feminina, disse que esta só existia na imaginação do homem, do mesmo modo que a belleza da gallinha só existe na imaginação do gallo. Si é assim, devia ser interessante conhecer a concepção da belleza que terá o assassino amante da Carmen Hottentote, da Favella. Estes conceitos, aliás, não são dos mais novos. Voltaire já os admittia quando affirmava que para o sapo a expressão maxima da belleza estava na sapa: *le chef d'œuvre pour le crapaud c'est la crapaude*. E' a unica maneira mais ou menos razoavel de explicar os ciumes fataes do amante da Maria do Rosario...

Como fazer a paz...

O sr. Wilson, presidente dos Estados Unidos, hontem achava ainda inopportuna qualquer tentativa em favor da paz. O sr. Henderson, ministrro sem pasta e membro do Conselho de Guerra inglez, discursando num banquete dos syndicatos inglezes, declarou que a Inglaterra estava disposta a continuar a guerra durante qualquer tempo, fosse curto, fosse longo. O sr. Henderson esqueceu-se infelizmente de dar-nos a opinião particular dos syndicatos inglezes a respeito da guerra... O embaixador japonez em Paris, desmentindo boatos mentirosos, affirmou que o Japão continúa firme, ao lado dos alliados, disposto a tudo, comtanto que a *Entente* triumphe. Emfim toda a gente só pensa na guerra. Por emquanto ninguem pensa na paz, si não fôr possivel obter o que todos os belligerantes, cada qual com as suas intenções, chamam «condi-

ções de uma paz duradoura...» Ora hontem, estando sózinho a ler, lembrei-me de um meio facil de conseguir a terminação rapida da guerra. Sob a direcção do sr. Jean Hanoteau, *La Revue Hebdomadaire*, de Paris, publicou em 1913 os SOUVENIRS D'UN TÈMOIN DE LA RETRAITE DE RUSSIE ET DES CAMPAGNES DE 1813 ET 1814, de Dominique Renaud, official intendente da *Grande Armée*.

Este *riz-pain-sel* conta as coisas com muito bom humor. Narra elle que havia no exercito um pobre diabo que passara dois annos na Trappa, onde se mettera voluntariamente, para ver si assim conseguia evitar o recrutamento. Descoberto na sua toca, foi de lá arrancado e levado á força para o quartel; lá, porém, vendo ser impossivel fazer delle um soldado ao menos soffrivel, deliberaram os commandantes transformal-o em simples fachineiro; e o nosso homem lá ficou a cuidar de palha, lixo e feno... O silencio que elle fôra obrigado a guardar no convento accumulára nelle, durante dois annos, tal desejo de falar, que era uma verdadeira matraca. Não parava de tagarellar á direita e á esquerda. Medroso como uma lebre, bastava-lhe ouvir um tiro de espingarda para começar a tremer; e, ao primeiro tiro de canhão, entupia os ouvidos de algodão, que trazia sempre comsigo.

O que todos notavam era que elle não passava por uma egreja, fosse onde fosse, sem entrar e rezar alguns, instantes. De uma feita, indo a uma egreja, quasi foi preso pelos prussianos, mas conseguiu salvar-se, correndo como um gamo. Um dia perguntaram-lhe que diabo ia elle fazer tantas vezes ás egrejas. Admirar as imagens, a architectura, os monumentos?

— «Não, respondeu o ex-trapista; vou dizel-o a vocês que soffrem como eu. Eu, quando vou á egreja, é para pedir a Nossa Senhora que mande colicas a todos os que são causa da guerra.

—E acreditas que isso faria cessar a guerra?

—Oh! tenho certeza, porque tenho colicas muitas vezes e sei o que são ellas...

O certo é que tempos depois a guerra acabou-se. Napoleão foi para Santa Helena. A paz reinou em todo o mundo. Não seria bom que a Virgem mandasse colicas aos belligerantes?

A Irlanda

No seu ultimo discurso perante o parlamento britannico, alludiu o sr. Lloyd George á questão irlandeza pela seguinte fórma:

> «Desejaria tambem dizer alguma coisa hoje acerca da questão irlandeza, mas sómente direi o seguinte: desvanecer-me-ia que fosse possivel fazer que se dissipasse o mal-entendido que existe entre a Grã-Bretanha e a Irlanda, e que, de ha seculos, si é uma fonte de miseria para uma, é um embaraço, uma causa de fraqueza para a outra.
>
> . . . .
>
> «Os erros não estão todos do mesmo lado. Sente-se que o nosso movimento se opera numa atmosphera de suspeição. Não só os irlandezes desconfiam dos inglezes,

como tambem—o que é mais grave —os irlandezes desconfiam, elles proprios, uns dos outros. Si essa desconfiança pudesse desapparecer, creio que se poderia verificar um acto de reconciliação, que tornaria a Irlanda e o Imperio maiores do que nunca o foram.»

Não é só o primeiro ministro da Inglaterra que deseja ver dissipado o «mal-entendido que existe entre o Grã-Bretanha e a Irlanda». O mundo inteiro o deseja. Deseja e admira a notavel habilidade com que os inglezes, sempre que se referem á Irlanda, nunca alludem sinão «ao mal-entendido» existente entre a Inglaterra e a ilha de S. Patricio.

Quando se lê qualquer documento inglez, ainda os mais respeitaveis, os mais graves e impertigadamente officiaes, cumpre não perder de vista que a Inglaterra, si é a terra classica da liberdade, é tambem a patria do *humour*. Ha sempre um pouco de Charles Dickens e de Bernard Shaw nas affirmações mais solemnes dos primeiros ministros inglezes. Com effeito os inglezes entraram ha seculos pela Irlanda a dentro; subjugaram-na, impozeram-lhe a Reforma protestante que lhe repugnava e que só mais tarde foi attenuada. Ao tempo de Henrique VIII, a Irlanda catho-

lica foi tratada pelos anglicanos como a Polonia catholica, ao tempo de Maria Thereza, foi tratada pelos austriacos e pelos russos. Foi preciso que a eloquencia de O'Connell commovesse a Europa no principio do seculo XIX, para que os irlandezes obtivessem alguns direitos, que depois Gladstone ampliou liberalmente. Mas a verdade é que os inglezes continuam a dominar a Irlanda, por processos um pouco diversos dos empregados por Henrique VIII e Isabel, mas, emfim, seja como fôr, continuam a dominar a Irlanda. Vae dahi, vem o sr. Lloyd George e declara que teria muito prazer em ver desfeito o mal-entendido que ha seculos separa a Irlanda da Inglaterra...

Eu estou muito longe de ter competencia para ser ministro da Inglaterra: entretanto, permitto-me a liberdade de indicar ao sr. Lloyd George o caminho mais curto para ver dissipado esse secular «mal-entendido»: basta que o governo inglez conceda autonomia aos irlandezes, aquella autonomia que elles já tinham «ha seculos» e que os inglezes tomaram... Os amigos inglezes precisam de ser logicos: combater a Allemanha por causa da neutralidade da Belgica e continuar a ter a Irlanda sob o guante de ferro de Albion é, pelo menos, um contrasenso. O caso da Irlanda é muito parecido com o da Polonia... Os in-

glezes, com o seu *gros bon sens*, devem saber disso melhor que qualquer outra nação.

Quanto á desconfiança dos irlandezes uns pelos outros, isso é lá com elles. Que me importa a mim que os filhos da familia visinha sejam desconfiados entre si? O que a consciencia ordena é que eu os deixe em paz e não procure, nem directa nem indirectamente, servir-me dessa desconfiança para disputar-lhes o patrimonio . . .

A Mulher e a Mentira

A Mulher é inimiga da Verdade. Quer isto dizer que ella minta por systema? Não. Mente por instincto. Systema suppõe «ordem»; ora a mentira feminina é sempre uma fonte de desordens moraes e materiaes. Tambem não quero dizer que uma vez por outra a Mulher não diga alguma pequena verdade. Dil-a; mas continúa sobretudo a não gostar de «saber» a Verdade. A moça solteira mente menos do que a casada, e, além disso, supporta mais a verdade do que a ultima. Com a mulher casada dá-se um facto curioso: aos filhos ella pede sempre a verdade; ao marido obriga a mentir. Ha rapazes que mentiram pela primeira vez depois do casamento... Qualquer de nós sabe, por experiencia, que nossas mães nos pediam sempre a verdade quando eramos creanças:

— Anda, meu bem ; dize a verdade ; si disseres a verdade, não te castigo ; quem quebrou a jarra?

— Fui eu.

E não castigava, realmente. Obtivera a verdade...

Ao marido, pelo contrario, ellas exigem mentiras. Supponhamos que um marido, tendo estado num clube, *apenas conversando* com companheiros e companheiras alegres, ao chegar á casa diga sinceramente á mulher: «Estive no Clube com Fulano e Mlle. *une telle...*» Arderia Troya. De sorte que elle mente, para não desgostar a esposa, inimiga da verdade. Mais ainda: que mal haverá em que um rapaz casado, estando na cidade e tendo de fazer horas, em vez de ir beber nos *bars*, vá a um cinema? Nenhum. Mas esse rapaz, ao chegar á casa, não póde dizer á esposa que esteve num cinema, porque ella chorará logo: «Sem mim!» E supporá horrores do marido... Por isso digo: todo trabalho que as mães têm, quando somos pequenos, para nos fazerem amar a verdade, é todo destruido pela que tem de ser a mãe dos nossos filhos. Mentimos, porque ellas o exigem...

Odio de raça...

O estudante José Basilio Junior, filho de modesto guarda-freio da E. F. Central do Brasil, alvejou com um tiro de carabina, certeiro e mortal, ao joven Rosendo Pereira de Figueiredo, rapaz honesto e trabalhador, funccionario dos Telegraphos. Rosendo era noivo da senhorita Lucia, irmã do assassino. Este detestava o futuro cunhado (a quem a irmã idolatrava) por ter elle uma nodoa impossivel de apagar-se: era mulato! Ora ahi está um crime estupido e inedito no Brasil. Pelo menos, desde que me entendo por gente, ainda não ouvi falar de coisa semelhante: um estudante matar o futuro marido de sua irmã, só porque elle teve a desgraça de nascer mulato numa terra em que raros não o serão... Esse assassino, tão cioso da pouco provavel pureza de seu sangue, devia ter considerado uma hypothese: si os mulatos resolvessem caçar os

brancos,como elle fez com seu futuro cunhado, em pouco tempo não haveria no Brasil uma só pessoa que podesse apresentar certidão de pelle alva; porque os branco no Brasil estão em minoria. Eis ahi um assassino mais aristocratico do que D. Pedro II. E' conhecido o caso de André Rebouças num baile da Côrte. Achava-se o illustre Rebouças a um canto do vasto salão do Paço Imperial, onde era frequentemente recebido pelo soberano e toda a sua Augusta Familia. Achava-se, pois, Rebouças a um canto do salão, insulado, sem achar uma dama que lhe quizesse dar a honra de uma valsa, porque elle era mulato, quasi preto. Parece que a noticia desse desprezo chegou aos ouvidos do sr. D. Pedro II; seja como fôr, dahi a pouco Sua Magestade atravessava o salão,trazendo pelo braço a S. A. I. a Srª. D. Izabel, com quem Rebouças dansou a primeira contra-dansa, e depois não dansou com mais ninguem, pois, tendo dansado com a sua futura soberana,era evidente não poder, depois disso, descer a dansar com qualquer baroneza, ou com qualquer condessa. Era assim que o imperante sabia desfazer preconceitos de côr — consentindo em ver publicamente pelo braço de um mestiço illustre a sua Filha, a unica fidalga authentica do Imperio, cuja arvore genealogica podia ser acompa-

nhada numa concatenação de nove seculos ininterruptos de existencia historica. Era preciso que estivessemos em Republica para que o filho de um guarda-freio matasse um rapaz por ser mestiço! Como si a mestiçagem não estivesse tambem, e em larga escala, entre os brancos, como dizia Luiz da Gama:

> Bódes ha de toda a casta,
> Pois que a especie é mui vasta;
> Bódes brancos, bódes pretos,
> Baios, pampas e malhados:
> Bódes ricos, negociantes,
> E tambem alguns tratantes...

Ora assim sendo, o melhor é seguir o conselho do mesmo poeta, quando manda cessar a matinada «porque tudo é bodarrada!»

Suicidios

O caso foi simples. Em Sete Lagôas (Minas), diz o telegramma, um moço gostava de uma moça, que lhe correspondia ao affecto. O irmão della, porém, não quiz consentir no casamento. O rapaz, desvairado, bebeu veneno e morreu. Em Minas ainda é assim que se resolvem casos de amores infelizes. Será, porém, essa a melhor maneira de resolvel-os? Parece que não. O suicidio, em circumstancia como essa, é inutil. Si a moça queria casar-se com elle, o modo mais simples de dirimir as difficuldades seria raptal-a e leval-a á presença do juiz de paz, como lá dizem, ou do pretor, como se diz por cá. Si ella não o amava, ainda havia outros caminhos a seguir: elle podia, por exemplo, erguer as mãos para o céo, em acção de graças, por ter querido enfeudar a sua liberdade a alguem, e esse alguem o ter deixado livre... Podia tambem procurar o

amor de outra moça. Não ha antidoto mais efficaz para curar um homem do veneno de uma mulher como o veneno de outra mulher. E' mais ou menos o que se poderia chamar «curar a dentada da cadella com o pello da propria cadella.» Males de amor curam-se com outro amor. A Natureza deu a cada mulher o *odor di femina*, que é differente em cada uma; de sorte que o perfume de Maria nos faz esquecer facilmente o perfume de Zulmira, a não ser que o amante, o marido e o namorado sejam como o asno, que se acostuma a receber a ração numa baia e não procura outra. O homem que não se apéga a mulher alguma não é voluvel, nem inconstante: é simplesmente sensato e amigo de si mesmo. E si nós mesmos não nos dispuzermos a ser nossos amigos, difficilmente encontraremos quem o seja...

O feminismo periga...

A continuarem as coisas como vão, o feminismo, pelo menos no Brasil, não triumphará tão cedo. Eu sempre fui contrario á intromissão das mulheres na vida publica. Uma mulher politica é um estado intermedio entre o homem e a mulher, que não se comprehende. E' mulher, por fatalidade de geração; homem, por extensão de privilegios politicos; eternamente creança, pelas attitudes; em resumo — um ente hybrido, composto, derivado, de estylo composito, trazendo em si pedaços de varios entes e não sendo nenhum definidamente. Mulher que exerça direitos politicos, não sendo rainha, tambem não é ente humano: é um estado de consciencia correspondente: á perplexidade...

Em todo o caso, momentos houve em que me senti mais ou menos feminista: era quando eu considerava um pouco na desho-

nestidade masculina, em materia de dinheiro. Innegavelmente, as mulheres são mais escrupulosas em questões de dinheiros alheios. Geralmente, pensava eu, os homens roubam para as mulheres. Ora, no dia em que collocarmos as mulheres á frente dos negocios financeiros do Estado, já não haverá roubos, porque uma mãe de familia, que seja por exemplo, ministra da Fazenda, não roubará para dar chapéos a uma prostituta — o que bem poderia acontecer si fosse seu marido o ministro. Suppunha eu ter achado com isso a formula para acabar com os peculatos!

Vae d'ahi, comecei a observar o procedimento das mulheres que estão á testa de repartições por onde corre dinheiro. Vejo, entretanto, que o peculato continúa a existir. Oh! longe de mim dizer que todas as mulheres sejam eguaes, pelo menos em questões de furto; mas a verdade é que estão sendo muito mais frequentes do que se esperava os casos de desfalques em agencias postaes dirigidas por senhoras. A policia anda por ahi ás voltas com alguns não só aqui como no interior.

D'onde eu concluo que a entrada das mulheres para a politica e para a administração do paiz, alêm de trazer graves damnos á familia, não offerece vantagem alguma á coisa

publica. Os vicios continuarão a ser os mesmos. Ora, uma vez que assim é, façamol-as voltar tranquillamente ao lar e deixemo-nos de innovações. Collocar as mulheres no logar dos homens, para que ellas procedam exactamente como os homens, não vale a pena...

Pacifismo...

A morte do feld-marechal von Moltke faz pensar no paradoxo que representará a nossa época para as épocas futuras, si algum dia vingarem as idéas pacifistas. Ainda ha quem acredite no ideal pacifista. O sr. Teixeira Mendes, por exemplo, quando escreve as suas costumeiras cincoenta columnas do *Jornal do Commercio*, não se esquece de affirmar que o periodo guerreiro passou, tendo terminado definitivamente na batalha de Lepantho! E mais, que a humanidade caminha a passos de gigante para a realisação dos ideaes positivistas, um dos quaes é a paz! Ainda ha, pois, quem acredite nos ideaes pacifistas... Ora si vingarem esses ideaes, em época de futuro muito remoto, a posteridade deve fazer de nós uma idéa muito approximada da que fazemos nós outros dos nossos antepassados das éras quasi primitivas. Que barbaros, que selvagens, esses avoengos!

Mas o melhor é não fallar mal dos nossos ancestraes. Todas as biographias do conde de Moltke, hoje publicadas, trazem esta phrase: «Foi commandante da Escola de Guerra.» Já pensaram na monstruosidade que representa isto — *Commandante da Escola de Guerra?* Uma escola de guerra é simplesmente um estabelecimento em que se recolhem durante alguns annos centenas de rapazes das melhores familias do seu paiz para aprenderem os melhores processos de matar muita gente, de incendiar muitas cidades, de devastar muitas regiões... E ha um cidadão que é nomeado commandante deste estabelecimento, isto é, um cidadão que é mestre na arte de matar, incendiar e devastar!

Agora pergunto eu: quaes os selvagens? Os nossos antepassados, que se guerreavam por instincto, ou nós que temos até *escolas de guerra?*

Decididamente estamos ainda muito longe do ideal positivista. Emquanto ninguem sentir horror ao ouvir fallar de uma escola de guerra, emquanto acharmos muito natural que um homem seja «commandante da Escola de Guerra», estará muito distante de nós o aperfeiçoamento que Augusto Comte previu para a humanidade...

A policia e espiritismo

Os homens eram espiritistas e recebiam na sua casa alguns mentecaptos para os curarem, isto é, *mentecaptos*, em calão espiritico, chamam-se *obsedados* . . .

Os espiritas, pois, recebiam na sua casa sujeitos obsedados para lhes curar a obsessão mediante mensalidade que variava entre cem e trezentos mil reis. A policia veio a saber que os taes obsedados eram espancados pelos espiritas em nome das mais altas e sublimes doutrinas de Allan-Kardec e Leon Denis. A policia o soube, foi a casa dos homens que lidam com espiritos e levou tudo para a cadeia. Agora gritam que o chefe foi violento. Eu, porém, te pergunto leitor, si fosses chefe de policia e não fosses espirita, que farias? Serias violento ou não?

Quanto a mim, não vejo outra maneira de combater o espiritismo sinão pela violen-

cia. E' o systema geralmente adoptado para esmagar seitas religiosas, que afinal acabam vencendo os seus pretendidos vencedores. Com o christianismo foi assim. Assim tambem com o islamismo e com o judaismo durante toda a Edade Media — o que não impediu o islamismo e o judaismo de estarem ahi vividos e fortes. A violencia é, pois, o unico meio, aliás innocuo, de perseguir seitas religiosas. O roubo, o assassinato, o lenocinio e outros crimes communs podem ser perseguidos normalmente, dentro das presilhas do Codigo. Crimes politicos e crimes religiosos, não. Exigem violencia, porque os seus asseclas agem directamente sobre a consciencia das multidões.

Demais, a violencia tem de ser applicada aqui no Brasil todas as vezes que se quizer fazer qualquer coisa util; porque neste paiz não ha apenas, como em outros, mil chicanas para burlar as leis; ha tambem mil leis que ajudam a burlar as outras. Querem um exemplo? O Codigo Penal pune a pratica do espiritismo, como a da feitiçaria: a Constituição, porém, garante a liberdade profissional. De sorte que, si um juiz prender um espirita de accordo com o Codigo, outro juiz mandará soltal-o de accordo com o Pacto. E ainda por cima virá o sr. Teixeira Mendes com um ar-

tigo de 420 tiras, pugnando «pelos supremos direitos da Humanidade» e bombardeando toda a gente com terrificas citações de Augusto Comte, a favor do espiritismo como livre expressão do pensamento, oriunda da «anarchia mental e moral do Occidente...

Lopes Trovão

Noticiam largamente os jornaes o anniversario do velho propagandista Lopes Trovão, que completa setenta annos como se fizesse apenas quarenta ou quarenta e cinco. Bôa seiva, a de outros tempos. Lopes Trovão é um dos paes da Republica, tem setenta annos e, apezar disso, está moço. A sua filha tem apenas vinte e sete annos e... está decrepita. E' que Lopes Trovão, como todos os de sua geração, teve um idéal, e nada mais tonificante do que um idéal, seja qual fôr. Sua filha, pelo contrario, materialisou-se, bestificou-se em todas as farras, em todas as esbornias de que é capaz uma filha do povo...

Entrevistado pela *Gazeta*, disse Lopes Trovão que continúa a ter fé na Republica, apezar de não crer nos homens... Quem diria que este livre-pensador, este atheu dos quatro costados (atheu por nunca ter *visto*

Deus...) fosse capaz da *fé do carvoeiro* em se tratando da Republica?... Porque Lopes Trovão está no mesmo estado de espirito do catholico que, apezar de conhecer a fraqueza dos padres, continúa a ter fé na missa, nos sacramentos, em toda a Religião, emfim. «A Religião é divina, dizem elles; os homens é que são fracos». Vem Lopes Trovão com o mesmo candido argumento e nos affirma: «A Republica é bôa; os homens é que não prestam...» Fetichismo, superstição de ambos os lados... Ainda os catholicos têm um subterfugio admiravel, quando proclamam a *divindade* da sua religião. Lopes Trovão, que não admitte a divindade, affirma: «A Republica é humana, por ser filha dos homens; ora os homens não prestam; logo a Republica é bôa!» Como se vê, o syllogismo está errado, por ser a conclusão contraria ás premissas. Como corrigil-o? Assim: «A Republica é filha desses homens; ora esses homens são maus; logo a Republica é má». Porque? Porque o effeito é semelhante á causa. *Mala gallina, malum ovum*...

No café...

Já bem tarde da noite, entro num café. Concorrencia heteroclita: motoristas, noctivagos, repórteres em disponibilidade, proxenetas com um vago ar de apaches de cinema, e, ao fundo, tres raparigas magrellas, pallidas, de olheiras, tres Mimis anemicas como a partitura da *Bohemia.*

A uma das mesas está um rapazola franzinote, dezoito annos presumiveis, solitario, sorvendo um refresco. Nisto entra no café outro rapazola, d'ares mais sadios e apparentando a mesma edade. Olha o que está assentado, approxima-se cautelosamente e, colhendo-o pelas costas, colloca-lhe as mãos sobre os olhos, para que o *outro* adivinhe quem é. O aggredido forceja por tirar dos olhos a imprevista venda, mas o assaltante leva a melhor. Durante alguns minutos, brincam, até que o aggredido, conseguindo desvencilhar-se,

reconhece, a sorrir, o seu assaltante, que se abanca a seu lado, depois de abraçal-o. Conversam, riem, bebem. Quem paga a nota é o *outro*, isto é, o primitivo, o aggredido.

Quantas vezes, no correr da vida, um delles terá de vendar os olhos ao outro! Um dia, talvez esse lindo ephebo aggressivo, depois de vendar moralmente os olhos do seu amigo, beije nos labios e ame a esposa delle! E continuarão a ser amigos; e continuarão a assentar-se á mesma mesa; e continuarão a sorrir-se, e o mundo sorrirá tambem! E será sempre o *outro*, o aggredido, o tranquillo, que pagará as despesas? Talvez, não. Dessa feita o pagante talvez seja o aggressor...

Dois bons amigos

Não deixemos passar sem commentario enternecido o caso do soldado de cavallaria que, antes de morrer, escreveu disposições ultimas a respeito do seu cavallo. Chamava-se Gonzaga, dizem os jornaes, e falleceu ha cerca de quatro dias no Hospital Central do Exercito. Tinha vinte e um annos de praça e ha doze annos era acompanhado por um cavallo, por quem tinha amizade, mas amizade verdadeira. Sentindo approximar-se a morte, o velho Gonzaga pedio papel e escreveu ao commandante do seu esquadrão: «Meu bondoso capitão — O meu unico desejo é que, depois da minha morte, o cavallo da minha montada seja entregue sómente a uma praça que dê a elle o mesmo tratamento que eu lhe dei em vida.» E' tão bello isto, que a gente chega a não acreditar na veracidade das noticias que o divulgaram. Esta sensibilidade de um velho soldado, que antes de morrer declara que seu

«unico desejo» é que seu cavallo e amigo seja bem tratado emquanto viver, esta sensibilidade espanta a quem vive no meio de uma sociedade tão feroz como a nossa. Ainda ha poucos dias, um tenente deu tiros de revólver na sua mulher, porque verificou ser atraiçoado por ella. Que contraste entre a mulher e o cavallo! Emquanto o official, sentindo-se trahido, baleava sua companheira de todos os dias, a que compartilhava a sua mesa e o seu leito, a que usava o seu nome, o soldado, quasi na agonia, pensava: «Meu pobre cavallo, tão bom! Que será delle quando eu morrer?» E não resistiu ao tormento de pensar que seu amigo podesse ser maltratado algum dia. E escreveu ao capitão as poucas linhas publicadas, simples como a sinceridade, commovedoras como a esmola dada por uma creança... Ah! cavallo que conseguiste conquistar todo o affecto do teu rude e leal senhor! Nobre animal, quantos homens te invejarão hoje? Entre tantos animaes, ditos intellectivos, mas que parecem ter nascido com garras na lingua e viboras no coração, que difficil é encontrar um como tu, um que saiba ser amigo! Vantagens de ter nascido quadrupede em vez de bipede, e de não ter em si esse *quid* mysterioso e traiçoeiro que é a alma humana...

Casadas e solteiras

Com o sr. Prefeito é assim: preso por ter cão, preso por não ter cão. Ha tempos constou que S. Ex. pretendia afastar do professorado da Escola Normal os rapazes solteiros. Parece, porém, que essa medida não se effectivou por antipathica. Vem constando agora que o governador do Districto pretende afastar do ensino primario as senhoras casadas! Por esta ninguem esperava. Sob o aspecto pedagogico, talvez uma casada seja mais idonea para ensinar as crianças do que uma solteira; a primeira — suppõe-se pelo menos —já tem, como se diz, o «juizo assentado»; a segunda ainda anda com a cabeça no ar, em busca de quem realise o seu destino...

Ninguem acredita que o sr. Prefeito queira levar por deante tão extravagantes intenções; mas, si por ventura S. Ex. quizesse realmente executar o que consta, seria em

parte um santo e em parte um demonio, um mixto de Santo Antonio e Lucifer. Aquelle santo é, como se sabe, o grande protector das solteiras; ora, o Prefeito, favorecendo as solteiras com a preferencia para os logares de professoras, teria certos vislumbres de santidade, certos traços de semelhança psychologica com o santo; mas — ao mesmo tempo que lhes dava emprego, prohibia-lhes *convolare ad nupcias*—o que seria positivamente diabolico, tantalico... O resultado de tudo isso é que S. Ex. ficaria de mal com as casadas e com as solteiras: com as casadas, por lhes tirar o pão, além do divertimento de ensinar a petizes; com as solteiras, por lhes dar o pão e prohibir-lhes o amor. Ora, não só de pão vive uma mulher, quando é môça... Do que tudo se conclue que S. Ex., ponderando estas e outras razões, deixará as professoras como estão. E para terminar com uma nota de perfeita imparcialidade, declaro que não sou marido de professora nem candidato a nenhuma...

A desvantagem do nome...

Sophia Klein é tida como judia, por se chamar Sophia e fallar polaco. Pelo nome *Klein* deve ser judia allemã. Uma mulher de raça hebraica, chamada Sophia que falla polaco e teve pensão na rua do Cattete, anda com um pé na rua da Amargura e outro na policia. No Brasil uma mulher estrangeira nunca deve acudir pelo nome de Sara, Ruth, Rachel e outras denominações biblicas. Si uma mulher usa de taes nomes e carrega nos *rr* e troca *s* por *z*, pronunciando, por exemplo, *zympathico* em vez de *sympathico*, póde ser uma santa, que a santidade da sua vida não a impedirá de ir á policia de vez em quando palestrar amistosamente com o commissario de dia. A nossa maneira de encarar superficialmente as coisas costuma levar-nos a conclusões singulares. A franceza talvez seja a melhor mulher do mundo, não só como graça e

vivacidade de espirito, mas ainda como sinceridade, lealdade para com o homem a quem ama, e toda uma collecção de pequenas minucias d'alma que não pódem deixar de seduzir um homem civilisado e intelligente. Entretanto, como geralmente ao Brasil aportam, com escala por Buenos Ayres, francezas destinadas ao córte, ficamos nós a pensar que todas são eguaes. De sorte que, quando se diz — *Vamos ver as francezas* — já se sabe de que se trata. Em S. Paulo, na parte que limita com Minas, quando se deseja fazer uma partida de alegria, costuma-se dizer, segundo me informou um amigo:— *Vamos ver as mineiras*. Entretanto, sabe-o toda a gente, si ha no Brasil mulher de costumes rigidos, é indubitavelmente a mineira. As excepções só podem servir para confirmar a regra geral. Assim tambem, quando se diz, de uma estrangeira, que é russa, polaca, ou hungara, já todos piscam os olhos com malicia. Si Santa Edwiges, rainha da Polonia, e sua sobrinha Santa Izabel da Hungria viessem ao Brasil, e fallassem carregando nos *rr* e confundindo o masculino com o feminino, ficariam logo sob a vigilancia da policia e da reportagem. O mesmo se dá com individuos cujos nomes terminem em *off*, *insky*, *owsky* e *iesky*. Si o princepe Lvoff e o sr. Kerensky tentassem desembarcar no

Rio, sem apresentações diplomaticas, talvez a Policia Maritima lhes embargasse o passo impressionada pela terminação dos seus appellidos. Si o desejo de rir operasse milagres, eu resuscitaria Sobiesky e Kosciusko e os faria vir *incognito* ao Rio de Janeiro. Aqui chegados, o sub-inspector da Policia Maritima iria a bordo do seu navio e, depois de sapientemente lhes examinar os papeis, entabolaria com elles o seguinte dialogo:

— Seu nome?

— João Sobiesky.

— Polaco?

— Sim, senhor.

— Sua profissão?

— Homem de Estado, general, rei da Polonia em disponibilidade.

— Hein?

— Sim, senhor! Fui eu que salvei a civilisação christã, rechassando os turcos e os tartaros.

— Qual! Você o que é é um bom maximalista. E o senhor ahi como se chama?

— Thomaz Kosciusko.

— Kosciusko! Que nome! Sua profissão?

— General e patriota. Fui eu que, com 4.000 polacos, venci 20.000 russos em Zielenéa.

— Ora adeus! Seu commandante, metta estes dois proxenetas num camarote com sentinella á vista.

Sobiesky e Kosciusko podiam protestar quanto quizessem. O homem da Policia Maritima permaneceria inabalavel na sua resolução. E quando lhe pedissem os motivos por que vedava o desembarque a esses dois grandes homens, elle responderia convictamente:

— Desses tenho eu visto muitos aqui. Basta reparar-lhes nos nomes. Um sujeito chamado Sobiesky! Isso não póde deixar de ser um explorador de escravas brancas...

Foi por causa do nome que Sophia Klein se tornou suspeita. Os jornaes tem tratado do seu caso, que é simples. Sophia montou uma pensão na avenida Atlantica. Para dar hospedagem a familias distinctas. O seu processo de adquirir lucros era um pouco violento, posto que, na essencia, não muito diverso do geralmente adoptado pelas proprietarias de pensões familiares. Ella começou por não pagar os impostos devidos ao Municipio. Depois tomou como norma commercial a seguinte: recebida adiantadamente, de cada pensionista, a paga correspondente ao mez, fazia tudo quanto podia para desgostal-o, afim de que elle se retirasse antes de vencido o mez; o seu lucro consistia em não restituir a differen-

ça ao prejudicado. Saindo um pensionista, entrava outro que, depois de quasi enlouquecer com o ruido e o mau passadio da pensão, por sua vez tambem se retirava, deixando lá com a Klein o pagamento integral da mensalidade. Succedeu, entretanto, ir morar na pensão de Sophia uma senhora franceza, casada com um inglez, dizem uns, com um allemão, dizem outros. Sophia recebeu adiantado o pagamento relativo a um mez e deu inicio á sua offensiva habitual: ruido, carne crua, falta de asseio nos aposentos, etc., etc.. Como se tratava de uma franceza, Sophia adoptou ainda outros methodos tacticos: incumbiu alguns polacos de fallar mal da França na presença da pensionista. Ora, uma franceza permitte e perdôa tudo, menos desconsiderar a França. E' exactamente um dos defeitos das francezas: serem francezas demais. Póde a franceza estar á noite, no meio de rapazes, bebendo e troçando; ninguem ousará maldizer da França na sua presença, sem que ella immediatamente tome ares de grande dama para dizer, fazendo rolar com superioridade os *rr* na garganta:

— *Oh! on voit bien que vous ne conaissez pas la Frrance, Monsieur!*

Assim que, estando uma tarde os polacos a dizer que a França não tinha vencido a Allemanha, a franceza protestou; e desse pro-

testo patriotico nasceu um conflicto internacional em que a Polonia —deuses do Olympo !— castigou a França a murraças! A franceza operou um recúo estrategico e, não podendo ainda appellar para a Liga das Nações, foi queixar-se á policia. Aqui entrou em campo a reportagem e descobrio coisas phenomenaes a respeito de Sophia Klein. Entre outras coisas, desvendara elles :

que Sophia teve uma pensão na rua do Cattete;

que Sophia não pagou o aluguel da casa;

que Sophia caloteou o padeiro, o vendeiro e o açougueiro.

Ora, pensando no caso, não posso tratar tão severamente a Sophia. Ella recebia os pagamentos adiantado e depois desgostava os hospedes. Mas isso é commum a todas as donas de pensão. Apenas Sophia agiu de modo directo, ao passo que as outras donas de pensão agem de modo indirecto, tendo um cão que ladra á noite, moças que estudam piano pela manhan, crianças muito galantes que tocam cornetins, cavalheiros que cantam arias da *Tosca* durante o banho, etc., etc.. Além do mais, Sophia Klein tem um titulo de benemerencia : logrou o padeiro, o quitandeiro, o vendeiro e o açougueiro. Esta senhora, apezar de estrangei-

ra, está-me parecendo nacionalista. Conseguiu uma coisa que até agora só tem sido possivel a intendentes municipaes e senadores da Republica ; não pagar o devido ao açougueiro e ao vendeiro. E', pois, uma creatura patriotica, que contra si só tem duas coisas : o nome de judia e muitos *rr* fortes na garganta. Si, em vez de carregar nos *rr* e chamar-se Klein, fallasse com *rr* brandos e se chamasse Dona Maria Sampaio, não teria tanta gente a gritar contra ella . . .

Agitando um pello!

O Prefeito não encontrando homem que se aventurasse a dirigir o pandemonio da Escola Normal (tanto é estafante lidar com mulheres!) resolveu appellar para uma senhora a quem acaba de nomear para exercer o cargo de directora daquella casa. E' de esperar que dagora em deante a Escola entre nos eixos; e que, brevemente, as meninas tenham saudades dos directores barbados...

Individualmente, nada tenho que dizer a respeito da senhora nomeada directora. Mas— e com todas as cautelas possiveis—é mulher. Ora, segundo observações que tenho feito, o ente mais intolerante que ha para com uma mulher... é outra mulher. Póde ser uma santa: na presença de outra santa, mostra logo os dentes. Não é por mal, não; é por instincto. Nós, homens, máu grado os nossos defeitos, somos mais ou menos bons uns para com os

outros. Mulheres, tenho conhecido algumas bôas para com os homens, que nem sempre o merecem. Conheço patifes casados com santas. Mas uma coisa que ainda não vi: mulher que fosse integralmente bôa para com outra mulher, a não ser a mãe para a filha, e irman para com irman. Entre si, têm sempre alguma coisa a allegar umas contra as outras. Já repararam nellas, quando vão nos bondes, quando estão nos cinemas, nos theatros e nas egrejas? Está, por exemplo, uma mulher num bonde. Si entra um homem e vem assentar-se no mesmo banco, ella lhe dá passagem, geralmente sem mostras de gentileza, mas tambem sem revelar má vontade. Si é uma mulher que entra, a outra franze o sobrolho e não afasta os joelhos, só para difficultar a entrada á intrusa. Esta—esbarra aqui, pede licença ali—assenta-se... Então, ambas se olham disfarçadamente e, como não podem manifestar-se o seu mutuo desprezo por outra fórma, afastam uma da outra os seus vestidos... Não sei donde nasce essa animosidade de gatas que ha entre ellas. O certo é que nós, homens, si entramos num bonde, saudamos uns aos outros com um toque de mão na aba do chapeo — o que me induz a crer que somos muito mais cortezes do que

ellas. Esta particularidade não escapa ás estrangeiras. Uma estrangeira me perguntava ha tempos :

—Como se explica, que, recebendo os rapazes e as raparigas a mesma educação em familia, são neste paiz os rapazes tão delicados e as moças tão pouco gentis?

Eu respondi que, não sendo muito forte em materia de educação domestica e de psychologia feminina ignorava as razões da differença. Entretanto, não pude negar o facto . . .

Mas este capitulo não tem por objectivo deprimir as mulheres para exaltar os homens, apezar de ser em mim inabalavel a convicção da nossa absoluta superioridade physica, intellectual e moral sobre ellas. O meu assumpto é outro.

Um jornal, noticiando o provimento da alludida senhora no cargo de directora da Escola Normal, dizia que ella, estando na Prefeitura, *sorrio muito modesta, cheia de symbolos, e agitando um pello que trazia ao pescoço e cujas pontas lhe pendiam sobre os hombros, numa grande cruz de ouro, numa grande allusão muda á missão de directora da Escola Normal.*

Palavra de honra, li, reli, tentei interpretar, reflecti e... não sei si terei entendido.

Em primeiro logar, aquillo de uma senhora estar «cheia de symbolos». Que symbolos? Onde? Como? De que processos opticos se terá soccorrido o olho arguto do reporter para descobrir na dama esses reconditos symbolos? Seriam naturalmente symbolos da instrucção. Mas, nesse caso, teriamos de admittir que a nova directora compareceu á Prefeitura coberta de livrinhos, canetas, reguas, talvez mesmo algumas palmatorias em miniatura, apenas como recordação historica, já se vê...

Depois vem o resto: *agitando um pello que trazia ao pescoço e cujas pontas pendiam sobre os hombros numa grande cruz de ouro, numa grande allusão muda á missão de directora da Escola Normal.*

Não póde ser pello, matutei eu; deve ser pelle. Mas não! Não podia ser pelle, porque, estando quente o dia, trazer pelle com tal temperatura não seria normal.

Seria pólo? Tambem não. Porque, si ella agitasse um polo, teria agitado tambem o outro e nós soffreriamos as consequencias do terremoto. Depois, que me conste, ninguem póde trazer um pólo ao pescoço.

Seria pulo? Impossivel. Ninguem agita um pulo. O homem se agita, a Humanidade o conduz, e elle pula: mas o agitado é elle, não o pulo. Portanto, conclui cá commigo, o que a

directora trazia ao pescoço era realmente um pello. Um reporter a cujo olhar penetrante não escaparam os symbolos, de certo não se enganaria a proposito de um simples pello.

Ha comtudo nesse pello tres pontos impressionantes:

1º)—A singularidade: porque, um pello só, isolado, *solus, totus et unus*, em vez de mais de um? Exquisito, profundamente exquisito...

2º)—O seu tamanho,e consistencia: um pello que, partindo do pescoço, caía sobre os hombros, formando uma grande cruz de ouro! Isto é mais mysterioso do que o Incognoscivel de Spencer. Fujamos...

3º)—Esse enorme e isolado pello, que, partindo do pescoço, caía sobre os hombros e formava uma grande cruz de ouro, era, nada mais, nada menos, que «uma grande allusão muda á missão de directora da Escola Normal! Mas que relação poderá haver entre a Escola Normal e um pello?

Aqui, fatigado de tão profundo meditar, deixei pender a fronte pensativa e fiz, perante Deus, um acto de renuncia. Renunciei a desvendar o formidavel segredo. Em casos taes, o melhor é ser a gente positivista, isto é, não procurar nem a causalidade nem a finalidade dos phenomenos. Ha no Hospicio muitos sa-

bios que procuraram explicar problemas indubitavelmente mais claros e, entretanto, lá estão. E eu não pretendo dar trabalhos ao dr. Juliano Moreira e ao dr. Humberto Gotuzzo — ambos muito bons camaradas, muito meus amigos, mas... elles lá e eu aqui. Nada de pilherias. Não convém abusar das circumvoluções cerebraes...

Todavia — só para concluir — aquelle pello deve servir de lição aos barbados da Escola Normal. Si o ex-director sr. Ignacio Amaral, em vez de fazer um relatorio, houvesse agitado um pello dos seus varonis bigodes, teria sido sempre respeitado. E o mesmo se entenda do dr. Bricio Filho, cujos bigodes pódem, por si sós, fornecer pellos para os colchões de um regimento inteiro de infantaria.

Numa Exposição de Cães

Chronica dedicada a todo o genero humano, inclusive os cachorros

Na minha qualidade de Rei da Creação fui á exposição de cães, organisada ha dias passados, por outros reis da Creação como eu.

Iam os cães chegando, cada qual puxado pelo seu senhor, que o tinha por uma corrente. Chegavam, de bocca aberta e lingua á mostra, e eram apresentados a certos animaes de calças e fraque, alguns até de lunetas, os quaes os examinavam, alisavam-lhes o pêllo, collavam-lhes ao pescoço uma etiqueta e mandavam atal-os a postes fincados em terrenos divididos conforme a raça de cada um, isto é, de cada um dos cães, não dos juizes.

Havia varias bancadas, como, por exemplo, a bancada dos cães de pastor, a dos de São Bernardo, a dos irlandezes, a dos dinamarque-

zes, a dos de guarda, a dos perdigueiros e outros, muitos delles pequeninos, felpudos, timidos, cretinos e tremulos, raça que eu prefiro designar pela denominação generica de *cães de femeas*. São uns cãesinhos parasitas, que passam todo o dia deitados sobre um tapete ou ao regaço da sua dona, roçando o seu focinho pelo focinho della, lambendo-lhe as mãos e por ventura outros sitios...

Lá estavam, pois, os cães reunidos em assembléa, quando cheguei; e, sendo rei delles, puz-me a olhal-os com a mais irritante insolencia. Alguns estavam commodamente deitados, calmos, lançando olhares indifferentes e preguiçosos para os seus semelhantes. Cães ricos, provavelmente. Ou talvez pobres, mas pensadores, porque ser pensador é uma das fórmas de disfarçar a pobreza...

Outros, entretanto, agitavam-se, ladravam, forcejavam por arrebentar as correntes, uivavam, escarvavam a terra com as unhas, babavam, mostravam a lingua e arreganhavam os dentes...

Homens e mulheres, quero dizer, deuses e deusas, (porque para os cães nós devemos ser deuses) passavam impassiveis.

Creio que dos deuses fui eu o unico que prestou attenção aos debates que se travavam naquella assembléa de minusculos e grandes-

sissimos cachorros. E foi assim que pude ver um sr. cachorro immenso, que estava deitado sobre as patas dianteiras, felpudo e majestoso como um leão de Canova, o qual devia ser o presidente, porque, tendo outro cão ladrado de certa fórma, como quem dizia — *Pela ordem!* — vi esse leal cão imponente ladrar de outra, como quem dizia: *Tem a palavra o nobre deputado!*

Depois de ter coçado uma orelha com uma das patas trazeiras, começou o orador declarando que vinha protestar contra o empenho. E' pelo empenho, dizia elle, que os homens são doutores, diplomatas, militares, deputados, tudo quanto querem ser. Pelo empenho muitos adquirem fortunas colossaes; pelo empenho se casam com mulheres bonitas, «com essas lindas mulheres que nos beijam o focinho com delicia!»

Aqui o Cão-Presidente ladrou com certa severidade e advertiu o orador de que a Assembléa dos Cães não podia permittir que no seu seio se tratasse de assumptos escabrosos; si isso era commum entre homens, não ficava bem entre cães de bôas familias...

O orador, declarando submetter-se á sabedoria da presidencia, continuou a ladrar contra o empenho e ganiu: que o empenho, já entrara tambem entre a nobre raça dos

cães; e, para a prova, chamava a attenção dos seus collegas para um cão dinamarquez, felpudo, de olhos nostalgicos, que estava de lingua á mostra, perto de uma senhora alta como Pallas Atheněa, de fortes ancas asiaticas, de braços constrictores como as serpentes de Lacoonte, de olhos tenebrosos como os desesperos que não têm fim. Aquelle cão, ladrou o orador, não tinha sido matriculado na exposição dentro do prazo legal; chegara tarde e só fôra admittido pelo empenho de certo cavalheiro, intimo da tal senhora de olhos negros, o qual cavalheiro a apresentara a um dos membros do jury, que se deixara logo envolver pela treva espessa daquelles olhos fataes! (*Sensação*).

Olhei para o cão dinamarquez, que aliás tanto podia ser cão dinamarquez como galgo russo. E' a sorte dos cães protegidos da fortuna: serem sempre muito discutidos, mas, com clareza, nunca definidos... O dinamarquez continuava tranquillamente ao lado da sua dama, cujos labios me pareciam humidos como maçans partidas por alfanges, insaciaveis como a cubiça dos avarentos. Elle nem parecia ouvir a accusação do patriota seu semelhante. Todo aquelle discurso lhe era indifferente. O feliz animal tinha a divina impassibilidade de

quem está certo de ser, pelo menos nas apparencias, o idolo de uma bella mulher.

O orador continuou a ganir: «Estamos defraudados pela entrada subrepticia desse estrangeiro...

Uivos — Não apoiado! E' filho de estrangeiro, mas nasceu no Brasil!

O cão orador — ... desse estrangeiro que penetrou neste recinto pela porta falsa das protecções inconfessaveis! Protesto, Sr. Cão-Presidente, protesto contra a petulancia desse intruso que, não podendo concorrer lealmente comnosco neste certamen, a que nos trouxeram os deuses, nossos senhores, serviu-se das saias de uma mulher para afrontar os nossos brios!

Um ganido — Muito bem! Tal individuo nem parece cão: é antes um homem! E' indigno de ostentar a colleira que nos distingue!...

Grande tumulto. Cruzam-se uivos desencontrados. Violentos ladridos nas bancadas dos cães dinamarquezes e galgos russos. O sr. Cão-Presidente, de focinho ao vento, late e pede attenção. Os cães policiaes fitam as orelhas e rosnam, mostrando as presas.

Vozes — Retire o latido! O orador deve retirar o latido!

O *Cão-Presidente* — Attenção! Attenção! Não foi o orador que injuriou o nosso

eminente collega dinamarquez. Foi um ganido differente que disse que o nosso collega era um homem! Quem ganiu por tal fórma descubra-se e retire essa expressão, que não é canina.

Um ganido — Retiro o latido. Entretanto, sr. Cão-Presidente, continúo de accôrdo com o orador que tão brilhantemente vae latindo em beneficio dos supremos interesses da nossa raça!

Ganidos — Muito bem! Muito bem! Essa attitude, sim, é digna de cães! O contrario seria proprio de homens!

O dinamarquez, como si tudo aquillo não fosse com elle, lambia a mão de sua senhora. Bravo cão! Devia ter grande influencia entre os seus semelhantes: injuriado publicamente; despertando essa tempestade de ataques violentos e de adhesões fervorosas naquelle cercado de arame, continuava olympicamente impassivel, a lamber a mão da bella creatura, a farejar-lhe os odores inebriantes, a roçar-se pelas saias della! Cão sublime! Cão ministro! Cão estadista!

Com mais alguns latidos, nos quaes conclamavam, como clangores de buzinas de chifre, coisas ladrejantes a respeito da «fraternidade entre os cães» da «honestidade dos governos», e outros ladridos retumbantes, o

cão orador deu por findo o seu discurso, que foi longo.

A maioria dos cães, entretanto, dormia, ou dormitava, alguns enrodilhados, tendo o focinho junto á cauda; outros, mais dignos, tendo o focinho sobre as patas dianteiras, cruzadas, abrindo e cerrando os olhos congestionados pelo somno — e rosnando vagamente. Atados aos seus moirões e fartos de vigiar em vão, os cães policiaes resonavam. Os São Bernardo, de bocca aberta, lingua á mostra, babando, pareciam asphyxiar-se sob a acção bestificante do mormaço intertropical; e, nos olhos amortecidos pelo somno e pela fadiga, olhos que supplicavam a misericordia de todos os deuses vivos e mortos, revelando a saudade ancestral das neves alpinas, pareciam trazer nas pupillas amortecidas o desgosto immenso de uma raça que, transplantada para climas violentos, falhou, tornou-se para sempre inutil e para sempre desgostosa da propria inutilidade...

Afinal, vi que a reunião dos cães tocava a seu termo. Procurei sair. Sujeitos de lunetas passavam, dando o braço ás mulheres e conversando gravemente com as filhas. Uma môça, que ia com o pae (sujeito de pêra grisalha e monoculo, que fallava aos requebros com uma senhora loura) uma môça levava ao

collo um totó, beijava-o e falava-lhe: *Oh! le beau toutou! Oh! le petit cheri! Mon amour, mon petit ange!* O cãozinho, felpudo, civilisado e obsceno, lambia-lhe o focinho. Quasi á porta da saida, vi ainda a senhora de olhos negros que levava o dinamarquez pela corrente e afagava-lhe a cabeça, emquanto distrahidamente ouvia os galanteios trovejantes, de um typo alto, gordo, pançudo, obeso e chato, de papada suina, toutiço de portuguez rico, terno de fraque cinzento, cara de bezerro manso e voz metallica, o qual pelos modos, si não era ministro, devia ser millionario e senador. E naquelle momento eu não desejei ser ministro, nem millionario, nem vendeiro opulento, nem senador; invejei simplesmente, humildemente, cynicamente, as venturas secretas do cão dinamarquez...

Considerações actuaes

Para onde emigrastes, ó grandes abnegações mudas do passado?

— Não emigraram. Morreram. Foram mortaes pela nevrose da publicidade. Antes de Guttenberg, partia um cavallelro para a Palestina, a conquistar o Santo Sepulcro. Travava combates com o Sarreceno; partia lanças; embotava laminas de Toledo; esfalfava ginetes de Hespanha e murzeis inglezes; destroçava esquadrões: aprisionava adaís; apunhava miramolins: violava harens; apaixonava sultanas; devastava terras de mouros; degollava muezins; abatia minaretes: punha cerco a cidades sagradas; escalava muralhas; humilhava o Crescente: erguia bem alto a Cruz; e um bello dia, num retinir barbaro de armaduras invictas e montantes heroicos, entrava triumphante em Jerusalem, de guião alçado, ao som de pifaros, charame-

las e atabaques, com muitas gritas e tangeres de guerra, que pareciam coisa temerosa, como rezam os classicos...

Ora, tal paladino soffria todas essas agruras por um ideal superior, por um ideal religioso que, apezar da sua intangibilidade, o compensava largamente dos sacrificios que houvesse de fazer até que chegasse a ajoelhar-se deante do Santo Sepulcro, que a mourisma depois viria reconquistar... Ninguem assistia aos seus combates. Não havia photographos nem operadores cinematographicos para fixar-lhe as attitudes, nem telegrapho para dizer ao mundo que elle era valoroso, nem jornaes e revistas para lhe estamparem o retrato. Só havia o seu Ideal, o seu Deus, o seu Rei, a sua Consciencia e a sua Dama, que tambem estava longe, encerrada na torre feudal de um castello inexpugnavel, defendida por fossos, barbacans, ameias, besteiros, catapultas e anões... E o paladino combatia. Victorioso, o seu Rei o fazia conde ou duque, emquanto a sua amada lhe abria os braços para lhe dar a recompensa mais ardentemente appetecida... Si morria, como Orlando, os trovadores o immortalisavam nas *côrtes de amor*. Era o dominio da vida interior em toda a sua esplendorosa belleza.

*

Hoje, como o materialismo afasta Deus das consciencias, e como, de seu lado, as damas perderam o segredo de gerar e sobretudo de educar paladinos, os homens se voltam exclusivamente para o Reclamo. Só reconhecem uma dama que é a Publicidade. Observei isto no principio da guerra européa. Qualquer farroupilha que se offerecesse como voluntario (marcharia realmente?), o primeiro cuidado que tinha era ir despedir-se dos jornaes, levando já o retratinho para sahir na folha do dia seguinte ou do mesmo dia, si possivel fosse. E no dia seguinte lá vinha o retrato do parvajola, centralisando uma entrevista de infallivel efficacia nas prisões de ventre...

*

Mas não são apenas os homens que têm a nevrose do reclamo. São as mulheres tambem. Poderá haver acto mais delicado do que o casamento? Collocando-nos acima de qualquer preconceito religioso, philosophico, litterario, ou social, encaremos o casamento sob o aspecto apenas da delicadeza masculina, olhando-o atravez do nosso simples cavalheirismo: poderá haver coisa mais melindrosa do que esse acto? E visto que assim é, não será de bom gosto cercal-o de todos os resguardos, de todas as discreções?

Entretanto o estardalhaço com que entre nós se fazem os casamentos transformam em buffoneria o acto mais sério da vida civil. Carros extravagantes, enfeitados de flôres de laranjeira e tirados por parelhas cheias de guizos, campainhas, tintinabulos e chocalhos de varia especie; cocheiros visivelmente bugres mas trajados a Luiz XV, guiando democraticas parelhas, as quaes puxam carros em cujas almofadas vão repimpados uns lôrpas enormes, tendo ao lado bôas mães de familia cujas honestas banhas plebéas formam o mais violento contraste com os tricornes dos cocheiros, alugados para aquelle dia...

*

Si fosse só isso... Os nubentes não se contentam já com o estardalhaço carnavalesco do cortejo chocalhante. Querem mais. Exigem os photographos com as suas codaques «para tirarem aspectos» da ceremonia. Solicitam a benevolencia das revistas illustradas para estampar esses *aspectos*. Mais: alguns chamam á casa um retratista em voga para photographal-os em trajes nupciaes, agarradinhos e sorridentes, com aquelle sorriso equivoco de quem, logo mais, á noite, vae descobrir algum escabroso segredo... Todos temos visto desses retratos em ponto grande, expostos nas montras

dos retratistas, o noivo de casaca, a noiva com a sua grinalda de flôres de laranjeira, envergonhadas—pobres flôres!—de ouvir aos basbaques da rua os commentarios mais torpes. Porque o casamento, quando é discreto, paira em regiões altas; mas quando desce dessas regiões para se mostrar ao povileo, em poucos minutos a alvura do vestido nupcial está salpicada de lama, e a gravata branca do noivo só se rehabilitaria perante as consciencias honestas, si se transformasse espontaneamente numa bôa corda de linho, munida de um nó corredio, para enforcal-o.

*

O casamento silencioso, em que os nubentes só ouçam o pulsar do proprio coração, que se furta a profanidades e ostentações, ainda se tolera; mas o casamento carnavalesco em que se compraz o ruidoso mau gosto dos *rastacueros*, devia ser capitulado nos mesmos artigos do Codigo que punem os attentados á moralidade publica.

*

Outr'ora eram as viagens prazeres espirituaes. Só se atreviam a viajar os individuos que alliassem a coragem tranquilla dos marinheiros ao appetite delicado dos epicuristas

mentaes. O viajante atravessava oceanos; saltava de um para outro continente; galgava montanhas; descortinava horizontes; orava nas basilicas; admirava os paineis nos museus; contemplava os monumentos illustres; tinha extases deante das estatuas; via e ouvia nos theatros as celebridades em voga. E quando regressava aos penates, era á esposa, aos filhos e a limitado numero de amigos que elle referia da sua viagem as peripecias mais interessantes. Elle *via* coisas durante a sua peregrinação. Só ia fazer isso; ver, para gozo do seu espirito e para narrar maravilhas á esposa durante os serões honestos da sua casa.

Hoje é differente. Por pequena quantia póde qualquer sujeito viajar com a familia em paquetes confortaveis. Annualmente zarpam deste porto toneladas e toneladas de carne humana que vae com a intenção de ser vista em Paris. Por lá estão elles, os nossos andarilhos, mezes e mezes, sem conseguir penetrar um iota da *alma* de Paris. Viram mulheres, viram homens, viram cantarias e acharam estupenda a torre Eiffel, até onde grimparam, graças aos seus instinctos de quadrumanos, e de onde mandaram para o Brasil o inevitavel postal: Meu amigo—Escrevo-te do alto da torre Eiffel, etc...»

Tenho conversado com innumeros turis-

tas indigenas chegados de Paris e confesso que,antes de conhecer qualquer delles, julgava o cerebro humano menos impenetravel. Com excepção dos raros viajantes intellectuaes que sabem *ver* sem necessitar de recorrer ao Bedecker ou de pedir informações á Agencia Cook, todos os brasileiros voltam de Paris encantados... com a illuminação do Rio!

Lembra-me ter sido apresentado a dois rapazes muito ricos, paulistas e bachareis na fórma da lei. Haviam chegado da Europa naquelles dias; e, como eram bem parecidos e endinheirados, ficaram logo sendo a coqueluche das raparigas da pensão. De resto, bons rapazes e muito amaveis. Mas diziam coisas phantasticas a respeito de Paris. Uma noite, apoz o jantar, tendo-se formado uma roda de rapazes e môças, os dois jovens ricaços discorriam acerca da França e principalmente das francezas. A paginas tantas, disse um delles: «O que falta em Paris é limpeza. Não ha hygiene nas ruas. E as casas são horriveis. As senhoras não imaginam o que seja a avenida da Opera: uma serie de casas antigas e enfumaçadas. Não limpam as testadas dos edificios... Qual! Não ha nada como a nossa avenida Rio Branco. Que bom gosto! E os nossos chalés da avenida Atlantica! Não vi nada em Paris que se parecesse com elles.

Como tambem nem em Berlim, que é muito mais limpa do que Paris, nem em Berlim vi avenida que se parecesse com a avenida Paulista!»

No mesmo dia pedi as minhas contas e no dia seguinte mudei de casa.

*

Mas não é a torre Eiffel a unica victima dos brasileiros. Além dos inevitaveis pombos de Veneza, ha no universo um sitio feito para inspirar piedade: Nice. A guerra nos tem livrado de, ao abrir alguma das nossas illustrações semanaes, encontrar o retrato de um «honrado negociante da nossa praça», cercado da sua numerosa prole, posturando num jardim de Nice com a mesma physionomia acarneirada e prolifica com que costuma deixar-se retratar nos convescotes da ilha do Bom Jesus. Bemdita guerra...

*

Que pena que eu não seja o Doutor Fausto! Si Mephistopheles me apparecesse, o que eu lhe pediria era transformar-me em intellectual francez, inglez, ou allemão, durante um inverno, só para poder sentir o que deve sentir um francez, um inglez, ou um allemão super-civilisado, quando o acaso o põe em contacto com o turismo americano...

O cabeça de turco

(*Carta ao dr. Chefe de Policia*)

Exmo. Sr.—Venho, nestas linhas, pedir a V. Ex. garantir a avelludada pelle de um patricio nosso, actualmente ameaçado por causa da sua mania de ser turco: o sr. dr. João do Rio. Ha muitos annos entrou na cabeça deste estimavel compatriota a idéa de ser o homem mais celebre do seu paiz e o chronista mais bem relacionado no mundo inteiro. Assim, jurou esmagar todos os outros chronistas parisienses. Michel Georges Michel tirava-lhe o somno com os seus *Pall-Mall-Paris*, *Pall-Mall-Nice*, *Pall-Mall-Trouville*, *Pall-Mall-Biarritz*, etc. João não socegou emquanto não fez tambem um *Pall-Mall-Rio*, improvisando-se José Antonio José. Declarada a guerra, não descansou João emquanto não foi á Europa entrevistar gente importante, entre-

vistar todo o mundo. Amigo intimo de Enver-Pachá, de Talaat-bey, de Djavid-Pachá e de tantos outros proceres do Imperio Turco, não lhe contentavam essas glorias stambulescas. Creia V. Ex., sr. Chefe, que, jornalistas nós outros mais ou menos jecas-tatús, quando João nos contava que tinha almoçado em Andrinopla com o general Djemal-Pachá, todos nos torciamos de inveja, da mais pura inveja deste mundo. Quando, porém, João nos dizia do jantar que lhe tinha offerecido em Constantinopla o Sultão, seu padrinho de baptismo, jantar depois do qual elle, João, foi apresentado á *kadine* predilecta de Sua Magestade e a mais de trezentas odaliscas:—turcas da Anatolia, ariscas e leves; arabes do Hedjaz, humildes na belleza da sua escravidão; armenias, flexuosas como gatas angorás; georgianas, espantadiças; circassianas, cheias de nobreza na suavidade dos olhos claros; persas morenas e finas que ao Commendador dos Crentes havia mandado, como preito de amizade, Sua Alteza Ismail-Djezir-Khan; humidas e sensuaes egypcias de pelle trigueira, presente principesco do Khediva Abbas-Hilmy; e quando João nos dizia que, á sua passagem pelo harem, entre eunuchos numidas, submissos e mal encarados, essas escravas se curvavam e se prostravam sobre tapetes do

Afghanistan; e, de dentro das suas largas pantalonas de sêda da India, que mal disfarçavam, na sua hallucinante harmonia, as curvas das ancas magnificas, murmuravam docemente — *Tezlim! Tezlim!* Graça! Graça! — ah! então é que a nossa inveja explodia em pragas de enthusiasmo e em uivos de admiração, que pareciam não mais ter fim. Certa vez, depois de ouvir a João uma dessas portentosas narrativas, não me contive que não rosnasse de dentro da minha inveja e da fumaça do meu charuto bahiano:

— Este João ainda acaba mahometano e Grão-Vizir!

Comtudo, a vida tem suas surpresas, como passo a referir a V. Ex.

Numa excursão que fiz pelo Hedjaz, em companhia do Emir Faysal, estando nós na nossa tenda uma tarde, perto das ruinas de Palmyra, vimos chegar com grande e majestoso estrepito uma caravana pomposa, e, á frente dessa caravana, João do Rio, encarapitado, não sei si num camello ou em si proprio. O Emir manteve-se discreto, grave no seu albornoz branco, cofiando as admiraveis barbas biblicas e fumando tranquillamente fumo persa no seu magnifico *narghilé* de boquilha de prata. Em volta de nós estendia-se a paizagem melancholica: palmeiras resignadas á aridez

do campo desertico; meditativos camellos e nostalgicos dromedarios, alongando os pescoços e dilatando as narinas, como se procurassem com os focinhos o rumo em que ficava a Terra da Promissão... Alguns beduinos, acocorados em tapetes, sorviam regaladamente *harak* e, saudando com lentas e nobres reverencias os que entravam, preguiçosamente iam fumando os seus longos *galiun*, na attitude sacerdotal de quem meditasse versiculos do Alcorão. João desceu do seu camello, quero dizer, de si mesmo; e, sorridente, estendeu a mão democratica ao Emir. Este, que tinha visto as divisas turcas de João do Rio, não manifestou grande empenho em estender-lhe a dextra principesca. Dois guerreiros arabes apalparam os alfanges, suppondo que João quizesse provocar o Emir. Este, porém, não alterou a sua serenidade oriental. Vendo eu que podia surgir de tudo aquillo um conflicto tremendo, disse em francez ao Emir que João, embora parecesse turco, não o era. Era apenas brasileiro, christão e até academico. Então o Emir se levantou levemente, e gravemente saudou a João, quasi sem retirar dos labios a boquilha do seu *narghilé*. Todavia, convidei a João para comer alguma coisa comnosco. Em torno, os arabes se tinham aquietado. O dispenseiro de Sua Alteza o Emir

Faysal serviu-nos uma malga de *laben*, cuja brancura espantou a João.

— Que é isso? — perguntou elle, como se visse pela primeira vez uma fructa tropical.

Com a minha experiencia dos costumes arabes, expliquei-lhe que aquillo era uma simples coalhada, uma especie de coalhada bulgara. E João sorveu com delicia o seu *laben*. Depois pedi a Sua Alteza houvesse por bem mandar servir-nos um pouco de *kobbs* e *makluta*, perdizes guisadas com carneiro e legumes, a que João fez honra bravamente e bemdizendo Allah no fundo do seu coração.

— Admiravel!—murmurava João, que, no auge do enthusiasmo gastronomico, ia, por engano, limpando a bocca na fimbria do albornoz branco de Sua Alteza, suppondo usar de um guardanapo.

— Tamaras! — exclamava elle. Haverá tamaras por aqui? Eu sempre encontrei tamaras no Oriente...

Não. Infelizmente não havia tamaras e era a primeira vez que João ia ao Oriente. Mas, havia alguma coisa que João não conhecia e eu pedi para elle: *ataief*, pasteis doces de nozes pisadas, envolvidas em capa de trigo, sobre os quaes se derrama calda de assucar, perfumada de hortelan, canella e mangerona, de suave sabor prophetico...

João, encantado, jurava que no Rio, na confeitaria Paschoal, aquelles pasteis fariam furor; e, repetindo a dose, perguntava ao Emir em portuguez:

— Porque é que os senhores aqui não mandam estas deliciosas coisas para o Itamaraty! Ah! o Itamaraty... E' um tumulo... E' a Arabia do Brasil...

Sua Alteza, por ventura nossa, não entendia o portuguez; e eu, aproveitando a ignorancia delle e dos outros beduinos, garanti cynicamente que João, na nossa lingua, agradecia a Allah e louvava o Propheta! Ao que Sua Alteza inclinou gravemente a fronte, emquanto os arabes circumdantes faziam o mesmo, cheios de respeito e de terror...

Terminada aquella refeição, quiz eu conhecer o sequito de João, todo elle composto de beys e pachás que, com extranheza minha, se conservavam a distancia respeitosa, comendo conservas européas! Só então verifiquei, não sem espanto e gargalhadas, que os pachás e beys de João eram simples empregados da Agencia Cook — inglezes, italianos, francezes, allemães e dois portuguezes que lhe serviam de interpretes.

— Mas, então, João! Que pachás occidentaes são estes?

— Ah! Aqui entre nós... E' só para dizer que estive no Oriente... Quem não fizer assim, vivendo no Brasil, é positivamente cretino. O Oriente! Mas afinal quem conhece o Oriente? Ninguem... O proprio São Paulo, que viveu, morreu e até nasceu em Roma, nunca viu o Oriente. Os ultimos homens que viram o Oriente forem os reis magos!

— E nós, João, nós tambem, que aqui estamos, com os diabos!

— Mas estamos sem ver... Você pensa que o Emir conhece o Oriente? Não conhece. O Emir conhece a Europa, conhece Paris, Londres, as unicas coisas que interessam a homens intelligentes. Porque é que o Emir não se veste no Poole? E' um lindo homem...

. . . .

Nunca mais vi João. D'ali nos separamos, elle para a vastidão democratica do Occidente, e eu, na comitiva de Sua Alteza, para Thaief, Medina e Djebah, na ancia illustre e inoffensiva de estudar religiões em cima de camellos... Chegando, porém, ao Brasil, comecei a notar que João conhecia mais o Oriente do que eu e São Paulo, que lá estive-

mos tamto tempo, o Apostolo, pregando o Evangelho, e eu, pobre peccador, estudando affanosamente o que elle tinha pregado dois mil annos antes. Mas, de tal maneira João fallava da sua intimidade com pachás, beys e effendis, que eu comecei a nutrir contra elle uma dessas invejas surdas que são capazes de levar um homem á prisão. Depois João foi a Buenos Ayres, visitar Julio Roca; foi ao Chile, entrevistar as salitreiras; foi a Montevideo, meia hora; e não tendo mais onde ir, foi á Conferencia da Paz. Entrevistou Venizelos; conversou com o Papa, que, por signal, lhe abriu pessoalmente a porta do Vaticano, para que elle entrasse; fallou com o Rei da Italia; entrou em certas intimidades com a Rainha da Rumania; e, por ultimo, de volta ao Brasil, deu-lhe para elogiar os turcos, «povo ingenuo, cavalheiro, bello e bom». Esses elogios fizeram perder a cabeça — não a do turco, mas a sua propria—ao sr. Etienne Brasil, armenio, e portanto inimigo pessoal do Sultão. Vae d'ahi, Exmo. Sr., o dr. armenio Etienne Brasil tem escripto coisas tremendas contra João. Diz que João, para elogiar o Turco, recebeu dinheiro dos pachás! Injustiça! Porque nem os pachás hoje em dia têm dinheiro, nem João viu em tempo algum um pachá. Em tudo isso o que ha é o seguinte:

João tem a mania de ser turco e é bem capaz de, forçando o seu natural horror á generosidade, pagar um café a um pachá, com a condição deste certificar nalgum consulado que elle, João, esteve com o Pachá. João, Exmo. Sr., nunca foi nem amigo nem inimigo dos turcos. Julga-se turco só porque andava de turbante em Paris, da mesma sorte que os pretos da Africa e seus similares do Brasil se julgam latinos só por usarem as velhas cartolas dos patrões e lunetas trincadas. João é inoffensivo, bom rapaz e talentoso. A colonia syria do Rio de Janeiro não deve espancal-o. Elle anda mentalmente vestido de turco por troça. E' o mais bem vestido dos nossos typos de rua, o mais elegante dos nossos typos populares. Apenas isso. Uma doce mania como outra qualquer. Assim, entendo que V. Ex., no religioso exercicio das suas altas funcções, deve garantir o pello ao nosso patricio João do Rio, que nunca viu um turco em dias da sua vida e está na imminencia de ser sovado, em plena America do Sul, por armenios e syrios, que, ausentes da Palestina durante tanto tempo, deram agora para confundil-o com o Sultão, quando a verdade é que elle é apenas afilhado de Sua Majestade.

Espero que V. Ex. tome em consideração estas linhas humanitarias e, sem re-

correr á verba secreta, proteja o nosso adoravel compatriota, tornando-se dest'arte credor da estima e gratidão do seu patricio e admirador,

ANTONIO TORRES.

Uma semana alegre

... Pois, amigos, esta semana foi mais alegre do que eu esperava. Além das habituaes descomposturas dos jornaes, ahi está a campanha do sr. dr. F'linto d'Almeida para que o Rio de Janeiro faça nas secções livres das gazetas uma declaração mais ou menos como esta: «Ao Publico, aos meus amigos e á Praça — Communico que de hoje em deante passo a assignar-me *Guanabara.*»

Tivemos ainda um principio de bate-bocca no Senado, por causa da construcção do novo edificio destinado aos formidaveis estadistas que diariamente cochilam naquella casa; assim como tivemos tambem o caso de um famoso *habeas-corpus* a favor de uns deputados amazonenses.

Esse *habeas-corpus* foi sensacional, por ter permittido ao sr. ministro Pedro Lessa lançar ao paiz, numa phrase cheia de sarcasmo,

a bofetada que o paiz faz questão de receber por dia. Com effeito, para remediar a afflictiva situação do Amazonas, o sr. dr. Pedro Lessa, officialmente, no nosso mais alto tribunal, desabusadamente opinou por um alvitre que, segundo declarou S. Ex., é o unico aconselhavel: reformar a Constituição com o intuito de transformar aquelle territorio em principado ou ducado que seria entregue a um dos muitos principes allemães, actualmente em disponibilidade. Muita gente ha que se tem escandalisado com essa phrase. Eu, não. O sr. ministro, com esse safanão que nos deu, até se revelou muito patriota. O que em summa deseja S. Ex. é o engrandecimento do Amazonas; e como está provada a nossa incapacidade para realisar esse engrandecimento, melhor se lhe affigura entregar aquelle territorio a um principe allemão, que o tornaria rico e prospero, sinão como a Alsacia-Lorena, ao menos como o Rio Grande do Sul... Pena é que o sr. dr. Pedro Lessa haja limitado a sua acção patriotica sómente ao Amazonas; e pois, com o devido acatamento, peço licença para ampliar o alcance do seu alvitre a todo o Brasil. Não é só o Amazonas que tem o direito de ver-se livre da sua perigosa fauna de Pedros Bacellares e Lopes Gonçalves, não, senhor. Então acha justo S. Ex. limpar o Ama-

zonas com o chicote de um principe allemão, e deixar proliferar em Minas os Franciscos Salles com os respectivos Bressanes, no Pará os Firmos Bragas, etc., etc.? Não. Não seria justo, não seria humano. O que manda a Justiça, de que S. Ex. é grande pontifice, e o que o patriotismo impõe, é entregar o Brasil todo a um principe allemão, o Brasil todo, inclusive o sr. dr. Pedro Lessa, com sua pessôa e bens. Porque um paiz onde, no mais alto tribunal, ha um juiz do prestigio do sr. Pedro Lessa, e que leva até esse ponto o seu amor á ironia e ao espirito de troça, merece realmente a tutela do estrangeiro; é um paiz maduro para um protectorado. Deixemos, porém, este assumpto lugubre e passemos a tratar de coisas menos escabrosas...

Guanabara! Tal o nome que o sr. dr. F'linto d'Almeida propõe para substituir o actual de *Rio de Janeiro*, estribando-se nas seguintes razões:

o nome *Rio de Janeiro* é longo e feio;
Guanabara é curto e bonito;
no Rio de Janeiro não ha rio.

A estas razões adduziu o sr. Magalhães de Azeredo, nosso embaixador junto á Santa Sé, mais esta: que os estrangeiros difficilmente pronunciam o nome da nossa capital, que estropiam sempre.

Voto contra. *Rio de Janeiro* é denominação que devemos conservar como documento historico do alto engenho e da heroica pertinacia dos nossos Descobridores. Com effeito, certo dia aqui chegou um capitão portuguez na sua nau, e entrou pela bahia a dentro, uma bahia immensa, um mar inconfundivel; pois, senhores, depois de muito olhar, de muito examinar e de muito matutar, concluiu elle lá com os alamares do seu gibão:

— Isto é um rio!

— E', concordou o seu piloto.

— Amen, gemeu o frade capellão.

E em toda a marinhagem lusitana não se achou um só homem capaz de notar que a bahia não era um rio! Outros capitães vieram depois; percorreram toda a costa do Brasil; distinguiram e denominaram todos os cabos, ilhas, bahias, enseadas e rios que encontraram; só não conseguiram distinguir a Bahia de Guanabara. Conheciam tudo; chegando, porém, á nossa bahia, cofiavam as barbas heroicas, arrimavam-se aos montantes e rugiam de dentro das suas couraças:

— Um rio é isto, ou não serei eu bom christão baptisado, confessado e commungado. Em nome d'El-Rey Nosso Senhor o affirmo! Que dizeis a tal, Dom Vasco d'Athayde?

— Bofé, que rio é e dos mais formosos que hei visto em dias de vida minha! Razão tendes, sr. capitão, trovejava Dom Vasco, apalpando a cruz da espada e já disposto a rachar ao meio, com uma só cutilada, o vilão que o contrario ousasse dizer...

Portanto, agora é tarde. Não ha erro de nome que se possa corrigir depois de quatrocentos e dezenove annos. E será esse o unico? Podéra! Basta dizer que o Brasil foi descoberto a 22 de Abril e, não obstante, o seu descobrimento é commemorado a 3 de Maio! Somos, pois, o paiz dos erros e enganos, alguns fataes, como o que victimou o finado Tiradentes.

E a Republica? Foi tambem proclamada por engano. Deodoro pensava que ia sómente derrubar o ministerio. Quando voltou a si, o mal já estava feito, quero dizer, a Democracia estava fundada.

Demais, o nome do Rio não é a unica coisa errada que ha na America.

O nosso continente devia chamar-se Colombia; entretanto a Colombia é apenas um pequeno paiz, já meio devorado pelos Estados Unidos.

Ha no sul um rio que se chama Rio da Prata, embora no seu leito não se encontre uma gramma desse metal.

Temos aqui no Rio de Janeiro uma Academia de Letras onde quasi não ha escriptores e pullulam os medicos, em virtude da urgencia que tinham os outros academicos de ter veterinarios junto de si; em compensação a Academia Nacional de Medicina está cheia de cavalheiros cujas aptidões mentaes ainda não foram verificadas, mas que devem ser fatalmente litteratos.

O Senado Federal está occupado por homens que têm obrigação de fallar ao povo, e entretanto não são capazes de abrir o bico, ao passo que a Associação Commercial, que devia evitar arroubos de rhetorica, é um ninho de oradores, um viveiro de Demosthenes. Como vê o sr. dr. F'linto, anda tudo á matroca neste paiz . . .

A mudança do nome da nossa capital traria complicações innumeraveis. Já não quero alludir ao incommodo que seria para o talentoso nacionalista da colonia portugueza, sr. dr. João do Rio, ver-se obrigado a chamar-se dr. João Guanabara. Peço a attenção do sr. dr. F'linto apenas para um caso que a S. Ex. mais de perto deve tocar.

O imaginoso academico tem um livro de versos intitulado CANTOS E CANTIGAS. (Porto — Livraria Chardron — 1915). Nesse livro ha uma poesia que se chama *Rua de Gonçal-*

ves Dias e da qual destaco (pags. 163 e 166) as seguintes estrophes, que reputo primorosas e reveladoras de um homem de genio, em toda a nobre vastidão do vocabulo:

> Eis-nos na antiga rua dos Latoeiros,
> Rua com muitos titulos de gloria,
> E que ha de ter na Historia,
> Certo, um dos seus capitulos primeiros.

....

> Ufana a rua de uma tal ventura,
> Deu á poesia as suas sympathias
> E ha muito em suas placas já fulgura
> O bello nome de Gonçalves Dias.

....

> Mas não, porque onde foram os sobrados
> Em que vivera o poeta brasileiro,
> Vive hoje a Associação dos Empregados
> No Commercio do Rio de Janeiro.

Estes versos trazem no livro a data de 1907 e são, como se vê, portentosos. Bilac, dizem, cuidava morrer de rir quando alguem lh'os recordava, mas si ria, de inveja devia ser, porque não ha, em toda a obra do grande lyrico, nada que se possa comparar com esta pequena epopéa da rua dos Latoeiros.

Imaginemos agora que vingue a proposta do sr. dr. F'linto. Gravissimo desastre seria esse para a nossa litteratura, pois que obrigados nos veriamos a alterar uma das melhores quadras, a ultima das citadas, pela seguinte fórma:

Mas não, porque onde foram os sobrados
Em que vivera o poeta brasileiro,
Vive hoje a Associação dos Empregados
No Commercio de Guanabara!

Sôa mal, como se vê. Eis porque venho eu supplicar ao sr. dr. F'linto, em nome das bellas letras, em nome da litteratura nacional, em nome da Esthetica, em nome das Camenas, em nome da sua propria gloria e em nome da gloria da rua dos Latoeiros, pelas almas do Purgatorio em geral e pela de Gonçalves Dias em particular, que não mutile essa obra-prima ou, como diria o dr. João do Rio, esse chefe d'obra. O sr. dr. F'linto não tem o direito de concorrer para que se deturpe esse primor que, já agora, não é exclusivamente seu, mas está irrevogavelmente incorporado ao patrimonio intellectual não do Brasil apenas, mas de toda a America do Sul e da raça latina!

Quanto aos estrangeiros, cujas difficuldades prosodicas tanta sympathia inspiram ao sr. dr. Magalhães de Azeredo, o remedio é simples. Trate cada um delles de traduzir para a lingua materna o nome da nossa capital. Assim faz Sua Santidade o Papa, que é pessôa de muita consideração e respeito. De facto, communicando-se com os bispos brasileiros na lingua official do Vaticano, que é a la-

tina, nesta lingua escreve o Santo Padre o nome desta cidade. Assim, a personagem que aqui é o sr. *Cardeal Arcebispo do Rio*, no pateo de S. Damaso e adjacencias é *Cardinalis Archiepiscopus Sancti Sebastiani Fluminis Jannuarii*. Nós tambem costumamos traduzir nomes de cidades estrangeiras. O que para os allemães é *Menz* e para os francezes *Mayence*, para nós é *Moguncia*. Tambem, o que para nós é *Lisbôa*, é para o inglez *Lisbon*, para o Papa *Ulysipo*, para os francezes *Lisbonne* e para os allemães *Lissabona*. Emquanto os allemães dizem *Koln*, e os francezes *Cologne*, nós dizemos *Colonia*. Por isso não descubro inconveniente em que cada estrangeiro vá traduzindo como poder no seu proprio idioma o nome do Rio de Janeiro. Em Madrid ouviremos dizer *Rio de Enero*; em Paris, *Fleuve de Janvier;* em Roma, *Fiume di Gennajo*; em Londres, *January-River*; e em Berlim, *Januar-Fluss*. Em Constantinopla não sei como será; mas quem desejar informações autorisadas a tal respeito queira dirigir-se ao sr. dr. João do Rio-Pachá, que é turco e afilhado do Sultão.

E ahi tem o sr. dr. Filinto a minha opinião, que S. Exa. não pediu mas eu dei, porque quiz dar. E mais, direi que, si mudarmos o nome da capital do paiz, temos de, pelas mesmas razões, mudar o nome do Estado do

Rio. Pelo que, o melhor é ficarem as coisas como estão. Não lhes bulam, que é peior. Escolha o sr. dr. Filinto outro meio de ser agradavel ao seu fraternal amigo Oscar Guanabarino, critico musical. Em vez de mudar o nome da capital, vamos trabalhar para que a *City* não despeje na bella bahia, como faz, as fezes da cidade quasi em estado de natureza. Trabalhemos para que a bahia de Guanabara deixe de ser o que actualmente é: a mais formosa das coisas fetidas. Isto, sim, seria util. O mais são byzantinismos. Olhe, ó dr., e si for possivel vamos tambem ver si deixamos de fazer versos, sim?

O vendedor de passaros

Apanhar passaros para vendel-os é uma profissão intermediaria entre a dos antigos vendedores de escravos e a dos modernos vendedores de escravas. A differença que ha entre o moderno vendedor de passaros e o antigo vendedor de escravos é que este era perseguido pelas leis e pelos cruzadores da Inglaterra, ao passo que aquelles escravisam e vendem os passaros á sombra das posturas municipaes e da indifferença britannica. Si a Inglaterra o quizesse, os nossos passaros teriam o seu 13 de Maio. Quando os inglezes pelos olhos dos seus estadistas, economistas e financeiros, viram que a escravidão no Brasil, sendo base da nossa agricultura, prejudicava pela concurrencia a agricultura das suas colonias e possessões, onde a escravidão já fôra extincta, que fizeram? Foram á cathedral de Westminster; tiraram de lá umas velhas

bandeiras, que serviram outrora para humilhar povos em nome da Humanidade, mandaram os seus publicistas escrever coisas solennes no *Times*... Depois apparelharam cruzadores; declararam-se, como smpre, paladinos da Civilisação, e pozeram-se, muito a seu commodo, a perseguir os navios negreiros. A Humanidade, como sempre, vibrou com esse lance magnifico da Inglaterra; e o Brasil, mais do que a Humanidade toda. Travou-se entre nós a peleja abolicionista. Castro Alves fez versos; Nabuco fez discursos; José do Patrocinio fez artigos; os escravocratas fizeram opposição; os abolicionistas fizeram leis; o Imperador fez uma viagem; e a Princeza, no meio de tudo isso, decretou a Abolição.

Eu não creio que os homens da Inglaterra tenham grande empenho na liberdade dos passaros brasileiros; mas os passaros inglezes talvez tenham nisso algum interesse... No dia em que ficasse prohibido aprisionar, sem motivo legal, passaros das nossas florestas, provavelmente os passaros inglezes teriam no nosso mercado muito maior cotação do que a que tem de presente; e os inglezes, que devastam os nossos rebanhos bovinos em beneficio dos seus soldados, bem podiam, como compensação, proteger os nossos passaros.

E' verdade que os passaros não são tão immediatamente uteis como os bois, vaccas e novilhas que elles matam em Mendes; mas que importa isso á Inglaterra? Quanto mais alto e desinteressado fôr o motivo apparente das suas conquistas, tanto maior será o seu lucro. Porque foi que a Inglaterra conquistou a India? Apenas para civilisal-a. E quanto tem lucrado os commerciantes, industriaes e financeiros inglezes com esse acto de abnegação?... Em 1882, para poder pacificar o Egypto, a Inglaterra bombardeou e incendiou Alexandria. Mas a Humanidade (principalmente a humanidade ingleza) muito ganhou com isso. Nessa transação só os egypcios perderam, entre outras coisas, a liberdade, sem fallar no resto. Por isso digo: quanto mais abstracto o motivo que mova a Inglaterra a mobilisar as suas fôrças militares, tanto maior o seu lucro commercial. Parece que a grandeza material da Inglaterra marcha na razão directa da metaphysica dos seus processos absorventes.

*

Pensava eu em todas estas coisas profundas, depois de ler uma noticia curiosa a respeito das aventuras de certo vendedor de passaros. Chamava-se Olympio Pinto e andava pela rua de S. Francisco Xavier, carre-

gando as suas gaiolas cheias de passarinhos, quando deu de frente com um cidadão brasileiro chamado Manoel Caldeira de Assis. São ommissas as noticias quanto aos antecedentes de ambos esses patriotas, de sorte que o chronista não tem infelizmente materiaes que lhe permittam traçar com clareza e segurança a psychologia do caso. O certo, porém, é que Manoel Caldeira, defrontando-se com Olympio, achou que este não tinha direito de andar com aquellas gaiolas de passaros. Estas questões de direito, além de serem escabrosas, têm ainda este defeito: que, quanto mais discutidas são, menos comprehensiveis se fazem. Creio que Manoel Caldeira é desta opinião, porque não discutiu com Olympio o direito de prender passaros; não lhe requereu *habeas-corpus*, nem lhe oppoz embargos, nem lhe deu tempo para impetrar manutenção de posse. Nada disso! Antes que Olympio tivesse tempo de appellar para os juizes do Rio ou para os de Berlim, fulminou-o Caldeira com um interdicto prohibitorio a pau nas gaiolas, seguido de um muito logico alvará de soltura a favor dos colleiros, pintacilgos, patativas, gaturamos, sabiás, cardeaes, curiós e bicos de lacre, que se aproveitaram da confusão reinante e, «ruflando as azas, sacudindo as pennas», fizeram como as illusões de

Raymundo Corrêa: foram-se para não mais tornar... Não contente com a liberdade tão generosamente concedida aos passarinhos, entendeu Caldeira, como bom estrategista, que o melhor seria iniciar logo uma offensiva contra o Tyranno; e, si bem pensou, melhor o executou, atacando Olympio a murros nas ventas em nome da Liberdade; pelo que, Olympio, com o seu longo habito de lidar com passaros, resolveu imital-os, quero dizer, voou tambem. Mas—ó triste! ó mesquinha sorte dos libertadores!— gente do povo, ignara e proterva, não atinando com o alcance moral, social e humanitario da façanha de Manoel Caldeira, correu-lhe sus! Peor aventura do que esta só succedeu, que eu saiba, ao grande Dom Quixote, que, tendo libertado com a sua lança incorruptivel uma leva de presos que iam acorrentados para o presidio, como, apoz tão grande proeza, quizesse obrigal-os a ir agradecer a sua libertação á mui nobre e formosa Dulcinéa del Toboso, foi por elles apedrejado e sovado; depois do que, fugiram todos, antes que por ali chegassem reforços da Santa Irmandade... A Manoel Caldeira quem o perseguiu não foram os libertados, visto que por felicidade delle e nossa, os passaros ainda não têm fôrças que bastem para atirar pedradas.

Entretanto, Caldeira, o Libertador, que tinha visto voar os passarinhos e seu dono, imitou-os tambem; e lá se foi, correndo a bom correr, pela rua S. Francisco Xavier a fóra, até que embarafustou por um capinzal proximo ao Jockey-Club. Nesse capinzal trabalhava um certo José Angelo, que, vendo correr Caldeira perseguido pelo povo, adheriu á massa perseguidora e tentou tomar-lhe a dianteira; mas Caldeira, apanhando um tridente que estava no chão, deu com elle uma pancada na cabeça de Angelo, que caiu desaccordado. Ahi, já desorientado, foi preso por populares, que o atacaram a cacete. Resultado: Angelo foi para a Santa Casa; Caldeira, o ornithophilo, depois da indispensavel escala pela Assistencia, foi dar com os ossos no xadrez no 15° districto. E ahi está como um acto de generosidade se transforma, de um momento para outro, em noticia policial. Quanto ao vendedor de passaros, está até agora voando atraz dos bicos de lacre. E', pelo menos, o que parece...

*

Eu não sei si Manoel Caldeira, quando se arvorou em Tiradentes dos pintacilgos, obedeceu a impulsos puramente libertarios ou a impulsos de vingança contra Olympio, o Se-

nhor dos Passaros; mas, seja como fôr, não se póde deixar de ter sympathia por elle. A vingança, quando proporciona azado ensejo á pratica de algum acto nobre que aproveite á innocentes, nobilita-se por isso. No caso do Caldeira, cresce a minha sympathia ao pensar que elle, para libertar patativas, teve de ferir um pobre homem e foi esbarrar no xadrez. Eterna lição aos libertadores, eterna e incomprehendida... O libertador nunca póde atirar aos grandes ventos do mundo um principio de liberdade sem ferir a propriedade de muitos. Ora, o maior crime que ha para a sociedade conservadora é a violação da propriedade. O codigo admitte attenuantes para o homicidio; mas matar para roubar é crime que só tem aggravantes, ainda quando o homicida chegue a provar que, no momento do seu crime, estava hallucinado pela fome ou desesperado por ver famintos os seus filhos. Quando aquelle homem chamado Spartacus tentou libertar os escravos de Roma, o seu primeiro crime foi attentar contra a propriedade dos senhores sobre os escravos. Quando aquelles outros da Revolução Franceza proclamaram os Direitos do Homem, o seu primeiro crime, ao menos na opinião dos realistas, era attentar contra a propriedade que tinha o Rei sobre as terras e mais bens dos seus subditos. Quando

agora, nos nossos dias, os revolucionarios exigem mais equitativa distribuição da riqueza, não exigem nenhum absurdo: mas são perseguidos, porque o burguez,que ajuntou o seu dinheiro e metalisou o seu coração, só estima no mundo o seu ouro e pouco se lhe dá que haja famintos, comtanto que se respeitem os seus sacratissimos direitos de propriedade. Assim, Manoel Caldeira, soltando os passaros de Olympio, attentou contra a propriedade deste; e foi por isso que a policia o perseguiu; e o povileo, com a sua multisecular inconsciencia, correu-lhe ao encalço para defender um direito que as massas respeitam por atavismo.

Quanto aos passaros, não os condemnemos por não terem ido ainda ao xadrez agradecer ao Caldeira a sua liberdade. Dos nove leprosos que Jesus-Christo curou, parece que, por emquanto, só um se lembrou de agradecer-lhe tamanho prodigio. Os passaros são distrahidos, como os homens. Entre uns e outros a differença, salvo exterioridades evidentes, não é das mais profundas: apenas, emquanto os passaros cantam sem saber musica, os homens cantam por musica; mas em materia de gratidão, uns e outros se parecem . . .

Brulé e o seu publico

A Noticia, sempre excellente, consolava hontem a todos nós de um desastre immenso: a companhia Brulé representou no Municipal uma peça excessivamente tragica de grão-guinhol; e durante as passagens mais tragicamente guinholescas, o publico ria-se, divertidissimo. Senhores barrigudos e portanto respeitaveis sentiam arrebentar-se-lhes os cós das calças quando alguma das actrizes, em caretas bem francezas, intentava traduzir angustia. Damas da mais alta representação mundana sentiam derreter-se-lhes nos rostos os unguentos que a Providencia, sempre bôa, suggeriu á imaginação humana contra as rugas. Senhoras elegantissimas tinham que recorrer ao pó de arroz das bolsinhas caras, para recompor o rosto desfeiado por alegres lagrimas, alegres e estrepitosas lagrimas arrancadas por Brulé quando, em esgares inimitaveis, graças ao seu

estrabismo celebre, interpretava torturas moraes. Porque Brulé é, antes de tudo, irresistivel como actor comico. E' um dos maiores humoristas dos *boulevards*. Já me havia dito um frequentador do Municipal, ha dias, que o nosso publico se ri *de bon cœur* quando Brulé falla; quando Brulé se cala; quando Brulé anda; quando Brulé limpa com o lenço a poeira dos sapatos; quando Brulé colloca no bolsinho o seu lenço branco, digno de Desdemona; emfim acabou-se, quando Brulé apparece no palco do Municipal, derrota em comico o nosso popularissimo Brandão, gloria nacional como o sempre chorado João Caetano.

— Mas porque? — perguntei.

— Não sei, respondeu-me elle. O que sei dizer é que, muitas vezes, phrases escriptas apenas para fazer sorrir de leve, ditas por Brulé ou por alguem do seu grupo, são fabricas de gargalhadas. Em Paris geralmente o publico sublinha com sorrisos certos paradoxos ditos em scena. Aqui toda a gente se ri desbandeiradamente. Porque será?

Estudei dia e noite esse phenomeno patho-mundano. Consultei os autores. Meditei como um touro inglez quando rumina a sua alfafa a um canto do curral. E, como Archimedes, *eureka!* Achei a chave do enigma e vem

a ser que: o publico ri, porque não entende, mas quer mostrar que entendeu.

A capacidade mental desse publico póde reduzir-se arithmeticamente ao seguinte: 50 % do publico não comprehendem francez; 30% comprehendem francez, mas não têm agilidade mental que lhes permitta apanhar no ar os floculos fugidios de um paradoxo, como um falcão agarra uma pomba no meio do seu vôo; ou tomar de repente uma idéa que esvoaça, e alar-se com ella no espaço,como uma gaivota marinha apanha o peixinho que descuidoso se embala na onda que foge . . . Restam 20 % de espectadores capazes de entender as *intenções* paradoxaes do autor, caso o actor tenha talento para sublinhal-as com um sorriso, com uma inflexão de voz appropriada á phrase, com uma simples contracção, leve, de musculos faciaes; mas, destes vinte espectadores aptos para entender uma comedia fina, ha dezoito que estão distrahidos, pensando na costureira da mulher, em negocios, em letras por vencer, ou então dormindo pezadamente, no trabalho brutal da digestão. De sorte que, contas feitas, sobre cada cem espectadores do Municipal, apenas dous haverá que estejam comprehendendo a peça; destes dous bemaventurados, um, discreto, sorri comsigo mesmo, sem interesse por que outros o

vejam sorrir; o outro, embora intelligente, sorri para os visinhos, revelando-lhes a sua agudeza e o seu polyglottismo. Ora, os visinhos destes dois homens riem por sua vez, para mostrarem que tambem entendem, que tambem percebem, que tambem bebem do fino; os visinhos dos ultimos riem mais alto, com o mesmo fito; tudo isso é rapido, mas no fim de metade de um segundo, o riso mais ou menos indiscreto de dois homens intelligentes amplia-se na gargalhada relinchante de noventa e oito zebras d'um e d'outro sexo.

Eis porque Brulé, apezar de ser em Paris um actor de terceira ordem, deve, a meu ver, pensar da platéa carioca o que o Brandão popularissimo pensou certa vez do respeitavel publico de Pindamonhangaba.

Representava Brandão popularissimo no palco scenico d'aquella cidade um drama notavel: *Vinte e Nove ou Honra e Gloria!* Esse drama é uma das obras primas do veneravel theatro portuguez. Ora, quando Brandão popularissimo arremettia contra o publico numa d'aquellas emocionantissimas tiradas do 29 contra o capitão da 8ª., o publico, que estava convencido de que Brandão popularissimo era o primeiro comico brasileiro, ria-se a quasi morrer; e Brandão popularissimo a dizer baixinho, para os seus companheiros de scena

— Mas que grandes burros! Que grandessissimos burros!

Brulé, lá com o seu lencinho cosmopolita, esse lencinho que tem sido a perdição de tantas Desdemonas de Montmartre e do tropico de Capricornio; Brulé, lá com a sua melindrosa gardenia de guerra (que, felizmente para a Civilisação, nunca foi ás linhas do Marne), deve, repetindo insconscientemente Brandão popularissimo, dizer a seus comparsas:

— *Mais ils sont bêtes tout de même, ces rastas! Ah! les goujats!*

*

O' Publico! Publico amigo! Eu não sei bem o que pensas de Brulé e de ti mesmo, porque, dizendo a verdade, nem sei si pensarás. Mas o que Brulé pensa de ti, Publico adoravel, deve estar mais ou menos nessas poucas linhas em francez que acabo de offerecer-te. Entretanto, ó Publico do meu coração, o que deverias pensar de ti mesmo é o seguinte:

«Eu não devia estar aqui no Municipal todos os dias para ver as casacas de Brulé ha tres annos consecutivos. Brulé em Paris é actor de terceira ordem. Brulé diz que está fazendo propaganda da França e no emtanto nos vem dar, em recita official, *Le Traité d'Auteuil*, vodevil patife, em que a França,

ou, melhor dizendo, a alma franceza, apparece de tal sorte, que justifica tudo quanto os allemães dizem da corrupção parisiense. Por conseguinte, Brulé é mau francez. Ora eu, na minha qualidade de Publico burguez, pacato e alliado, não posso prestigiar com a minha presença a philaucia de um francez que vem fazer propaganda da França com o *Traité d'Auteuil* e com as *Démi-Vierges* do detestavel engenheiro Prévost. Demais a mais, eu não entendo o que dizem Brulé e essas raparigas decotadas que eu cuido já ter visto ali na Confeitaria Colombo ás seis da tarde. Eu, que sou o respeitavel Publico, já ouvi algum dia fallar na Sabine Landray e nas outras? Não. Os jornaes é que andaram ahi a dizer que a Landray e a Fabry eram grandes actrizes. E eu, como um alarve, acreditei. Acreditei e vim, paguei, vi e applaudi; mas não entendi; por consequencia, revelei-me parvo; ora o papel de parvo é incompativel com a minha alta e pançuda posição de respeitavel Publico. Eu só posso applaudir o *Cid*, *Shylock*, *Cinna*, *Esther*, *Luiz XI*, *Rormersholm*, *Os Espectros*, *Le monde ou l'on s'ennuie* e *Le Voyage de Monsieur Perrichon*, porque são peças já consagradas pelos applausos dos entendidos. E eu sou entendido em theatro? Não. Eu sou entendido em manganez, jogo do bicho, arren-

damento de navios, oscillações bancarias, feijão, arroz, trigo, construcções de predios, fornecimentos a ministerios, estradas de ferro e manifestações conservadoras. O meu logar é nos bancos, na Bolsa, nos escriptorios de commissões e consignações, nas assembléas industriaes, nos centros de commercio, nas irmandades, nas directorias de hospitaes, na Maçonaria, nas ligas patrioticas situacionistas, nos conselhos deliberativos de sociedades financeiras e nas recepções de gente rica e cheia de callos, jogando *bridge* e bocejando, ou então fazendo gyrar o pollegar da mão direita em torno do pollegar da mão esquerda e vice-versa. Eu só devo ir a theatros onde representem companhias portuguezas e brasileiras. A bella chalaça, o pontapé na espinha, o guarda nocturno da zona, o compadre da revista, a apotheose fulgurante de latilhas e luz de magnesio, isso, sim, está ao alcance da minha vasta intelligencia. Mas o theatro francez moderno, esse não o entendo eu; e, não o entendendo, exponho-me a esse ridiculo de applaudir Brulé, actor de terceira classe, como si applaudisse Zacconi, e de bater palmas a peças que, si eu e minhas filhas entendessemos, não teriamos approvado, porque são immoraes. E' por isso que Roberto Gomes, segundo dizem, vae explicar no Municipal o

que seja *Pelleas et Melisande*, antes do espectaculo. Brulé, que sabe que eu não entendo nada de theatro, pediu a Roberto que me viesse dizer que *Pelleas et Melisande* é differente do *Forrobodó*, e que Maetterlinck não é bem egual a Eduardo Garrido; e Roberto, sempre benigno, vae explicar-me todas essas coisas transcendentes. Ora, Roberto ficaria livre dessas fadigas intellectuaes e vocaes, si eu entendesse de theatro o sufficiente para ver que Brulé é um bom Arsène Lupin e nada mais. Portanto, o que eu devo fazer é não ir ao Municipal, onde me sinto deslocado, onde só devem ir os competentes e onde eu rio quando é hora de chorar e choro quando é hora de rir.»

Eis ahi, ó Publico amavel, o que devias dizer a ti mesmo; e, depois de dizer tudo isso a ti proprio, devias pratical-o, abandonando o Municipal e indo ao S. José, onde te sentes tão á tua vontade...

Brasileiros e estrangeiras

Segundo se affirma, ha na nova refórma do Ministerio do Exterior uma disposição hostil ao casamento entre diplomatas brasileiros e mulheres estrangeiras. Por esse dispositivo não ficam terminantemente prohibidos taes enlaces, mas qualquer diplomata brasileiro, que desejar—como diria o sr. Ruy Barbosa—fazer maridança com mulher forasteira, terá de solicitar licença ao ministro do Exterior.

Ha quem affirme ser perfeitamente inutil semelhante artigo, sobre o seguinte fundamento: a menos que se trate de alguma actriz mal afamada, ou de alguma prostituta celebre, que tenha seduzido algum dos nossos diplomatas, estes sempre obterão licença para casar com estrangeiras. Por exemplo: um diplomata nosso pede e obtem licença para casar-se com uma ingleza; como negará o ministro licença a outro que deseje tomar por esposa

uma argentina, que esteja em egualdade de condições moraes e sociaes com a ingleza?

Admittamos ainda a hypothese em que o ministro, por antipathia para com certo diplomata, lhe negue uma licença, embora egual já tenha sido concedida a outros. O caso é perfeitamente possivel. Nada mais natural do que haver animadversões entre o ministro do Exterior e seus subordinados, principalmente si o ministro houver sido tirado da carreira diplomatica... Bem póde ser, com effeito, que, entre o ministro e o diplomata em questão, haja havido outrora algum incidente por amor de alguma transferencia ou de alguma promoção em que um tenha sido supplantado pelo outro. O ministro, pois, aproveita-se da situação para vingar-se do seu antagonista, fazendo-lhe picuinhas em materia delicada, como é o casamento. Chega a negar-lhe a licença pedida, embora se trate de senhora digna de casar-se com qualquer dos mais gravibundos diplomatas.

Que fazer num caso desses? Como agir para com semelhante ministro? Mandar amigos fallar a S. Ex.? Mas S. Ex. poderá dizer a esses amigos, limpando com o lenço as suas lunetas:

— Não pensem vocês que eu queira perseguir o homem. Si lhe neguei a licença, foi porque tinha motivos...

— Mas não póde ser, sr. ministro. Sabemos que se trata de uma senhora honesta. Nós a conhecemos de Paris, de Londres, de Haya...

— Mas não podem conhecel-a tanto quanto eu, que aliás nunca a vi. Sei que ella não merece a mão, por tantos titulos illustre, do nosso amigo. Tenho informações dos agentes confidenciaes...

Desolados, escrevem os amigos ao diplomata:

«*Caro F.— O seu caso sentimental, que é, como V. sabe, tambem* o nosso caso, *complica-se cada vez mais. Estivemos eu e B. com o ministro, que se mostrou inconciliavel a esse respeito. Deve haver por ahi intrigantes interessados em molestal-o, porque, conhecendo como conhecemos a sua noiva e a V. tambem, que jámais commetteria a leviandade de dar o seu nome a mulher que o não merecesse, passamos pela surpresa de ouvir declarar o ministro que o fundamento da recusa da licença eram informações desfavoraveis a Madame Tres Estrellas, informações que—lá o disse S. Ex.—lhe foram mandadas por agentes confidenciaes!*

Veja si ha, entre os nossos agentes confidenciaes ahi, algum que tenha motivo de resentimento contra V.. Mande-me suas ordens e creia que os seus amigos tudo farão pela sua felicidade, só desejando todos desmascarar os inimigos occultos da sua noiva. Procure V. indagar do grau de relações que por ventura existam entre a familia de sua noiva e o ministro da Hollanda aqui. Não sei porque, ando meio desconfiado deste fidalgo... Sempre seu — A.»

Ora, o diplomata sabe perfeitamente que o ministro da Hollanda nada tem que ver com a attitude do ministro do Exterior; que na séde da sua legação não ha agentes confidenciaes do Brasil; e que sua noiva é respeitadissima; pelo que, urra de lá aos amigos pelo cabo submarino: «*Ministro mentiu; nenhum confidencial aqui; Hollanda innocente.*»

Supponhamos agora que o diplomata seja o que se chama *homem de genio forte*, e veja sua noiva emmaranhada pelo ministro nesse labiryntho de infamantes insinuações. A tal homem só lhe resta uma saida: pedir licença, ou, ainda sem licença, vir ao Rio de Janeiro, correr ao Itamaraty, cair como um raio no gabinete do sr. ministro e partir a murros uns tres ou quatro dentes a S. Ex., caso os tenha. A saida não será das mais finamente diploma-

ticas, mas, para casos desses, não vislumbro outra. E os senhores vão vêr que o futuro talvez me dê razão: esse dispositivo da refórma ainda nos proporcionará bons pratinhos...

Ha quem já tenha suggerido adoptar o que se pratica na Inglaterra: prohibição absoluta, para qualquer agente diplomatico, de casar-se com mulher que não seja ingleza.

A isto se responde, dizendo que:

Primeiro — não se póde pôr freio ao coração de ninguem;

Segundo — a Inglaterra já póde estabelecer limitações nesse sentido, ao passo que nós ainda não estamos em condições de fazel-o.

Com effeito, a Inglaterra tem abundancia de mulheres bellas e aptas a serem bôas e leaes companheiras do homem que eleger o seu coração; nós ainda não temos o necessario... O diplomata inglez que, em todo o Reino Unido e no Imperio Britannico, não encontrar uma mulher á sua feição, ou não tem sorte nenhuma, ou então é exigente de mais.

No Brasil, já o caso é mais complicado. O rapaz que segue a carreira diplomatica passa geralmente tres a quatro e mais annos no estrangeiro. Por lá trava elle suas relações familiares; portanto, nada mais natural que se embeice por alguma das môças do paiz e se

case com ella. Demos, entretanto, de barato, que o rapaz, depois de quatro annos de ausencia, volte solteiro para o Brasil e queira casar-se com uma patricia. O diplomata, geralmente, não conhece as môças do interior; e, embora venha a conhecel-as, provavelmente não quererá tomar por mulher uma rapariga bisonha, inexperiente e talvez refractaria ao viver que lhe destina seu marido. Assim, elle tem de escolher esposa por aqui mesmo.

Diz o dictado que quem imagina não casa; ora, quem imagina alguns momentos a respeito das meninas do Rio, fica sem saber si casa ou não casa. Ha de haver com certeza por ahi muita menina que, sendo intelligente e interessante, seja tambem honesta; mas nenhuma dellas traz estrella na fronte para distinguir-se das que não o são. E que pensar da moralidade domestica dominante numa cidade em que, aos primeiros rebates do Carnaval, saltam para a rua as môças todas, com suas mães e seus paes, com seus irmãos e seus noivos, com as suas irmãs menores, a berrar despejadamente dentro de caminhões, e a cantar coisas tão torpes que o jornaes se vêem obrigados a chamar a attenção da policia? Ninguem quer que as môças e as meninas se vistam de burel e passem os dias em jejuns e cilicios; mas tambem não se póde

permittir que levem a sua liberdade ao ponto de entoar cantigas tão licenciosas, que não se usam nem em assembléas de meretrizes, a não ser que se trate de rebombeiras da mais baixa extracção. De maneira que, ao ver uma menina e ao pensar em casar-se com ella, deve o rapaz interrogar: «Terá esta pequena feito o Carnaval? Terá cantado o *Na minha casa não se racha lenha?*» (1)

Grave erro será suppor que os rapazes brasileiros, na sua maioria, desejem casar-se com

---

(1) Entre as canções mais em voga durante o ultimo Carnaval (1920), uma havia cuja letra era a seguinte

CAVALHEIROS

Na minha casa não se racha lenha!

DAMAS

Na minha racha! Na minha racha!

CAVALHEIROS

Na minha casa não ha falta d'agua!

DAMAS

Na minha abunda! Na minha abunda!

DAMAS

Na minha casa não se pica fumo!

CAVALHEIROS

Na minha pica! Na minha pica!

E assim por deante...

Estas torpezas, em que a ausencia de espirito se consubstancia com a mais repugnante falta de grammatica, eram cantadas á porfia por moços e môças que se presumem de bôas familias. A policia interveio a tempo de impedir que se generalisassem esses miasmas moraes.

meninas carnavalescas e levianas. A essas apreciam-nas os rapazes como companheiras de troça; quando, porém,se trata de casamento, buscam outras...

Tenhamos a coragem precisa para reconhecer o seguinte: o systema de educação adoptado para as meninas cariocas, assim como para as de outras cidades grandes do nosso paiz, é pessimo. Essa educação consiste num pouco de musica (piano e canto), algumas lambugens de lingua patria e de francez, dansa, futebol e arte de caçar maridos. A môça estrangeira, sem saber musica e entendendo mediocremente de futebol, sabendo theoricamente muito menos do que a brasileira de beiramar, que é a mais civilisada das brasileiras; a môça estrangeira, como nasceu e foi educada no trabalho em outros centros de cultura e civilisação, sabe trabalhar, sabe defender-se na lucta pela vida e sabe ser esposa séria, grave, solidamente compenetrada assim dos seus deveres como dos seus direitos. D'ahi, a preferencia que vão tendo as estrangeiras (francezas e italianas poucas, inglezas, um pouco mais, argentinas já algumas, e principalmente as allemans) perante jovens brasileiros. A muitos conheço eu casados com estrangeiras e dão-se á maravilha com ellas e ellas com elles. De varios sei eu,

rapazes de bôas familias e de bôas prendas, bem educados, bem apessoados, alguns até com dinheiro de seu, que aguardam opportunidade para ir á Europa, onde pensam em casar-se, de preferencia com allemans, que as ha lindissimas, e são geralmente mulheres muito calmas, muito bôas donas de casa e habituadas a ver o mundo atravez das pupillas de seus maridos. As nossas patricias, pois, estão, no terreno sentimental e domestico, ameaçadas de perigosa concorrencia...

O que aqui digo é o que observo e o que ouço a amigos e conhecidos dignos de marca. Não se trata da mulher do interior, a môça brasileira authentica, muito santa, bôa engommadeira, mãe maravilhosa, esposa adoravel como enfermeira, mas enfermeira muito insipida para esposa... A mulher de que aqui se trata é a brasileira civilisada. Ora, esta, na concorrencia, tem de ser derrotada pela estrangeira; porque a estrangeira medianamente educada é necessariamente mais intelligente, mais fina e mais civilisada do que a brasileira finamente educada, que traz para o lar, juntamente com a sua educação, uma serie infindavel de preconceitos ancestraes contra os trabalhos caseiros e contra a submissão que todas devem a seus maridos em virtude do direito natural do mais forte so-

bre a mais fraca. Ha excepções, mas ninguem póde argumentar com excepções, porque estas só servem para confirmar a regra geral. Ahi está porque muitos rapazes de fina educação se temem de casar-se com as patricias, porque não sabem o que está do outro lado do véo... E as môças, que, com a sua desenvoltura e o seu desbragamento carnavalesco, suppõem arranjar bons partidos, vôam lindamente, alegremente, para a sua propria ruina, visto que os rapazes serios, graves, que desejam formar o seu lar honestamente, sem receio de serem victimas do ridiculo e apontados na rua, a dedo, como capricorneos, esses não se casam com meninas assanhadas; mas, como não é facil distinguir entre levianas e virtuosas, vão elles,por seguro, preferindo estrangeiras; até porque, no caso de engano, muito menos doloroso será para qualquer homem ser trahido por estrangeiras do que por patricias. Isto para os simples mortaes, que não fazem parte da carreira diplomatica.

Que diremos então dos diplomatas, que passam annos longe das patricias? Diremos que não se lhes póde cercear o direito de escolher esposas entre as mulheres honestas dos paizes em que servirem. Demais, o casamento entre brasileiros e estrangeiras só nos póde trazer vantagens, uma das quaes e não das

menos apreciaveis, é a de melhorar a nossa triste raça...

Claro está que, quando eu digo *mulheres estrangeiras*, entendo alludir a raças fortes e bellas, como a germanica, a anglo-saxonica, a slava e a italica. Em materia de mulheres, como em materia de industrias texteis, não podemos ainda ser proteccionistas, porque, em ambos estes pontos, o estrangeiro, por emquanto, produz e ainda durante muito tempo produzirá mais, melhor e mais barato do que nós. Em questões de mulheres, só podemos e devemos ser livres-cambistas...

Vinte e um de abril

Não ha necessidade de dizer quem haja sido o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*. Toda a gente sabe que esse glorioso compatriota foi um sonhador que a tyrannia portugueza mandou enforcar e esquartejar por ter querido libertar a sua patria de um jugo infame e infamante. Mas o que nem toda a gente sabe (porque poucos são ainda os que se dão aos estudos da nossa Historia) é que essa conspiração do Tiradentes, tão exemplarmente castigada pelo colonisador tyrannico e bronco, era um simples episodio do permanente espirito de revolta que a tyrannia portugueza mantinha em Minas, como em todo o Brasil, mas principalmente em Minas.

Já tinha havido a guerra mineira entre paulistas e *emboabas* (como eram conhecidos os portuguezes), a qual durou de 1710 a 1715.

Já tinha havido a sublevação de Philippe dos Santos em Villa Rica, no anno de 1720, sendo Philippe dos Santos, consoante os estylos, enforcado e esquartejado por ordem do ferocissimo conde de Assumar, governador da Capitania. Outras sublevações se tinham dado em outros pontos.

A côrte de Lisboa nunca pensou num só beneficio a conceder aos povos das Minas. Para as Minas eram mandados como governadores (salvo rarissimas excepções, como o esclarecido dom Rodrigo de Menezes) fidalgos arrebentados, devassos, concussionarios, ladrões averiguados, verdadeiros degenerados e desclassificados que Lisbôa afastava de si para o Brasil como si atira o lixo no monturo. Quem quizer ter idéa do que foi a colonisação portugueza, principalmente em Minas, leia a Historia Antiga das Minas, de Diogo de Vasconcellos, as Memorias do Districto Diamantino, de J. Felicio dos Santos, as Ephemerides Mineiras, de José Pedro Xavier da Veiga. São livros feitos exclusivamente de documentos.

Querem conhecer algumas amostras, colhidas nas Ephemerides? Pois ahi vão...

A 12 de outubro de 1758, ordens régias prohibiam a abertura de estradas na capitania

de Minas, para evitar o extravio do ouro e dos diamantes. A carta régia de 25 de março de 1725 e a ordem de 29 de abril de 1727 já tinham mandado suspender a abertura de caminhos de Minas para Matto Grosso. As ordens de 30 de abril de 1727 e 15 de setembro de 1730 tinham já prohibido a abertura de uma nova estrada de S. Paulo para Minas.

O alvará real de 27 de outubro de 1733 prohibiu abrir novas picadas para as minas descobertas ou por descobrir.

A ordem régia de 9 de abril de 1745 prohibiu uma estrada de Ayuruoca para o rio Parahyba.

Que systema intelligente de colonisação! Realmente João de Barros tem razão para vir aqui convencer-nos da energia civilisadora da sua raça...

Impossibilitados de viver da extracção do ouro, porque este pertencia quasi todo ao rei de Portugual, deliberaram os mineiros recorrer á agricultura, á industria e ao commercio para poderem viver.

Entre outras coisas que fizeram, começaram a plantar canna de assucar e a levantar engenhos para beneficial-a. Pois a 18 de novembro de 1715 uma carta régia ordenava ao governador da capitania, dom Braz Balthazar

da Silveira, que prohibisse o levantamento de mais engenhos de assucar em Minas «porque occupavam grande numero de negros, que deviam estar occupados na extracção do ouro!»

Hurrah! pela intelligente raça colonisadora!...

Os brasileiros sempre foram amigos da leitura. Entretanto era prohibida a entrada de livros no Brasil! Livros aqui só entravam de contrabando e... ai de quem fosse encontrado a ler livro que não fosse o das HORAS MARIANAS! Não contente a côrte de Lisbôa com isso, uma carta régia de 6 de julho de 1747 ainda prohibiu, sob penas severissimas (açoites, confisco, degredo para a India, etc.) que se estabelecesse imprensa no Brasil, sendo, em virtude da mesma carta régia, destruida a unica tentativa de officina typographica existente no Rio de Janeiro!

Carta régia de 30 de julho de 1766 mandou destruir todas as officinas de ourives existentes em Minas, prohibindo que taes operarios se installassem na capitania e ordenando que todos os officiaes e aprendizes desse officio assentassem praça nos regimentos colononiaes.

Por aviso da mesma data ao governador da capitania, mandava o Conselho Ultrama-

rino dar a Onofre da Fonseca Neves o emprego de tocador de folles da Casa de Fundição de Villa-Rica. Até um simples tocador de folles tinha de ser nomeado em Lisbôa! A tyrannia, quando se afasta do tragico, tem desses aspectos grotescos...

Em 1756 (1 de agosto), começou em Minas a arrecadação do chamado *subsidio litterario*, destinado a reconstruir Lisbôa, devastada pelo terremoto do anno precedente. Ficou expressamente declarado que essa arrecadação seria apenas por dez annos. Pois até pouco antes da nossa Independencia, apezar dessas declarações, até o principio do seculo XIX, ainda se arrecadava em Minas o subsidio litterario para reconstruir Lisbôa! Um quadro parcial, de que tratam as EPHEMERIDES, demonstra que só no periodo de 1758 a 1779 foi arrecadada e remettida para Lisbôa a importancia ouro de 1.030:705$366.

Ahi estão alguns dos motivos historicos que todos temos (principalmente nós os mineiros), para sermos amicissimos dos nossos irmãos, os portuguezes. A elles devemos tudo: a industria, a agricultura, a instrucção, o commercio, a imprensa, tudo, tudo. João de Barros e o curiboca dissorado João do Rio são dessa opinião...

Incidente litterario

(*Aos srs. Roberto Gomes e Goulart de Andrade*)

Amigos! — Vocês são ambos immensos! Conseguiram arranjar, em plena guerra, um incidente litterario!

Desculpem-me intrometter-me nessa pendencia d'honra. Não posso sentir barulho na Republica das Letras, sem entrar tambem nelle. Nisto sou um pouco como aquelle João Fogaça, o capitão do matto das MINAS DE PRATA, o qual, ouvindo retinir de espadas num recanto, certa noite de ciumada, parou, escutou um pouco e grunhiu: «Ahn! Briga-se por aqui?...» E brigou tambem, apenas para distrahir-se... E' o meu caso: entediado de patriotismo, resolvi conversar com Vocês a respeito do incidente litterario. Si Roberto plagiou, no DECLINAR DO DIA, o ASSUMPÇÃO de Goulart, isto não interessa nem ao paiz nem ao Paraguay. O que interessa aos psy-

chologos é a candura de ambos: Roberto, defendendo-se de ter plagiado Goulart; Goulart, achando que Roberto, si não o plagiou, teve com elle «um encontro na situação dramatica» das peças d'ambos; «feliz, aliás, continúa Goulart, com ver que o meu notavel confrade houvera dado a mesma solução ao conflicto psychologico de que trataramos.» Apenas, nenhum de Vocês ignora que esse conflicto psychologico, que ambos resolveram, já tinha sido resolvido ha muito tempo, quer na theoria, quer na pratica...

Vocês precisam de deixar de tomar a litteratura a serio. Façam como Bilac, que adheriu ás phalanges patrioticas, e assim vae vivendo optimamente, louvado Deus, apezar de ter, segundo opinião corrente, plagiado Stecchetti. Façam como o commendador Paulo Barreto, que tem sido accusado de plagiar a vida inteira Jean Lorrain, e nunca se defendeu—o que não o impede de ganhar a sua vida maravilhosamente bem, e até de ser amigo intimo do Sultão da Turquia. Façam como o conselheiro Ruy Barbosa, presidente da Academia, accusado de plagiar o diccionario de Larousse, sem nunca procurar defender-se. Tantos outros, tantos... Só não ponho aqui Shakespeare, Gœthe, Racine e

Molière, porque, sendo eu profundo respeitador dos genios, não me atrevo a mistural-os com a litteratura nacional; e não ponho aqui escriptores portuguezes, porque, sendo eu profundo respeitador da litteratura nacional, não ouso confundil-a com a lusitana.

Isso de dizer que os outros nos plagiam é ridiculo. E' balda de Hermes Fontes. Este microscopico cravo das ferraduras do Pégaso está convencido de que você, ó Goulart, e todos os demais poetas nacionaes não fazem mais nada sinão plagial-o. Imagine, ó Goulart, a sua *Ballada de Pierrot*... imitada do soneto do *Bromil!*

E agora, filhos, adeus! Sejam felizes e tenham juizo. Deus os abençôe. Façam as pazes, porque não é serio estarem os amigos empenhados nesse conflicto singular em que um se defende de ter plagiado, num drama que ninguem viu, um romance que ninguem leu...

O descobrimento do Brasil

Hontem, no pardieiro intitulado Theatro Republica, perante numerosa assistencia composta exclusivamente de patricios seus, o festejadissimo poeta portuguez, sr. João de Barros, descobriu mais uma vez o Brasil.

Dos portuguezes que por cá tem vindo, desde o infausto anno de 1500 até hoje, o unico que verdadeiramente não descobriu o Brasil foi Pedro Alvares Cabral.

Por duas especies de motivos digo eu que Cabral não descobriu o Brasil: por motivos historicos e pela significação moderna da locução *descobrir o Brasil.*

Quanto aos motivos historicos, é sabido que Cabral foi no seu tempo um dos ultimos a conhecer o Brasil. Antes delle cá haviam estado Diogo de Leppe, Solis, Yanez Pinzon e outros que infelizmente não tiveram a iniciativa de tomar posse da nova terra para a co-

rôa da França ou para a corôa da Hespanha. Nessa não caiu Cabral, que, capitaneando um punhado de corsarios, que iam entregar-se á lucrativa industria da pirataria nas costas indianas, tanto que avistou terra, mais que depressa desceu e aqúi plantou o marco portuguez. E' este o seu unico merito; pelo que, si os portuguezes devem venerar a memoria de Cabral, que lhes deu no passado uma rica possessão, de cujos recursos ainda hoje exclusivamente vivem, os brasileiros não têm nenhuma razão para tanto. Nós brasileiros só devemos venerar a memoria dos nossos heróes: Calabar, trucidado pelos portuguezes em 1635; Philippe dos Santos, esquartejado em Villa Rica, por ordem dos portuguezes, no anno de 1720; Tiradentes, enforcado e esquartejado no Rio de Janeiro, no anno de 1792, em virtude da sentença da alçada portugueza: Frei Caneca, o padre Miguelinho, o padre Roma e outros patriotas fusilados pelos portuguezes em Pernambuco e na Bahia, no anno de 1817; Claudio Manoel da Costa, assassinado na prisão (Inconfidencia Mineira) entre 1789 e 1790; os que morreram nas masmorras do Limoeiro e da Junqueira, assim como nos degredos da Africa, expiando o crime de terem amado a sua patria. A memoria destes é que deve-

mos venerar, e mais a dos vencedores da Independencia e da Regencia: Gonçalves Ledo, Antonio Carlos, Martim Francisco, José Bonifacio, Evaristo da Veiga e, acima de todos, o grande padre Diogo Feijó, o Regente de Ferro, verdadeiro plasmador da unidade nacional, cuja memoria deve ser agitada como uma bandeira de guerra. Veneremos no mesmo plano em que estiver Diogo Feijó o marechal Floriano Peixoto, cuja espada e cuja serena energia souberam manter a unidade nacional nos agitados primeiros tempos da Republica...

Voltemos, porém, ao nosso intento. Historicamente, Cabral não descobriu terra nenhuma por aqui; apenas apoderou-se de um territorio incluido entre os descobrimentos de Colombo (por ter sido este o descobridor de todo o continente americano) e positivamente, directamente já descoberto por outros, como Solis, Pinzon, Leppe, etc.

Em virtude da significação moderna da locução *descobrir o Brasil*, tambem é evidente que Cabral não nos descobriu.

Cabral, com effeito, depois de tomar posse do Brasil e de ter ido á India, (onde praticou a bravura de destruir com artilharia grossa algumas chalanas malabares, feitas de

vime e de madeira fragillima) voltou a Portugal, onde, depois de receber alguns premios, viveu e morreu tão obscuramente, que, só devido a esforços de um brasileiro (o dr. Alberto de Carvalho), se descobriu o seu tumulo no seculo XX. De sorte que o Brasil pouco aproveitou ao navegador. Não é isso, pois, que se chama descobrir o Brasil, como se vae ver.

Descobrir o Brasil é fazer como Malheiro Dias, que, depois de insultar-nos no seu livro A MULATA e de ter fugido para Portugal, para cá voltou annos depois, estabeleceu-se com fabrica de unguentos e pomadas, de sociedade com uma polaca sua amiga, e toca a levar vida regalada!

Os irmãos Monjardino, medicos, aqui vieram *em visita*, diziam elles. Foram recebidos na Sociedade de Medicina; tiveram banquetes, discursos e retratos nos jornaes. Apanhado esse vasto e excellente reclamo feito a custa da ingenuidade dos seus collegas brasileiros, que pensavam estar rendendo homenagens a simples visitantes illustres, um dos Monjardinos voltou para Lisbôa, mas o outro, mais pratico e esperto, gostou tanto deste paiz, que resolveu cá montar consultorio e fez muito bem, pois como já dizia o seu patricio

Pero Vaz Caminha, «a terra he em tal maneyra graciosa que em se querendo nella se dará tudo», inclusive a arvore das patacas...

Descobrir o Brasil é finalmente fazer como o dr. João de Barros, que nos conta, a respeito da nossa terra, coisas de que nunca ouvimos fallar. Ainda hontem nos dizia elle, com o seu sibilante sotaque alfacinha, que no Rio de Janeiro «a intelligencia, o talento e o genio tomam as mais fascinantes fórmas». Ora ahi está uma grande novidade para nós, porque a intelligencia aqui é relativa, como em toda a parte; o talento é rarissimo; quanto ao genio, ainda está por apparecer, a não ser que o sr. Barros nos tenha trazido ahi um pouco da mercadoria nalgum barrilote d'ovos moll's d'Aveiro.

Não contente com isso, disse ainda o consagrado litterato, que no Rio de Janeiro «o mar tem o riso fresco das boccas novas das mulheres e a eterna alegria do riso alacre dos deuses pagãos». Isto agora é asneira e grossa. Póde ser que em Lisbôa esse palavreado sonoro ainda seja muito bôa litteratura, mas aqui no Rio, não. Mar que parece bocca de mulher e riso dos deuses ao mesmo tempo, isto é mar androgyno, macho e femea simultaneamente, mar Ganymedes, cujos recondi-

tos mysterios só o dr. João do Rio nos poderá explicar...

Finalmente mestre João de Barros encerrou a festança com dois berros á portugueza: *Pelo Brasil! Por Portugal!* A mim quer-me parecer que esses senhores adeptos da recolonisação do Brasil pelos portuguezes (pelourinho, fôrca, fusilamentos, esquartejamentos, prohibição de abrir estradas, escolas, bibliothecas, etc.) esses senhores estão exaggerando as coisas com essa gritaria *Por Portugal!* Nós não devemos gritar *Por Portugal*, porque amanhã póde um italiano exigir que gritemos *Pela Italia!* Um allemão póde querer que gritemos *Pela Allemanha!* E qualquer prostituta franceza do becco dos Carmelitas, com eguaes direitos á nossa approximação, poderá pedir-nos um *Pour la Frrrance!* e não haverá quem lh'o negue...

Quanto a nós, os que conhecemos a historia dos martyres da nossa liberdade; que temos sempre presente a memoria dos açoutados, dos roubados, dos degredados, dos empobrecidos, dos fusilados, dos enforcados e dos esquartejados por ordem dos portuguezes, nós é que nunca havemos de gritar *Por Portugal!* — nem que nos rachem ao meio!

Guilherme II e a psychologia do heroismo

Quem olha de relance para a tragedia européa tem a impressão hallucinante de assistir á resurreição de todo o paladinismo medieval. A figura de Guilherme II culmina no scenario gigantesco. O phenomeno não é inexplicavel. No meio de tantos reis que se combatem e de tantos heróes puros que tombam sob as cupolas dos fortes, ou nas anfractuosidades dos desfiladeiros, esmagados pelas cargas de cavallaria, ou pulverisados pela granada, cada um de nós só parece divisar, como uma visão tremenda, o capacete reluzente do Kaiser. E' que a Allemanha se interpoz entre o sol e o planeta; e todas as aspirações, todas as virtudes, todos os defeitos, todas as falhas e todas as grandezas da raça germanica repontam nessa figura extraordinaria, que, no caso, representa uma synclinal.

Dizem que os allemães o adoram. O facto é comprehensivel. Elle não é apenas um imperador, mas antes de tudo *um homem completo para o seu meio e para a sua raça.* Consubstanciam-se nelle todas as estratificações ethnicas que formam o patrimonio de fôrças inalienaveis do seu povo. Esse idealismo quasi morbido, que tem o seu maior expoente no transcendentalismo de Kant; esse espirito de universalidade, de amplidão mental, de vasta capacidade psychologica, tendendo para a integração da alma germanica na alma humana, que se corporifica no FAUSTO, de Goethe; a hallucinação grandiosa, empolgante, dos heróes wagnerianos, no que elles possuem de mais assustador para as aggremiações ethnicas organicamente fracas e incompletas como nós; esse mysticismo messianico a Klopstock; essa ausencia absoluta de escrupulos quando está em jogo o que para os allemães é a *grandeza da patria*; — tudo isso, que fórma as linhas geraes da sensibilidade germanica, sáe da esphera das abstracções e recebe um corpo, uma figura e uma realidade na pessôa de Guilherme II. E' um espelho onde se mira cada allemão. E' um espelho e uma synthese, synthese grandiosa, mas excessivamente dramatica e infinitamente perigosa para o mundo. Porque

o mundo é tambem uma synthese onde concorrem muitas qualidades que não se ajustam e, pelo contrario, se contrapõem á synthese germanica. Não podem, pois, coexistir no mesmo ambiente duas syntheses que se contradizem. Uma tem de desapparecer, e de certo não será a synthese universal que ha de ceder o terreno á synthese individual...

Mas será um Heróe? No tempo de Carlos, o Temerario, ou de Ricardo, Coração de Leão, Guilherme II teria sido a personificação mais vivaz do paladinismo. Hoje, em vez de encontrar na Borgonha a espada victoriosa do Temerario, elle encontra tropas republicanas, que fazem a guerra corajosamente mas protestam contra ella em nome da Paz. E na Inglaterra, em vez de um Coração de Leão, encontra Jorge V, filho de Eduardo, o Pacifico, que faz a guerra, mas protesta tambem em nome da Paz. O proprio Tzar, o autocrata, o chefe dos cossacos e das hostes ruthenas, tambem protesta contra a guerra em nome da Paz! Da França, finalmente, onde governa um que não foi armado cavalleiro, partem protestos em nome da Paz. Presidente da França, Rei da Inglaterra, Imperador da Russia, Rei da Belgica, todos á uma atiram contra Guilherme a responsabilidade da guerra. E

Guilherme, que não tem medo de exercitos, amedronta-se deante de uma abstracção — a Paz, e deante de uma creação da imaginativa humana — o juizo da Historia. E' um heróe, mas heróe incompleto no sentido militaresco. Sob a accusação de ter provocado a guerra (e por emquanto é difficil fazer com equanimidade uma exacta distribuição de responsabilidades) Guilherme dá-se pressa tambem em mandar pedir a bacia de Poncio Pilatus e lavar as suas imperiaes mãos... Isto quer dizer que nenhum desses paladinos tem já a guerra em grande estimação. Todos elles, que são de nascença generaes e almirantes, desestimam as batalhas. São todos pacifistas incubados, o que quer dizer que o heroismo militar está morto. Ha dias notava isto o sr. Teixeira Mendes num artigo-pastoral. Que differença entre Jorge V e o rei Arthur! Alguns seculos atraz, o actual rei da Inglaterra seria tido como menos digno de fazer parte da nobre companhia dos Cavalleiros da Tavola Redonda. Não é um paladino: é um legista. Guinevra não se dignaria de ser a estrella dos seus combates...

E Guilherme? Que distancia immensa entre os seus avoengos scandinavios e este heróe cujo cerebro, de permeio com imagens

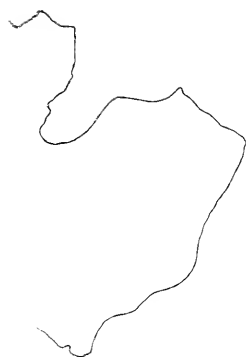
de batalhas e sangueiras, tem dentro de si o cortejo das abstracções aprendidas na convivencia dos sabios! Badur, rei de Upsal, dizia: «Nada espero dos idolos. Corri á minha parte paizes varios; encontrei espiritos e gigantes que nada puderam contra mim; é, pois, nas minhas fôrças que confio unicamente!» Lodbrog, prisioneiro do saxonio OElla, lançado numa caverna cheia de viboras, entôa altivamente o seu *canto de morte*, que os Eddas nos conservaram! Morrendo, elle exclama na sua alegria barbara: «Eis as Dysas que Odino enviou para me conduzirem ao seu reino. Alegre me vou com os Ases beber o hydromel nos cimos supremos. Passaram as horas da minha vida e eu sorrio á morte!»

Invitant me deæ
Quas ex Othini aula
Othinus misit mihi.
Lætus cervisiam cum Asis
In summa sede bibam.
Vitæ elapsæ sunt horæ,
Ridens moriar...

Siegfried, de todos os heróes de Wagner o que mais amava Nietzsche, é o heróe completo, o admiravel desprendido, que nunca sentiu as suggestões do medo. Guilherme,

que affronta legiões e desafia povos, estremece ao lembrar-se... de que? De um calamo, de um estylete com que um homem tranquillo, no silencio da sua mansarda, terá de commentar um dia os altos feitos de Guilherme. Vê-se a larga distancia que separa dos seus avós este neto de deuses. E' possivel que Wottan não o reconhecesse e que Siglinda não o distinguisse. Brunhilda talvez não quizesse ser despertada por elle...

Os pensadores devem estar consolados no seu ponto de vista, apezar dos horrores desta guerra. Todos os que a fizeram declararam-na uma calamidade. Detestam-na. Mas fazem-na, dirão! Sim, mas amanhã, quando o espirito dos chefes dos povos estiver bem saturado das novas philosophias e ardentemente convencido dessa transformação de valores pela qual a Paz será o titulo mais glorioso das nações, quem sabe si as guerras não cessarão? O ultimo heróe militar germano foi o velho Moltke, que dizia ser a guerra «uma santa instituição»! Guilherme II, quarenta annos depois, acha-a tão detestavel, que afasta de si, e com razão, a responsabilidade della perante a Historia. Daqui a mais quarenta annos, si houver ainda reis, talvez sejam muito

maiores os esforços que envidarão para evitar as guerras. Porque a maior gloria do futuro será poder augmentar a riqueza, o conforto e a grandeza das patrias pelos instrumentos da Paz e do Trabalho.

A crapula

Terminado no jornal o meu trabalho de orientador da opinião a tanto por dia, fui domingo passado a um club. Não se esqueçam de que o domingo passado foi de Carnaval. Eram quasi duas horas da manhã e chovia a cantaros, uma chuva barbara, dessas que devem castigar as cidades malditas, inundando-as a trombas diluvianas e transformando-as em lagos de orgulho e lama...

Subi. No salão, banhado de uma luz crúa de meio dia tropical, e que habitual e simultaneamente serve de salão de baile, de restaurante e de espelunca de jogo, premiam-se pares afrancezadamente cynicos, que dansavam tangos argentinamente acanalhados e maxixes nacionalmente debochados. *Pierrots* de cara branca, deixando adivinhar, por debaixo do creme de que tinham rebocada a epiderme, o cansaço moral de uma gente pollu-

cionalmente exgottada antes de attingir a puberdade, dansavam com *pierrettes* cansadas como ladras que correram um kilometro perseguidas pela policia, ou com abandalhadas *colombinas* que traziam estampada na flacidez do sorriso mercenario a fadiga das insomnias estereis e das orgias remuneradas...

Cinco ou seis ratões vestidos de vermelho, espremidos entre um piano e a turba, executando maxixes puramente intencionaes ou tangos hypotheticos, de facto imitavam nas cordas dos seus violinos vozes de animaes de especie varia. Os violinos, que nas mãos de Kubelick ou de Vecsey, são fontes de emoções ethereas e irmanam as almas nas regiões niveas do Ideal, nos gadanhos de *zingaros* de clubs perdem as suas virtudes estheticas e adquirem singulares propriedades de guelas felinas. Nessa noite, por exemplo, si os zingaros estivessem occultos por detraz de uma simples cortina, eu jurára que a malta dos foliões dansava ao som de miados de gatas no cio e de rugidos de hyenas esfaimadas e enraivecidas.

Pelo ar empestado corriam ruidos de ensandecer e odores fulminantes, desde aquelle cheiro que Fialho d'Almeida chamava *femeína* que é «o alcaloide sexual da femea avulsa»,

até as exhalações varias e intoxicantes com que a industria permitte á humanidade embotar a pituitaria, comtanto que se disfarce o fartum prenunciador dos feditos inadiaveis da decomposição...

Todas as mesas estavam occupadas. Fingindo-se *noceurs*, exteriormente despreoccupados de tudo, mas intimamente combinando o preço da pandega com a capacidade de resistencia das carteiras, alguns fidalgos de sangue suspeito e arrebentados pagavam cerveja para Manons sedentas e sanduíches para Phrynéas famintas da Lapa, Gloria e Russell. Em tres mesas apenas bebia se *champagne*. Essas tres mesas eram occupadas por illustres cavalheiros que devem orçar pelos sessenta e cuja unica celebridade, perante os vertebrados em geral e a especie humana em particular, consiste nas passadas façanhas amorosas das esposas, hoje aposentadas em avós que distribuem pelos netinhos as lambugens de caricias que os amantes de outr'ora lhes deixaram nos corações desilludidos, mas não saciados...

Passei pelo meio da farandulagem maxixante como uma penna da ave Melancolia levada ao léo por um tufão. Acotovelado e acotovelando, abalroado pela esquerda e abalroando pela direita, aos boléos e trambulhões,

dando umbigadas em rebolantes nalgas, e canelladas acutilantes em cadeiras desgarradas, sempre consegui chegar ao fundo da sala, a parte propriamente destinada a servir de espelunca de ladrões. O jogo estava esmorecido. Os *pharóes* não conseguiam seduzir papalvos. Entre a sota e a mulher o imbecil verdadeiro, o imbecil integral, deixa-se apanhar sempre pela ultima. Ora, naquella noite as mulheres esvoaçavam como cardumes de vespas em tardes estivaes, atrevidas e picantes. Além do mais a attracção do maxixe é, entre nós, superior á attracção do *baccarat*. O jogo é vicio de decadencia. Comprehende-se o dominio da batota na Europa, onde a civilisação já começa a descer a outra vertente da montanha, onde boceja uma raça saturada de crapula, devastada por guerras, exhausta por orgias seculares, fatigada de aventuras, raça que já inventou tudo, viu tudo, fez tudo quanto se póde fazer de bem ou de mal, sentiu tudo quanto se póde sentir de delicioso ou de desagradavel, raça velha e gasta, que está a delir-se como as carnes de um cadaver numa caldeira ardente, de onde sairão apenas os ossos a servirem de objecto de estudo para a mocidade nos amphitheatros de anatomia.

Nas terras ainda barbaras como a nossa o jogo é grande seducção quando não existem seducções maiores. No dia em que reina o maxixe debilitam-se os creditos da jogatina.

Ainda não somos dissipados, por nos minguar a moeda, e ainda não somos devassos, porque nos sobeja juventude. A devassidão é mais da velhice do que da mocidade. A mocidade é precipitada e gozadora. Não precisa de ser devassa, porque traz ainda no sangue a fôrça e o impeto das profundas sensualidades. Agradam-lhe todos os estrepitosos e audazes prazeres da vida déstra: o desporto, o baile, as corridas, o maxixe e todas as choréas desbragadas. Diversão que não fatiga não alegra a mocidade. Explica-se dest'arte a seducção physiologica do maxixe sobre o brasileiro, povo moço. As distensões musculares dos membros inferiores; os movimentos quasi arythmicos; os passos accelerados pela cadencia lesta da canalhesca musica afro-americana; o desregramento das attitudes fecundas em imprevistos; a possibilidade de ostentar aos olhos de tanta gente uma mulher em posições pouco plasticas e muito equivocas — tudo isso nos encanta ao mesmo tempo que nos satisfaz o appetite de ruido e ostentação.

A nossa ausencia de bom gosto enquadra-se admiravelmente dentro da canalhice barbara do maxixe.

Si não existisse nem um só documento historico da época, bastava um minuete para reconstituir toda a physionomia social do seculo XVIII. Si se perdessem todos os monumentos historicos do Brasil actual (e o prejuizo não seria grande), bastaria a cópia de um maxixe e a photographia de um carro carnavalesco para que se reconstituisse a nossa physionomia réles, tal como por uma synclinal se reconstitue todo um periodo geologico.

O maxixe dá bem a idéa das nossas baixas tendencias musicaes e choreographicas. Um carro carnavalesco é a medida precisa da nossa ausencia de imaginação e da monstruosidade carthagineza do nosso mau gosto. Si contarem lá fóra que no Rio de Janeiro uma população inteira vem para a rua applaudir phreneticamente carros que só valem pelo tamanho desproporcionado, hediondos como cavernas paleontologicas, representando sempre os mesmos dragões mambembes, as mesmas conchas de ha cincoenta annos, as mesmas moedas de ouro... de papelão dourado, e ostentando annualmente, com rigor mathematico, as mesmas toneladas de mulheres gordas

como polacas de exportação, feitas de proposito para excitar a cubiça commercial dos açougueiros e o appetite profissional dos magarefes, difficilmente acreditarão que tal cidade tenha a pretensão de passar por civilisada e queira ser tomada a sério pelo estrangeiro civilisado, orgulhoso e suspicaz.

. . . .

Mas, depois de vinte minutos de club, a cabeça nos anda á roda, como si tivessemos turbinas no craneo. Affrontei,pois, novamente a onda revolta dos bailarinos, atravessei-a em lucta corpo a corpo, trazendo, nos tympanos, echos desencontrados, e nas retinas, fulgores intermittentes e relampagos violaceos. Ganhei a rua alagada pela chuva, e, meditando coisas truculentas contra a Humanidade e invectivando mentalmente Augusto Comte, seu Propheta, comecei de chapinhar novamente a lama carnavalesca da Avenida. . .

Um caso de policia

Chama-se a attenção da Policia para os factos que se passa a relatar:

Ha poucos dias, no Cáes do Porto, um pobre homem comprou um jornal; assentou-se a um pedral e começou a ler; de repente poz-se a tremer e a espumar, emquanto os olhos pareciam querer fugir-lhe das orbitas. Estando elle nesse estado, acertou de passar por ali um rapaz que lhe perguntou o que elle tinha; o homem fitou o seu interlocutor, agarrou-o pelo pescoço e provavelmente o enforcaria si prompta intervenção da patrulha policial não atalhasse opportunamente tão grande desatino.

Durante todo o tempo em que travou luta corporal, berrava o pobre homem para a sua victima:

— Você é o Austregesilo! Você é o doutor que escreve nos jornaes! Eu te mato, ban-

dido! Pelo sangue dos meus filhos, eu te enforco! Eu quero matar o dr. Austregesilo!

A muito custo foi subjugado e conduzido até á delegacia proxima, de onde não se sabe que destino lhe terão dado; mas é provavel que esteja a estas horas no Hospicio, tal a violencia do seu accesso de loucura.

Ahi tem o dr. Chefe de Policia o que póde produzir a liberdade com que certos individuos abusam do direito de ser nocivos.

O dr. Antonio Austregesilo é um desses criminosos, dignos não só das masmorras como de um violento requisitorio do senador Ruy Barbosa. O caso aqui citado de loucura sanguinaria não é o unico até agora provocado pelos artigos do eminente professor. De outros sei eu que têm ficado escondidos por amor das victimas, que pertencem a familias de destaque. Ainda ha poucos dias, duas senhoritas residentes em Copacabana foram, logo depois do jantar, acommettidas de colicas tão terriveis, que toda a gente aventou logo a hypothese de um envenenamento. Queriam até responsabilisar o cosinheiro da casa e o vendeiro portuguez em que se fornece a familia. Afinal, chamada a Assistencia, verificou o medico da ambulancia não se tratar de nenhum envenenamento. Examinados os ge-

neros alimenticios que havia na dispensa, ficou provado serem de bôa qualidade; e o seu preparo nada deixava a desejar. Aliás, si a intoxicação proviesse da ingestão de alimentos deteriorados, naturalmente toda a familia teria manifestado os mesmos symptomas de doença que as senhoritas.

— E' exquisito, pensava o medico. Os alimentos estão perfeitos. Estas meninas costumam ter destas colicas?

— Não, doutor, é a primeira vez, respondeu a mãe das pequenas.

— E... insistiu o medico, concertando os oculos severos e fusilantes de sciencia: e...

Aqui elle fez á mãe uma pergunta em voz baixa, á qual respondeu a digna senhora, enrubecendo levemente:

— Ah! não, senhor! São até muito regulares... São muito sadias estas meninas. Este mez já tiveram...

— E' extraordinario. Não posso atinar... Caso grave... Não me parece nada mau chamar um gynecologista...

Pensando e repensando, cairam os olhares do medico sobre um diario que estava estendido em cima da mesa grande da sala de

jantar. Lá estava um artigo intitulado — *O Silencio* — e subscripto pelo dr. Austregesilo.

— Ah! exclamou o doutor. Aqui está a causa. Já podemos fazer a etiologia do mal. Façamos o diagnostico e, si fôr o que eu penso, o prognostico póde ser severo. Estas pequenas sabem ler?

— Oh! doutor! De certo que sabem!

— Leram este artigo?

Interrogadas, responderam as pequenas que o não tinham lido todo, mas em parte.

— Pouco importa, disse o illustre facultativo. Com muito menos do que isto morreu Madame Bovary. Vou receitar-lhes um purgante fresco e uma fomentação para a região umbilical.

E com effeito, tomado o purgante e escoado o effeito do mesmo, começaram as gentis enfermas a melhorar; e ficaram inteiramente bôas depois da fomentação nos gentilissimos umbigos.

Ahi tem o dr. Chefe de Policia o perigo social que representa um artigo de Austregesilo.

No tal artigo, que provocou as colicas nas senhoritas, ha trechos assim:

O silencio é uma voz em perspectiva, como qualquer idéa constitue um acto nascente.

Em torno delle gyra um mundo infinito de pequenos sons, como as diminutas linhas rectas que formam a circumferencia.

Como é que poderá haver uma voz em perspectiva? E um mundo de pequenos sons a gyrar em torno do silencio? E a circumferencia formada por pequenas linhas rectas?

Vejam o que elle diz da morte:

Dizem que a morte é o symbolo exacto do silencio. Mas morte é o microbio e o verme, a desagregação molecular.

A alma, affirmam, vôa; vôa por longe; mas alguem, no mundo, lhe percebe o ruflar, pelo murmurio da dôr dentro dos corações, pelos presagios telepathicos cujos soidos quasi insensiveis constituem as nenias das saudades, a harmonia dos soffrimentos, a doçura das religiões.

Este sujeito, segundo já está verificado, tem a exquisita mania de insultar a morte. Para elle a morte é o microbio, e a alma vôa, mas toda a gente lhe percebe o ruflar das azas pelos presagios telepathicos que são as nenias das saudades, etc., etc..

Tudo que ahi fica demonstra á saciedade que este clinico é um malfeitor publico, «carifranzido e barbilongo» como diria o senador Ruy.

Não queremos citar mais. Si houvesse policia no planeta, o dr. Austregesilo já teria sido ha muito tempo trancafiado num xadrez cheio de *chismes*, palavra que vimos pela primeira vez no ultimo discurso do sr. Ruy e que significa *percevejos*. Até quando, ó Policia, deixarás impune o dr. Austregesilo, o grande delinquente das letras patrias?

O coronel Roosevelt

Morreu Theodoro Roosevelt, dizem os telegrammas.

Grande estadista, commentam os jornaes.

Grande cabotino, opinam homens sensatos.

Doutor em direito, vaqueiro, deputado, presidente da Republica, caçador de feras, coronel de cavallaria, este cidadão foi antes de tudo um virtuoso norte-americano, isto é, um cabotino feliz. Foi o maior fiteiro do seculo. Nós nos orgulhamos do sr. Nilo Peçanha como fabricante de fitas de grande metragem; mas o sr. Nilo é um ingenuo, comparado com Roosevelt... Ha entre um e outro a distancia e a differença que vão de Campos a Nova-York...

Roosevelt não deixava de ter certas analogias de caracter com Guilherme II. Eram

ambos estupendos exemplares de hypertrophia do *Eu*. Guilherme queria dominar o mundo; Roosevelt teria dominado toda a America, si tal lhe fosse possivel. Ambos tinham a paixão das viagens, das caçadas, do palco scenico perante o universo, avidez insaciavel de reclamos. Viviam para as exterioridades. Apenas, Guilherme era fidalgo de raça; Roosevelt era plebeu; mas ambos se egualavam pelas attitudes de arrivistas. O desejo immoderado de gloria facil nivelava perante a consciencia humana o neto de Frederico II e o neto dos pelles-vermelhas...

Tendo mais liberdade individual do que o imperador, Roosevelt organisava caçadas aos tigres da India, aos leões da Africa e ás onças do Brasil; tendo menos liberdade individual do que o ex-presidente, Guilherme, não podendo ir caçar em dominios inglezes, organisou essa formidavel caçada de animaes humanos da qual lhe adveiu a ruina.

Roosevelt esteve a caçar no Brasil. Caçou dóllares e onças. Os dóllares caçou-os e ganhou-os elle no Rio, fazendo no Instituto Historico uma conferencia sem o menor valor, pela qual exigiu cerca de sessenta contos! Nunca pagámos tão caro um pensador mediocre. Mas, que querem? Esse homem tinha

atraz de si os Estados Unidos com o seu Capital, com a sua Industria, com a sua Esquadra e com a impulsividade collectiva da sua população sadia e rica. Não seria prudente ratinhar quanto ao preço da sua philosophia, embora ella fosse, por natureza e por evidencia, muitissimo barata. Imaginemos um vaqueiro (*cow-boy*,como lá dizem) phantasiado de Emerson e teremos a synthese mental do pensador Teddy.

Quanto ás onças, esse professor de energia foi caçal-as no Amazonas. Dizem que elle nunca tremeu deante dos tigres de Bengala; mas ha quem affirme que o Nemrod *yankee* ficou horrorisado quando se viu no *Inferno Verde*.

Eu acredito em ambas as versões. Não ha que temer os tigres da India. São tigres creados pelos inglezes especialmente para lisonjear a vaidade matadora dos Tartarins poderosos como Roosevelt. São animaes civilisados. Creio que alguns até pertencem á Alta Egreja Anglicana. Moram á beira de rios exploradissimos, cujas margens estão saneadas, vigiadas, incorporadas definitivamente ao disciplinado Imperio de Sua Graciosa Majestade.

Já não succede o mesmo com as nossas onças e os nossos jacarés da Amazonia. Esses

não vivem na doce companhia de hindus pantheistas, que aspiram ao Nirvana, como felicidade suprema; vivem em florestas dantescas, na companhia do indio astuto e do seringueiro feroz. Por isso Roosevelt, que só mantinha relações com feras britanisadas, arrepiou-se ao travar conhecimento com authenticas feras brasilicas. E, durante todo o tempo em que durou a sua caçada na Amazonia, elle só alimentou e loucamente um desejo: o de fugir, o mais depressa possivel, d'aquelle sombrio e espantoso inferno, onde, quem não morre da setta hervada do indio, nas garras da cangussú, entre os anneis constrictores da sucury, ou triturado pelas mandibulas do jacaré, ainda tem deante de si um inimigo mais subtil e perigoso: o impaludismo. E' preciso ser cearense para affrontar a Amazonia; ora, Roosevelt era apenas um norte-americano habituado á Quinta Avenida e que, vaqueiro na sua mocidade, campeara o seu gado cavalgando muito bons cavallos e por campos de doce clima, apto a travar amizade com todas as delicias da Civilisação. Ha retratos de Roosevelt matando tigres de Bengala; mas nunca vi retrato d'elle a luctar com a nossa onça pintada nem com um modesto jacaré, desses em que

os indios até chegam a montar para a atravessar o rio Amazonas.

Homem sympathico pela sua robustez organica e pela alegria com que sabia viver, foi um cabotino do mais alto bordo e, como decidiram em Paris, em certo concurso aberto por um jornal, era tambem, com as suas conferencias mediocres e suas lições de energia muito bem pagas, o primeiro cacete do mundo...

Que é uma offensiva ?

Chama-se offensiva o acto pelo qual um exercito se atira contra outro. Exercito é uma multidão de homens que, esquecidos de que são homens, obedecem a toques de cornetas, a rufos de tambores e a ordens de outros homens, tambem por egual esquecidos da sua hominidade. Entre um exercito e um rebanho a differença é nominal; porquanto, si os rebanhos não raciocinam, muito menos os exercitos; no dia em que os rebanhos raciocinarem, deixarão de ser rebanhos; no dia em que os exercitos raciocinarem, tambem deixarão de ser rebanhos; porque, no dia em que cada homem se convencer de que outro homem não tem o direito de perturbar-lhe a doçura da vida, para transformal-o em machina de matar e de morrer, esse outro homem, por sua vez, não terá coragem para lhe propor que deixe a fabrica, a familia, o gado, ou a charrúa, afim

de ir matar a outros homens que, como elle, tambem possuem teares, filhos, gado e charrúas. D'onde se conclue que os exercitos são producto da inconsciencia humana explorada pelo Capital. Exercito e Capital, que são hoje alliados, serão algum dia inimigos como o cão e o gato. Porque? Porque a primeira victima do Capital é o proprio Exercito. Os soldados morrem para que? Para sustentar os capitalistas que se escondem sob a abstração — *Patria*. Quanto ganha um general? Dois contos por mez. Quanto ganha um capitalista? Centenas de contos, por mez. Quando morre um soldado raso, com quanto fica ao mez a sua viuva, caso o Estado a sustente? Com algumas dezenas de mil réis. E a viuva do capitalista? Com algumas centenas de contos.

Mas como se faz uma offensiva? Assim: reunem-se muitos mil homens; outros homens, que saibam fallar, arengam deante d'elles, invocando a Patria, o Direito, a Civilisação e a Humanidade. Depois de embriagal-os com palavras, esses oradores, que geralmente são commandantes, fazem soar as trombetas. A trombeta é um instrumento diabolico que, soprado com certa arte e calor, actúa sobre o systema nervoso dos individuos, tirando-lhes a capacidade de pensar e de sentir outra coisa

sinão barbarias gothicas. Os commandantes dão ordem de avançar, e os homens avançam; os proprios cavallos, excitados pelos tangeres bellicosos, avançam heroicamente; os homens dão tiros de canhões, metralhadoras e carabinas sobre outros homens, que tambem ouviram discursos, inebriaram-se com o clangor das trombetas e dão tiros de canhões, metralhadoras e carabinas. Privados de sentidos e de intelligencia, intoxicados pela eloquencia dos generaes e pelo som das tubas canoras, combatem; grande parte, num e noutro campo, morre; milhares de outros, que escapam, ficam estropiados, cegos, surdos, inutilisados, mas contentes, porque recebem uma tirinha de panno e uma cruzeta de qualquer metal, que nem ao menos é ouro. No fim de tudo, uns consideram-se vencedores; os outros, vencidos, mas não convencidos da derrota, preparam novo ataque, que se chama contra-offensiva; mas offensiva, defensiva e contra-offensiva vem dar tudo no mesmo: é meio de perder a vida em beneficio dos fornecedores dos exercitos, quer de um quer de outro campo. De maneira que offensiva quer dizer: morte injusta; e a principal arma offensiva é a palavra humana; tanto assim que Ajax, filho de Oileu, dizia: «Antigamente eu

suppunha que a primeira arma era a acção; agora vejo que a primeira arma é a palavra». Quanto ao fim da offensiva, é defender a Patria, isto é, a riqueza dos ricos e a liberdade dos povos, por hypothese...

Christo ou Christa ?

Tem-se visto no Rio de Janeiro muita coisa extranha. Faltava-nos, entretanto, assistir ao que está annunciado para a Semana Santa: o papel de Christo, no *Martyr do Calvario*, feito no Recreio por uma mulher, a sra. Italia Fausta!

Dizem que a sra. Italia Fausta, quando representava ali no Campo de Sant'Anna, era admiravel no papel de Antigona, o que eu por mim mesmo não affirmo, porque não o vi. Dizem que S. Excellencia é admiravel na *Ré Mysteriosa*—o que eu tambem não affirmo, por não o ter visto. Dizem ainda que S. Excellencia é admiravel em tudo—o que eu mais uma vez deixo de affirmar, porque não conheço a illustre senhora nem em tudo nem em nada. Para evitar discussão, admitto que ella seja estupenda em scena e fóra de scena, quer no palco, quer nos bastidores; mas representando

o papel de Jesus-Christo?!... Não se deve julgar do que ainda não se viu; mas, francamente, não ha emoção de espectador que resista a estes pensamentos: «Aquelle Christo que ali vae, de cruz ás costas, ajudado pelo dr. Gomes Cardim, quero dizer, por Simão, o Cyreneu, é uma linda senhora; aquelles cabellos, porém, melhor diriam em Magdalena do que no Salvador; aquella garganta é tudo quanto ha de menos masculino; e si descermos pela garganta abaixo, verificaremos que aquillo não póde ser Christo nem á mão de Deus Padre»...

Assim pensando, iremos acompanhando os passos do Redemptor até o momento em que elle houver de ser pregado na cruz. Ahi então é que hão de resaltar, com evidencia scientifica, á luz forte das gambiarras, entre relampagos de breu e trovões de bombo, todas as differenças anatomicas que ha, que pelo menos devia haver, entre Jesus-Christo e a mulher de Pilatus. E quando Maria Magdalena se ajoelhar junto á Cruz, contrita, arrependida e lacrymosa, como Christo é femea, ficaremos nós a conjecturar si por ventura aquella Magdalena não será macho, para não perturbar o equilibrio do mundo...

Não, minha senhora, tenha paciencia. Têm-se visto homens a fazer de mulheres, mas mulher transformar-se em homem, e ainda mais — Homem-Deus, isso nunca se viu, embora se digam por ahi certas coisas... O nosso sexo é privilegiado. A quantidade de linhas curvas que abunda nas mulheres bellas permitte logo, á primeira inspecção, distinguil-as immediatamente dos homens; portanto a sra. Italia Fausta, quando fôr pregada na cruz (felizmente com cravos postiços), ha de revelar-se mulher até ao candido olhar dos impuberes. E si quizer ser tida e havida por Jesus-Christo, ha de recorrer a antiquissimos e obsoletos processos de carpintaria theatral.

No tempo de Shakespeare, como a arte scenographica ainda não existia, quando em scena se queria mostrar ao publico uma floresta, collocava-se no logar proprio um letreiro: *Floresta*. Quando se queria figurar a lua, pendurava-se numa trave uma lanterna, com um letreiro: *Lua*. Assim, a sra. Italia Fausta, si não quizer ser confundida com a mãe de São Pedro, deverá apparecer em scena com um letreiro na testa: *Jesus-Christo*. Ora, Jesus-Christo, que nunca foi réo mysterioso, quando apparece no theatro, mesmo no Rio, traz na cabeça a sua famosa corôa de espinhos, que

provavelmente deve ser incompativel com qualquer letreiro, ainda luminoso. Além disso, esse letreiro, por cima da corôa de espinhos, é uma crueldade tão inutil, que os proprios judeus não a praticaram.

Resumindo, cara sra. Italia Fausta, supplico-lhe, tão humildemente como se fallasse ao proprio Jesus-Christo, o seguinte: vá ter com o empresario e declare-lhe muito positivamente que Vossa Excellencia, por motivos anatomicos, não póde ser Christo; poderá ser, quando muito, Mãe de Deus, mas nunca Filho d'Elle. E si Vossa Excellencia persistir nessas intenções, que eu reputo contrarias á natureza e ao bom senso, irei ao theatro, na Sexta-feira Santa, de gravata vermelha e barrete phrygio, e farei berreiro para exigir que Magdalena seja o sr. Paulo Barreto.

Do leite, sua natureza e effeitos na economia

Chama-se leite certo veneno de côr branca com que se matam crianças em tenra edade e velhos em edade avançada. Empregado em alta dóse, póde ser de effeito fulminante. Está provado que os allemães, durante a offensiva na Belgica, não empregavam contra crianças e velhos outra arma sinão o leite do Brasil, de que tinham comprado grandes partidas antes da guerra. O leite, logo que é assimilado pelo organismo, age directamente sobre todas as visceras. O estomago do paciente dissolve-se; os intestinos desapparecem sob a acção corrosiva de certos acidos, ainda desconhecidos, que o leite desenvolve no organismo humano; o coração, os rins, o figado e o baço liquefazem-se. Algumas vezes, tanto na clinica hospitalar como na clinica civil, tem-se procurado salvar taes

doentes, empregando, quer por via gastrica, quer em injecções endovenosas, soluções de bi-chloreto de mercurio, ou de cyaneto de potassio em agua raz, a 95 %; mas, apezar disso, sobre cem casos de intoxicação pelo leite, noventa e oito são quasi sempre fataes. Na Santa Casa, logo que se tem noticia ou simples suspeita de que um doente, desilludido de cura, conseguiu ingerir ás escondidas uma colher de leite, applicam-se-lhe, caso o permitta a sua tensão arterial, injecções intramusculares, consecutivas, de uma solução de sulfato de cobre misturado com chloreto de zinco, ou arseniato de chumbo, na proporção de 600 por 1000.

Ultimamente quiz a Hygiene Municipal prohibir o commercio desse activissimo veneno, ou ao menos regulamental-o como regulamentou o da cocaina, do opio e da morphina, permittindo o seu uso clandestino só a adultos de ambos os sexos que não tenham muito interesse em viver; mas o juiz da 1ª Vara Federal garantiu por sentença a liberdade desse nefando commercio. De sorte que o leite continúa a ser vendido ás escancaras, em plena cidade do Rio de Janeiro! Não ha a menor providencia, nem de caracter hygienico nem de caracter meramente policial, con-

tra a disseminação desse toxico destruidor, tanto mais perigoso quanto mais suavemente se faz a sua ingestão, havendo até medicos tão levianos e ignaros, que chegam a prescrevel-o como alimento a doentes submettidos a dieta! Dito perante qualquer sociedade medica de qualquer paiz medianamente civilisado, não seria acreditado por ninguem. Houve um professor allemão que, discorrendo sobre as propriedades da agua, declarou a seus alumnos pasmados: «Existem povos barbaros que bebem protoxydo de hydrogenio!» Entretanto isso nada é, embora a agua, principalmente no Rio de Janeiro, tenha propriedades extraordinariamente nocivas. Não sei o que diria esse homem de sciencia, si soubesse que os cariocas não só bebem leite como até o dão a seus filhos e aos enfermos.

Esse amor dos cariocas pelo leite é alguma cousa como a paixão dos chinezes pelo opio, salvo os effeitos soporiferos, immediatos e deprimentes, do opio, que são muito menos nocivos á saude. Ainda assim o commercio do opio decresceu muito desde que a Inglaterra, de commum accordo com outras grandes potencias européas, resolveu perseguil-o, como perseguiu o nosso trafico de negros escravisados. Quando se disporá alguma das gran-

des potencias européas a perseguir o commercio do leite entre nós com a mesma efficiencia com que se combateu o consumo do opio na China?

Necessario, entretanto, se faz dizer que o leite é nocivo em alto grau aqui no Rio. Em Minas e no Rio Grande do Sul, por exemplo, graças á paradisiaca innocencia do meio, o veneno não tem tanta virulencia. Demais, não se pódem negar ao leite, desde que chegue ao Rio, certas propriedades therapeuticas bastante uteis. Por exemplo: empregado como antidoto do veneno ophidico, não deixa de ter efficacia. O veneno da urutú, para só citar o mais peçonhento dos nossos ophidios, raramente resiste a uma injecção endovenosa de leite que tenha quatro horas de permanencia no Rio de Janeiro. Ainda meia hora depois do paciente ter sido picado pela urutú, póde ser salvo com uma ampola de um centimetro cubico de leite. No caso de picadas de algum insecto venenoso, como o escorpião, a centopeia, o carangueijo e outros, basta, para pôr a victima fóra de perigo, uma simples fricção local, sobre a mordedura, tendo, entretanto, o paciente o cuidado de não levar á bocca a parte friccionada, para evitar

accidentes dolorosos, como gengivites e outros semelhantes.

Mas essas propriedades therapeuticas, sem duvida preciosas, nem por isso deixam de ser extremamente perigosas, quando mal applicadas, motivo por que o governo, para evitar a degenerescencia da nossa raça, deve, ou prohibir, ou ao menos regulamentar a venda do leite, como se regulamentou a da morphina.

O anno humoristico, litterario e social

Resumir em tão breves linhas o que houve de comico no anno de 1919 é tão difficil como resumir a tristeza de um cemiterio.

Em 1919 tivemos circos de cavallinhos, dr. Delphim Moreira, Joaquim Osorio, festas nacionaes, dr. Austregesilo, F'linto d'Almeida, Teixeira Mendes, etc., etc.

A dizer a verdade, esses homens e factos nos fizeram sorrir por um instante, mas não nos desopilaram o figado.

O dr. João do Rio, capacho em que todas as manhans alimpa os seus tamancos a colonia portugueza, teve tres banquetes.

Medeiros e Albuquerque ficou em opposição ao governo, depois de ter sido redactor-chefe de um matutino — *O Imparcial* — durante quarenta e oito horas.

A professora Daltro andou com o seu grupo de obuzeiros de saias ahi pelas ruas e,

no dia da chegada do Presidente Epitacio, promoveu um conflicto junto ao portão do Arsenal de Marinha.

O dr. Nilo Peçanha fez-se cada vez mais agricultor.

O dr. Antonio Carlos fez-se cada vez menos financista; e o sr. Bressane, cada vez mais coronel, tornou-se cada vez mais fervoroso adepto do genio politico do senador Francisco Salles . . .

Tudo isso são, ou melhor, foram pilherias. Não o são mais. O que não sei é de que lado estará a incapacidade, isto é, si seremos nós os incapazes de rir com ellas, ou si ellas é que serão incapazes de nos fazer rir.

Em verdade, rimos cada vez menos. As mulheres cariocas riem pouco para não prejudicar a pintura do rosto, ou melhor, para que não se lhes estale o verniz do carão. Quanto aos homens, ai de nós! Como havemos nós de rir, de dar uma bôa gargalhada, daquellas, já não digo dos deuses de Homero, mas ao menos do tempo de dom João VI?

E' que as preoccupações materiaes nos absorvem. Não temos tempo nem para rir nem para ficar extacticos deante de uma bella mulher. Mal vamos descerrando os labios para

uma risada e já nos chegam noticias apavorantes: são os russos que continuam a ameaçar o mundo com o incendio maximalista; são os italianos, que querem tomar Fiume; são os francezes, que não nos querem restituir os navios que tomámos aos allemães; são os japonezes, que querem não sómente invadir a Siberia como ainda vir trabalhar no Brasil, o que representa para nós um dos maiores perigos contemporaneos; são os operarios que se declaram em parede; são os anarchistas estrangeiros que nos ameaçam a bombas; é o cambio que sobe num dia para descer no outro e tornar a subir no dia seguinte...

Haverá, no meio de todas essas catastrophes, tempo para rir?

Grandes foram os esforços feitos, durante a legislatura de 1919, pelo deputado Joaquim Fagundes (*né* Osorio) para nos proporcionar gargalhadas. O deputado Joaquim é innegavelmente um grande humorista. Um grande humorista e um santo. Admiro-o e venero-o. Joaquim combateu tudo quanto não fosse pacifista e positivista. Joaquim gritou, berrou, esmurrou a carteira, urrou, zurrou e azurrou. Joaquim é Clothilde. Joaquim é Augusto Comte. Joaquim é Borges de Medeiros. Joaquim é Teixeira Mendes. Joaquim é espantoso. Em

summma, Joaquim é feliz, como Marcolino Barreto, como João Menezes, como Bressane. Uma flôr de humorismo! Numa bancada de humoristas, como é indubitavelmente a do Rio Grande do Sul, Joaquim conseguiu derrotar o proprio dr. Carlos Maximiliano, que é o grande mestre do humorismo applicado ao direito constitucional. Pois apezar de todos os seus esforços para nos matar de rir, Joaquim Praxedes não conseguiu mais que nos fazer sorrir uns sorrisos amarellos e verdes, como a bandeira nacional...

E a litteratura, a sempre respeitavel litteratura nacional?

A litteratura no Brasil é uma coisa que Austregesilo cultiva e Afranio Peixoto illustra.

Austregesilo é o medico-physico espontaneo das meninas anemicas que ainda não apprenderam a ler por cima...

Afranio Peixoto é o Marcel Prévost de oleo de ricino, asso oxygenado, que alinhava periodos de cascalho e se esquece das origens ethnicas do seu sangue, graças ás maravilhas do *Henné* e do *Diplozon* applicado aos cabellos e aos bigodes. Ainda espero vel-o de cabellos verdes e bigodes azues, que a Sciencia para tudo tem recursos. O seu ultimo romance TRUTA DO MATTOS tem, logo ás

primeiras paginas, a descripção de uma mulher, que é um prodigio de humorismo. Basta dizer que a rapariga do dr. Afranio tem a beiçorra dependurada na ponta do nariz, bem na ponta, diz elle. E, para não pensarem que invento, vou transcrever textualmente da TRUTA DO MATTOS, paginas 6 e 7, o que diz esse psychologo de azeite de dendê: «Os bastos cabellos atados num coque pezado, a linha direita da testa, o nariz pequeno e na ponta, bem na ponta, arregaçado com tanta graça, a saliencia dos labios, entreabertos para a palavra que a lingua molhava a miudo num gesto faceiro, o queixo, o mento, o pescoço roliço, o collo cheio sem demasia, mas com altivez, esvaindo-se na cintura delgada.» Que synthese luminosa! Que clareza aryana! A regular pelo estylo, o dr. Afranio é aryano puro, o unico aryano *pur sang* que existe no universo. Figurem a idéa que este infusorio da litteratura faz de uma mulher bonita: ella deve ter a saliencia dos labios na ponta, bem na ponta do nariz, como as argollas de ferro que os selvagens costumam trazer nos delles! E o collo esvaindo-se na cintura? Que descripção! Mas não é descripção: é um inventario. O dr. Afranio, avido de pecunia e ambicioso de posições como todos os albinos, deve entrar para

um cartorio. Sua Senhoria, com mais um pouco d'agua oxygenada nos bigodes, daria um bom escrivão. O dr. Afranio tem má vista — o que é commum entre assos: acha bonita uma mulher que tem os beiços pendurados na ponta do nariz, mas, apezar de tudo, é um grande humorista. E' um Swift *doublé* de um George Ohnet, combinado com Tristan Bernard e com influencias de Perez Escrich. O seu estylo é o de um Cervantes que não tivesse escripto o DOM QUIXOTE, e ao mesmo tempo o de um Joaquim Manoel de Macedo antes do MOÇO LOURO. As suas tendencias psychicas accusam influencias ancestraes do poeta Luiz da Gama, quando escreveu a *Bodarrada*, e traços recentes de Hemeterio José dos Santos...

Outro facto de grande alcance humoristico em 1919: o dr. João do Rio veiu da Europa condecorado (realmente somos cada vez mais desconhecidos dos europeus!) e proclamado o maior psychologo da Grande Guerra.

O dr. João do Rio é o Lavisse brasileiro, quero dizer, é um Lavisse *doublé* de um W. Stead, com influencias de Jules Huret e grandes predilecções por Stephane Lauzanne. Nota-se no seu estylo a tortura de um Michel George Michel em amalgama com Jean Lorrain e tendendo um pouco para a fórma superior de

Manuel de Souza Pinto, depois de ler uma pagina de Gomez Carrillo.

O dr. João do Rio, pois, chegado da Europa, recebeu um banquete da laboriosa colonia portugueza, por ser amigo de Portugal, e isto mostra que elle sabe viver...

Logo a seguir, como é amigo pessoal de D'Annunzio, atravez das informações do embaixador Souza Dantas, recebeu tambem um banquete da activa colonia italiana. Vae dahi, por ter tido um banquete da laboriosa e outro da activa, recebeu tambem um outro da resignada colonia brasileira neste vasto Hotel dos Estrangeiros, que é o Rio, o delicioso Rio de Janeiro, este suavissimo Rio de João. De sorte que chegamos a isto: por se dizer amigo de Portugal, recebeu João um banquete dos portuguezes; por ser amigo de D'Annunzio, recebeu outro dos italianos; e por ter recebido estes dois, ganhou mais um, offerecido por brasileiros! Isto é que me deixa um tanto perplexo: ver um gentilhomem receber um banquete só pelo simples facto de haver recebido anteriormente dois outros...

Creio que não vale a pena insistir nesses melancholicos aspectos de humorismo que são os srs. F'linto d'Almeida, Teixeira Mendes, Reis Carvalho, Francisco Bressane, João Me-

nezes e outros notaveis escriptores da antiga geração. Deixemol-os em paz. Em 1920, si Deus me der tinta e saude, pretendo cuidar de outros assumptos. Já tenho os dedos cansados de brincar, durante tantos mezes, com Austregesilos, Afranios e Hermes Fontes, esses innumeraveis Hermes Fontes de que se compõe a poesia nacional. Adeus, pois, ó genios! Bôas entradas, ó amigos humoristas do Parlamento, das Letras, das Religiões e da Vida Elegante! Deus vos dê muita veia comica para nos divertirdes na imprensa, e muito acido urico para vos divertirdes a vós mesmos e a vossas esposas na intimidade, nessa intimidade doce em que a mulher escova as unhas, e o marido apara os callos, ambos felizes, contemplando a prole futurosa e aguardando o libertador ataque de uremia que os ponha ao abrigo de folliculários impertinentes como este sujeito que, com todo apreço, se subscreve

Vosso admirador e amigo,

ANTONIO TORRES.

Indice

INDICE

PAGS

PAGS.

ANTONIO TORRES

VERDADES INDISCRETAS

2ª edição
(5.º Milheiro)

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA CASTILHO
A. J. DE CASTILHO — Editor
RUA S. JOSÉ, 114
1920